**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**RONÍSIA MARA MOURA SILVA**

# ASSENTAMENTO SERAFIM: MEMÓRIAS DE MIGRANTES E A LUTA PELA TERRA NO SUL DO MARANHÃO NO PERÍODO DE 1950 A 2015

Ponta Grossa

2017

**RONÍSIA MARA MOURA SILVA**

# ASSENTAMENTO SERAFIM: MEMÓRIAS DE MIGRANTES E A LUTA PELA TERRA NO SUL DO MARANHÃO NO PERÍODO DE 1950 A 2015

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História para obtenção do título de mestre pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Área de concentração: Instituições e sujeitos: saberes e práticas.

Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi.

Ponta Grossa

2017

**Ficha Catalográfica**
**Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG**

Silva, Ronísia Mara Moura
S586 Assentamento Serafim: memórias de migrantes e a luta pela terra no Sul do Maranhão no período de 1950 a 2015/ Ronísia Mara Moura Silva. Ponta Grossa, 2017.
127f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi.

1.Sul do Maranhão. 2.Assentamento Serafim. 3.Conflitos. I.Laverdi, Robson. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História. III. T.

CDD: 333.31

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**RONÍSIA MARA MOURA SILVA**

**ASSENTAMENTO SERAFIM:**
**MEMÓRIAS DE MIGRANTES E A LUTA PELA TERRA NO SUL DO MARANHÃO NO PERÍODO DE 1950 A 2015 .**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 01 de agosto de 2017, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. ROBSON LAVERDI (UEPG)
(Orientador)

Prof. Dr. DAVI FÉLIX SCHREINER (UNIOESTE)

Profª. Drª. ROSANGELA MARIA SILVA PETUBA (UEPG)

Ponta Grossa, 01 de Agosto de 2017

Dedico aos meus pais, Raimundo Januário e Teresinha Fernandes, meus referenciais de luta e conquistas.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho encerra uma trajetória de dois anos no programa de pós-graduação (mestrado) da UEPG/PR. Esse período representa muito, desde adaptação a uma nova rotina de vida diferente do meu cotidiano no Maranhão, novas amizades construídas e que passaram a fazer parte da minha história de vida e memórias, temporada de grandes experiências e aprendizado. Essa dissertação não se resume a encerrar mais uma etapa, o significado é bem maior, pois não há empecilho quando se tem um sonho e, para mim, os sonhos não envelhecem.

Obrigada Deus, pela vida, sabedoria e por sempre iluminar meu caminho.

Ao meu orientador, Robson Laverdi, pelo incentivo, compromisso, dedicação e respeito em todos os momentos de orientação. Por ter acreditado em mim e pela segurança que sempre me passou nos momentos de diálogos sobre a pesquisa. É uma honra tê-lo como orientador, sou grata imensamente pelo carinho, atenção em todas as nossas conversas e pela oportunidade de crescimento intelectual e pessoal.

Ao Prof. Dr. Davi Félix Schreiner, agradeço pela disponibilidade de informações e material sempre que solicitei e por todas as contribuições que possibilitaram reflexões acerca da pesquisa. Profª. Drª. Rosângela Petuba, sou grata pelas considerações feitas durante a qualificação e por ter aceitado o convite para participar da banca de defesa.

Aos professores queridos do departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), pelos incentivos e por acolherem de forma respeitosa a pesquisa.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em História, na pessoa do coordenador do Mestrado em História, Erivan Cassiano Karvat, grande ser humano, obrigada pelo apoio e ajuda sempre que solicitei.

Ao INCRA de Imperatriz, por ter cedido a documentação da Fazenda Serafim; foi de grande importância para analisar as informações presentes no arquivo.

À FAPEMA, por ter sido fundamental nesse processo em que estive residindo em Ponta Grossa.

Aos colegas maranhenses que me receberam em Ponta Grossa: Thays, Rodrigo e Nayane. À turma do Mestrado em História: Nathália, Danila, Andresa, Álvaro, Fernanda, Daniel, Edson e aos demais colegas. Sempre serei grata pelo carinho.

Aos professores da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) de Imperatriz, nas pessoas de Regina Célia, Raimundo Nonato B. Costa e Jessé Cutrim. Obrigada pela ajuda.

Aos amigos do Maranhão, ao querido Julio, pelas palavras de motivação nas horas de angústias e que foram fundamentais nesses determinados momentos, Cristiana, Sueline, Bruna, Ana Paula, André Araújo, Bispo, Josy e Karilene.

Gratidão imensa à base que me impulsiona na caminhada, meus pais e irmãs (Rise Maryele, Rosilene, Rísia Mayanne), ao Bob, que é membro da família, Irene, que é mais do que uma grande incentivadora... Estendendo a todos os meus familiares de modo geral.

Aos homens e mulheres do Assentamento Serafim, minha gratidão e respeito são eternos. O carinho que tiveram comigo, acolhida em suas moradias, colocaram-se à disposição da pesquisa e compartilharam suas histórias de vida, sentimentos de forma carinhosa, respeitosa e espontânea. No contexto atual em que vivemos, em que a incitação à violência e o ódio assumem grandes dimensões, foi maravilhoso ter a oportunidade de ouvir e registrar cada uma dessas belíssimas trajetórias de vidas, repletas de simplicidade e significância. Sou muito grata!

## RESUMO

Este trabalho investiga as lutas pela posse de terra no estado do Maranhão, especificamente na região Sul maranhense, no município de Estreito-MA. Foi protagonizada por trabalhadores rurais migrantes de várias localidades deste estado, que ocuparam a área da Fazenda Serafim, decorrendo na formação do acampamento/Assentamento Serafim, na década de 1980, resultante das trajetórias de itinerâncias, motivadas pelo intuito de alcançarem melhores condições de vida. Portanto, objetiva-se compreender, por meio das memórias e experiências dos trabalhadores, as dimensões da luta pela terra, de forma a entender como eles atribuem significados as suas atuações nesse processo histórico da luta camponesa e de que forma o protagonismo desses sujeitos transformou a realidade regional. O Sul do Maranhão apresenta, do ponto de vista do relevo, aspectos bastante definidos, como a predominância de chapadas, cuja vegetação original é o cerrado. Também a presença de rios que servem de limites entre estados e cidades com uma vinculação forte com o espaço rural. Compreender as práticas que envolvem grupos sociais que reivindicam a posse pela terra no Sul do estado é percorrer uma estrada tortuosa, com várias pegadas e obstáculos. É trilhar o caminho de um passado cheio de fragmentos. Os conflitos que ocorreram nesse espaço foram resultantes de disputas pela apropriação das terras devolutas, sendo marcados não somente pela violência física como também simbólica. Os sujeitos que formaram o acampamento/assentamento Serafim têm forte vínculo com o espaço rural, seja porque residiram, trabalharam ou porque tiveram como base familiar as origens e a identidade com a terra. As gerações aí presentes vêm reelaborando seus modos de vida, suas práticas, perspectivas, mas acima de tudo construindo representações que são resultantes de experiências e da própria pertença ao lugar. Esses, por sua vez, habitam o espaço rural, reelaborando significações por meio da forma como construíram o lugar, privilegiando modos de vida e trabalho.



**Palavras-chave:** Sul do Maranhão, Assentamento Serafim, Conflitos.

## ABSTRACT

This work investigates the fights over land ownership in the state of Maranhão, specifically in the southern part of the state, in the city of Estreito. It was fought by migrant rural workers from many parts of the state who occupied the area of Fazenda Serafim, which resulted on the creation of the encampment/settlement Serafim in the decade of 1980, resulting from the paths of itinerancy, motivated by the goal to achieve better conditions of life. Our objective is to understand through memories and experiences of the workers, the extent of the fights they fought, how they assign meanings to their actions in this historical process of the rural fights and in which way their actions transformed the reality of the region. The south of Maranhão presents very defined aspects in terms of geography, with the predominance of plateaus, which has the vegetation of cerrado. There are also rivers which are used as limits for states and cities, with strong connection to the rural space. Understanding the practices that involve social groups that fight for land ownership in the south of the state is to go through a winding road with many footprints and obstacles. It is to tread a path of a past full of fragments. The conflicts which occurred in this space were a result of disputes for the appropriation of wastelands, permeated not only by physical violence, but also by symbolical violence. The individuals who constituted the encampment/settlement Serafim are strongly linked to the rural space, because they lived, worked or because they had as the base of the family the origins and the identity with the land. The generations there present are reelaborating their ways of life, their practices, perspectives, but above all constructing representations which are resulting from experience and the belonging to the place. These, live in the rural space, reelaborating significations through the way how they built the place, favouring ways of life and work.



Key-words: South of Maranhão; Settlement Serafim; Conflicts

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Área da Fazenda Serafim contendo delimitações do local.....28

MAPA 1 - Localização do Assentamento Serafim no município de Estreito .....19

MAPA 2 - Municípios de Pindaré-Mirim, Santa Luzia, Santa Inês e demais da região maranhense .....52

MAPA 3 - Malha viária de rodovias federais, estaduais e municipais.....64

FOTO 1 - Raimunda Ferreira Bezerra com sua criação de animais.....88

FOTO 2 - Moradia dos assentados atualmente.....90

FOTO 3 - Escola Municipal Pedro Gomes.....113

FOTO 4 - Posto de Saúde Alzerinda Gomes.....115

## LISTA DE SIGLAS

| | |
|---|---|
| AP | Ação Popular |
| CENTRU | Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural |
| CNBB | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| CEBs | Comunidades Eclesiais de Base |
| CPT | Comissão Pastoral da Terra |
| CNPT | Conselho Nacional Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais |
| CETRAL | Centro de Estudos do Trabalhador Rural |
| CTI | Centro de Trabalho Indigenista |
| CCAMA | Central de Cooperativas Agroextrativistas do Maranhão |
| CUT | Central Única dos Trabalhadores |
| FETAEMA | Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Maranhão |
| INCRA | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| MEB | Movimento de Educação e Base |
| MST | Movimento dos Sem Terra |
| PCB | Partido Comunista Brasileiro |
| PSDB | Partido da Social Democracia Brasileira |
| STTR | Sindicato dos Trabalhadores Rurais |
| UDR | União Democrática Ruralista |

**SUMÁRIO**

**Apresentação** ..... 11

**Capítulo 1 - Fazenda Serafim: além da fronteira** ..... 19

**Capítulo 2 - Assentamento Serafim: memórias da luta pela terra** ..... 56
2.1 A trajetória dos assentados ..... 61
2.2 Experiências cotidianas ..... 69
2.3 Organização coletiva e Sociabilidades ..... 77

**Capítulo 3 - As ressignificações da luta no presente** ..... 91
3.1 Dinâmicas do vivido em tempos de transição ..... 92
3.2 Memórias mergulhadas no presente: Desafios e Perspectivas ..... 103

**Considerações Finais** ..... 114
**Fontes** ..... 119
**Referências** ..... 121

# APRESENTAÇÃO

A história da luta pela terra no sul do Maranhão, a partir das itinerâncias de trabalhadores rurais de várias localidades, constitui uma das expectativas dessa pesquisa, de modo que buscar conhecer as trajetórias e experiências desses itinerantes significa pensar novas possibilidades sobre a migração no estado, nas décadas de 1960 a 1980, que se encontram marcadas nas narratividades de quem vivenciou de fato esse processo.

Principalmente porque a fronteira que delimita a região do Bico do Papagaio (TO) com o Sul maranhense passou a receber visibilidade em termos econômicos para o estado em meados da década de 1970, após a construção das rodovias federais que passaram a interligar vários municípios da região, o que consequentemente atraiu um grande número de trabalhadores migrantes.

O objetivo deste trabalho é compreender as experiências e a organização social vividas no acampamento/Assentamento Serafim, localizado em Estreito - região Sul do Maranhão, espaço formado por trabalhadores rurais itinerantes, que encontraram na migração uma maneira de conquistar possíveis sonhos e sair de situações conflitantes. Por isso, objetiva-se conhecer as dimensões da luta pela terra, entre os anos 1950 e 2015, protagonizadas por esses sujeitos. Para isso, buscou-se entender como os diferentes sujeitos sociais, que participaram das lutas pela terra naquela região, atribuem significados as suas atuações no processo histórico da luta no campo, no período estudado, especialmente em relação aos seus protagonismos na transformação daquela realidade regional. A definição do recorte temporal é justificada por abranger o processo da migração no estado, momento inicial do processo que incorreu na formação do acampamento/assentamento, a legislação da terra e fontes de imprensa que abordam esse período.

O que despertou atenção para aprofundar os estudos sobre a temática foi, primeiramente, a necessidade de trabalhos que abordem o contexto histórico regional do Sul maranhense, como também os vários protagonistas que fazem parte dessa história de luta, mas que foram marginalizados pela sociedade e tiveram suas vozes silenciadas. Ainda há poucos trabalhos acadêmicos produzidos sobre tal contexto, principalmente que abordem a luta de posseiros. A noção de posseiro se apresenta dentro desse contexto, em disputa. O uso deste termo no trabalho foi efetivado, a partir do conceito

de Airton Pereira, para quem eram considerados posseiros os trabalhadores rurais que há tempos ocupavam áreas devolutas como posses antigas, que não eram contestadas, e nelas fizeram moradias para suas famílias[1]. Por essa noção aparecer nas narratividades produzidas no Sul do Maranhão, sendo a forma como os trabalhadores do Serafim se reconhecem nesse processo, foi utilizada em alguns momentos.

As inquietações a respeito das problemáticas da região iniciaram ainda como estudante secundarista e se tornaram mais fortes como estudante de graduação da Universidade Estadual do Maranhão. O contato com o movimento estudantil e, depois, o engajamento no centro acadêmico de História me aproximaram cada vez mais de discussões que envolviam a realidade regional.

Pouco tempo depois, em 2012, assumi concurso público, na função de professora para zona rural do município de Açailândia, a uma distância equivalente a 150 km do município de Imperatriz, onde resido. Morei e trabalhei durante um ano em dois assentamentos: Novo Oriente, como concursada; e a 14 km de lá, na condição de professora seletivada, no assentamento São José. Esse momento foi de experiências simbólicas, primeiro por nunca ter vivido no meio rural, o que possibilitou conhecer dinâmicas diferentes de tudo que perpassou o imaginário sobre o lugar, antes de manter contato com ele. As relações que construí no espaço foram significativas. Algo que observei no local foi a importância da permanência de costumes passados por gerações e que eram mantidos pelas famílias; a forma como os sujeitos reelaboravam suas memórias; percebi que, mesmo em virtude da carência em termos de estrutura educacional e muitas outras, isso era o que os motivava a continuar lutando pela permanência no local. Dois assentamentos e duas dinâmicas completamente diferentes, ambos ligados ao Movimento dos Sem Terra – MST, composto por migrantes baianos, descendentes de alemães, presença forte da juventude, meios de produções distintos. Esses fatores proporcionaram momentos de reflexão, juntamente com outros elementos simbólicos presentes naqueles espaços, analisando como aquele contexto estava além de uma realidade local. A partir de então, conheci cerca de mais dez assentamentos, todos com forte relação com o MST, principalmente por terem surgido na década de 1990, período em que o movimento já tinha grande atuação na região. Por conhecer de perto

[1] PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo. 2013. 278f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013, p.11.

essas dinâmicas, tornou-se interessante, a partir da elaboração da problemática para a dissertação, trabalhar com um assentamento da região.

Por meio da visita ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), na cidade de Imperatriz (MA), realizei mapeamento nas documentações de terras dos primeiros assentamentos formados no Sul do estado, tive acesso às principais informações, incluindo o processo jurídico das terras. Busquei identificar os espaços em que houve permanência do grupo que ocupou a área, pois possibilitaria ter acesso a uma riqueza maior de informações. Dessa forma, conheci o acampamento/assentamento Serafim, que apresentava não somente uma dinâmica própria, mas também mantinha a permanência dos protagonistas responsáveis pela formação do assentamento - uma realidade que não é comum nas outras comunidades formadas por trabalhadores rurais da região.

Nessa pesquisa, utilizo a história oral, de modo a conhecer as histórias de vida que direcionaram esse estudo. Um dos aspectos das fontes orais é a possibilidade de conhecer as tensões que envolvem os sujeitos e o espaço social onde vivem, além de fornecer elementos que possibilitassem reconstruir práticas exercidas pelos sujeitos. Trabalhar com narrativas de memória desses trabalhadores proporcionou um novo olhar sobre a história da região sul maranhense, sendo que as dimensões dessas itinerâncias são produzidas nas experiências e trajetórias constituídas em várias situações.

A pesquisa de campo foi importante por proporcionar a produção de um material organizado das memórias e experiências desses sujeitos.

A problemática possibilitou decidir os caminhos que a pesquisa poderia seguir. Para dar conta dos objetivos, utilizei a história oral, o que possibilitou fazer uma discussão sobre memória, além de valorizar as vozes dos mais diversos grupos sociais e possibilitar outras versões ao processo histórico, dando visibilidade às vozes silenciadas ou esquecidas no processo. Em relação a isso, a pesquisadora Janaína Amado explica que

> Mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm.[2]

[2]AMADO, Janaína. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. Revista História, São Paulo, n.14, 1995, p. 135.

Com o objetivo de fazer uma análise das experiências dos sujeitos, a partir da leitura que estes fazem de suas próprias experiências, a história oral se tornou imprescindível. De acordo com o conceito de experiência desenvolvido nos estudos de E. P. Thompson, as pessoas também experimentam suas experiências como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, reciprocidades, valores ou por meio de formas mais elaboradas.[3] A partir da compreensão desses elementos e da analise das fontes produzidas no assentamento, foi possível explorar o local em que vivem os sujeitos.

Desta maneira, é importante pensar as entrevistas produzidas como uma ferramenta que possibilita, por meio da narratividade dos protagonistas, conhecer os significados atribuídos às vivências, tanto em grupo como individuais. Por isso, é importante ressaltar o significado da entrevista concebido por Alessandro Portelli, quando relembrou que uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos, ou seja, literalmente uma visão mútua, pois uma parte não pode realmente ver a outra, a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca.[4] Compartilho o entendimento de Verena Alberti, quando destacou:

> Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveita, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas. [5]

Nesse contexto, a entrevista é um caminho para se conhecer, por intermédio do passado, as complexidades do presente, que são mediadas pela memória. Conforme Portelli, as entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos; elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.[6] A partir de cada fala, é possível compreender e também interpretar as diferentes temporalidades,

---

[3]THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.189.
[4] PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral**: a pesquisa como um experimento em igualdade. São Paulo: História,1997, p. 9.
[5] ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: texto em história oral/o lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 22.
[6] PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. São Paulo: História, 1997, p. 31.

principalmente porque são momentos marcados pelo presente e passado, entrelaçados na memória. Nesse contexto, Pierre Bourdieu pontuou que falar de histórias de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história.[7] Assim, o estudo de memórias é indispensável para que se compreendam a experiência individual e a grupal, pois, por meio delas, tem-se um entendimento dos significados que os indivíduos atribuem as suas histórias e ao local onde vivem. Portelli ressalta que a característica importante da memória consiste em entender que a mesma não é um depósito passivo de fatos, mas sim um processo ativo de criação e significações. Ressalta ainda que o narrador, ao construir um relato de memória, produz sentido para o passado e também para a vida.[8]

É preciso considerar também que as fontes produzidas, a partir das entrevistas com dezesseis trabalhadores rurais do assentamento, incluindo idosos e jovens, tiveram o intuito de analisar e interpretar as mensagens, movidas pelo desejo de produzir histórias de vidas juntamente com os sujeitos. Elas se juntaram a outras entrevistas que foram incorporadas à pesquisa, devido à riqueza de informações que possuíam. Para isso, utilizei um roteiro semiestruturado, que possibilitou manter proximidade entre entrevistador e entrevistado e proporcionou aos protagonistas a liberdade para conversarem sobre suas trajetórias de vida e experiências, desde a chegada à Fazenda Serafim.

Nesse processo, tornou-se indispensável debater com as fontes de imprensa, analisando com cuidado tais fontes. Ressalta-se que, até 1970, a utilização de periódicos impressos como fonte de pesquisa por parte da historiografia brasileira era vista com desconfiança. Todavia, a partir da referida década, ocorreu um crescimento significativo do uso dos jornais impressos em diferentes objetos de estudo.[9] Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas.[10]

---

[7] BOURDIEU, Pierre. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição). Rio de Janeiro: FGV, 1986, p. 183.
[8] PORTELLI. Alessandro. op.cit.; p. 33.
[9] LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa**: delineamentos metodológicos. Rio Grande do Sul, 2015, p. 4. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view
[10] PINSKY, Carla. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 112.

Para a pesquisa, utilizei os jornais *O Progresso e O Imparcial*, ambos de grande circulação na região. O uso dessas fontes possibilitou entender o discurso e posicionamento do Estado com relação aos movimentos que lutavam pela terra, pois havia interesses com relação a isso. A pesquisadora Thays Assunção Reis, ao analisar a cultura nos diários maranhenses, apontou que o jornal *O Imparcial*, fundado em 1926 por José Pires Ferreira, apresentou uma nova forma de fazer jornalismo para a época, caracterizada pela "imparcialidade" na apuração das informações. O periódico surgiu no como um caderno, hoje o espaço resume-se a duas páginas, podendo chegar a três, com matérias jornalísticas, roteiro cultural, resumo das telenovelas e variedades. A equipe da publicação é formada basicamente por um editor, pois não há repórteres exclusivos para a cobertura de cultura.[11] Já *O Progresso* é intitulado como um jornal de expressão regional, é o impresso mais antigo em circulação de Imperatriz, fundado em 3 de maio de 1970 pelo empresário gráfico José Matos Vieira e pelo jornalista Jurivê de Macedo. O impresso conta com três diagramadores, uma revisora, dois colunistas sociais e outros colaboradores. O jornal circula em Imperatriz e municípios do oeste do Maranhão, além de cidades do sul do Pará e do norte do Tocantins, mais precisamente da região do Bico do Papagaio[12].

É interessante ressaltar as divergências nas matérias jornalísticas, quando abordavam conflitos decorrentes em ações violentas envolvendo posseiros e forças policiais. Algumas matérias geralmente não tinham grande extensão, sendo na maioria das vezes situadas no cantinho do jornal, quase sem visibilidade; em outras matérias, recaíam sobre os posseiros descrições duvidosas, expressões negativas direcionadas aos trabalhadores. Isso me fez entender que não se tratava de um veículo de informação que detinha liberdade em seu discurso, explicitando um discurso de interesses. De acordo com Cruz,

> ao iniciarmos a análise pela publicação, propõe-se justamente apreender seu espaço de articulação na configuração de uma determinada conjuntura e os fios que a remetem para outras dimensões e que constituem a historicidade daquele tempo - a historicidade da publicação e da conjuntura simultaneamente. O estudo da imprensa, assim como de quaisquer outros materiais selecionados pelo historiador, não se esgota nela mesma e requer o diálogo com outras

[11] REIS, Thays Assunção. A cultura nos diários maranhenses: uma análise editorial dos jornais O Estado do Maranhão, o imparcial, pequeno e o progresso. 2017. 143f. Dissertação (Mestrado em jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2017. p. 82-83.
[12] REIS, Thays Assunção. Op.cit.;p. 99.

> fontes que colocam em cena outros sujeitos ou práticas sociais, outras dimensões daquela temporalidade.[13]

Foi de suma importância nesse contexto analisar também as matérias digitais da *Comissão da Verdade e Cadernos do Campo*, que deram outra dimensão por conterem denúncias e depoimentos de posseiros, constando inclusive suas narratividades sobre a realidade rural, desde os anos de 1960; esses materiais se constituíram uma forma de mostrar a sujeira que estava debaixo do tapete e que não era propagada pelos meios de comunicação local, principalmente o televisivo. Nesse contexto, as duas matérias são vistas como um produto de informação que discutiu problemas de opinião pública e constituiu narratividades.

Sobre a estrutura, este trabalho foi dividido em três capítulos, no intuito de conferir ao leitor uma visão do contexto regional sobre os conflitos que envolveram a posse pela terra no estado e também atingir os objetivos da pesquisa. O primeiro capítulo, intitulado *Fazenda Serafim: Além da Fronteira*, trata-se de uma descrição do universo onde o Serafim está inserido, marcado pelo momento da chegada ao local por meio de elementos simbólicos das memórias do presente e que permitiram analisar aspectos históricos e fatores contribuintes para a formação do acampamento. Por isso, tornou-se importante mostrar com riqueza de detalhes o Sul do Maranhão, tanto em termos demarcatórios - o limite com a região do Bico do Papagaio - como em aspectos culturais - a partir do entendimento de fronteiras simbólicas. Cabe destacar os mediadores que participaram da luta e organização dos trabalhadores rurais, como Comissão Pastoral da Terra (CPT), Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STTR), lideranças religiosas, como Josimo Tavares. Nesse contexto, parto de um estudo aproximado das Ligas Camponesas, pela significância que o movimento teve e a forma como se constituíram em alguns estados do Nordeste, elementos importantes para a compreensão do movimento que formou o acampamento/assentamento Serafim.

No segundo capítulo, intitulado *Assentamento Serafim: Memórias da Luta pela Terra*, abordam-se as memórias a partir das trajetórias de vida dos trabalhadores, das experiências constituídas no espaço social; procurei demonstrar, por meio das narratividades produzidas, a relação dos sujeitos com a terra; a forma como foi se

[13] CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa. Revista Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez, 2007. p. 268.

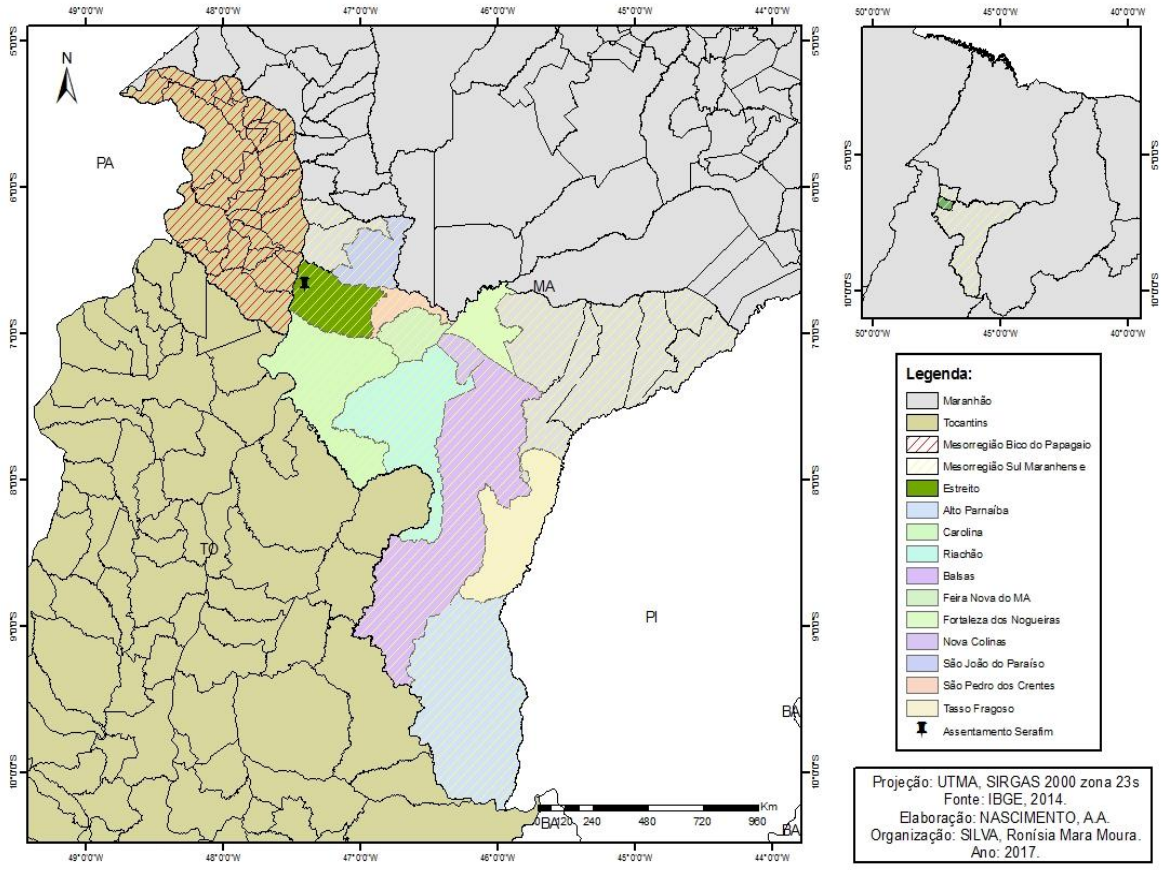
constituindo e decorreu na organização das famílias; as maneiras de produção na área, marcada pela transição do acampamento/assentamento. Também se destaca a sociabilidade entre os trabalhadores, a partir das práticas do cotidiano, em que o espaço é tido como de valores, a partir das formas de trabalho e das relações sociais. É possível observar que a terra é local de ressignificações, por meio dela há uma ligação entre memória individual e coletiva, sendo importante para as relações e vivência na comunidade.

No terceiro e último capítulo, intitulado *As Ressignificações no tempo presente*, busco fazer uma análise das ressignificações, a partir das fontes produzidas juntamente com os trabalhadores, principalmente com as gerações que ainda permanecem no espaço. Parto das dinâmicas vividas em tempos de transição, pois isso proporcionará uma leitura mais consistente da fase do assentamento tida como elemento bastante marcado nas lembranças, por evidenciar um momento novo na vida das famílias da comunidade. Em seguida, tento concluir com os desafios e perspectivas, a partir das memórias mergulhadas no presente.

CAPÍTULO I

## FAZENDA SERAFIM: ALÉM DA FRONTEIRA

No dia 08 de julho de 1984, no município de Estreito, no estado do Maranhão, setenta trabalhadores rurais migrantes que faziam parte de grupos de reflexões organizados pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ocuparam a localidade conhecida como Fazenda Serafim[14], que corresponde a uma área de 1.326,7761 hectares, conforme consta no Decreto Federal de 19 de março de 1999, publicado no DOU de 22.03.1999 (docs. n. 04 e 05). A área faz parte da microrregião homogênea 114 (denominada Chapada Sul Maranhense), sendo formada pelos municípios de Carolina, Estreito, Tasso Fragoso, Balsas, Alto Parnaíba, Riachão, Fortaleza dos Nogueiras, São Pedro dos Crentes, Campestre do Maranhão, São João do Paraíso, Feira Nova do Maranhão e Nova Colinas (Conforme mapa de localização abaixo).




**Mapa 01:** Localização do assentamento Serafim no município de Estreito.

[14] O nome fazenda Serafim é uma homenagem a um dos pioneiros oriundos do estado do Goiás, que se estabeleceu com sua família naquela área. Na década entre 1950 e 1960, quando se chegava a áreas de sertão e delimitava uma área, as pessoas passavam a viver e trabalhar como posse. Por esse pioneiro ter sido desbravador com características e origens camponesas, foi homenageado pelos trabalhadores, que permaneceram com o nome da antiga fazenda no assentamento.

A fazenda Serafim está localizada a 80 km do município de Estreito, situado na mesorregião sul do Maranhão, hoje com aproximadamente 40.629 habitantes. O município tem este nome em virtude de aquele local ser a parte mais estreita do Rio Tocantins, onde foram construídas duas pontes, que unem os estados do Tocantins e Maranhão. A relevância dessas informações a respeito deste município se dá pelo fato de a cidade ter sido o local de fronteira de formação do Acampamento/Assentamento Serafim e também ponto de apoio para trabalhadores rurais migrantes do estado do Tocantins, da região conhecida como Bico do Papagaio[15] (Mapa 01) e de várias partes do Maranhão. Porém, a ideia de fronteira está além da definição de limite geográfico ou demarcação de espaço, pois os limites analisados são os de ordem simbólica definidos no plano social e cultural.

É preciso considerar que os estudos culturais tiveram importante papel nas relações que se estabeleceram na sociedade, a partir da segunda metade do século XIX, visto que foram fundamentais para compreender as relações de poder e os valores que representam a sociedade, definindo-se como um território de fronteira.[16] Entende-se que a fronteira é algo móvel, sem um território pré-estabelecido, é uma construção imaginária constituída e passível de ressignificações.[17] Dessa forma, compartilhamos a noção desenvolvida por Fernando Catroga, pois, de acordo com o autor, a fronteira está dentro de uma cadeia, marcada por recordações:

---

[15] A região do Bico do Papagaio localiza-se no extremo norte do estado do Tocantins, como fronteira entre o estado do Pará, a Oeste, e Maranhão, a Leste. Encontra-se na transição geográfica entre o cerrado do Centro-Oeste e a floresta Amazônica. A partir dos anos 1960, e posteriormente à abertura da transamazônica, milhares de famílias de trabalhadores rurais, a maioria expulsa de suas terras nordestinas pela seca inclemente, escolheu essa região de terras férteis e água em abundância para se situarem. O exuberante rio Araguaia corre à esquerda do Tocantins por centenas de quilômetros, no rumo norte até entrar neste último, em um ângulo que vai se fechando à medida que um se aproxima do outro. O desenho formado na aproximação desses dois imensos drenos fluviais toma um aspecto da cabeça e, finalmente, do bico de um papagaio. Por isso, o nome como a região passou a ser conhecida. Vastas extensões de terra adequadas para a agricultura e a pecuária são partes da riqueza do estado. A disputa pela posse da terra, porém, é a causa de graves conflitos envolvendo fazendeiros e posseiros. Na região do Bico do Papagaio, no norte do Tocantins, o problema é explosivo, com frequentes emboscadas e mortes.
ALMEIDA, Valdinar; CUNHA, Valdeir; SOARES, Willians Muller Alves. **Conflitos Agrários na Região do Bico do Papagaio**: Levantamento histórico e novas perspectivas. Disponível em: http://reisdageografia.blogspot.com.br/2012/01/conflitos-agrarios-na-regiao-do-bico-do_12.html.

[16] RIOS, Ana Lúcia Moreira. **Fronteiras Culturais e (Des) Territorialização no Discurso de Resistência em a Terra do Fogo**. Revista Revell. Paraná, v. 2. n.13, p.1-24, ag.2016. p.21.

[17] CHIAPPIN, Carolina Gomes; JUNIOR, Charles Scherer. **Fronteiras Culturais**: algumas considerações sobre o tema. Disponível em:
http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=889

> A fronteira é como atividade de reconstrução, pois ela ocorre dentro de linhas marcadas por outras recordações ou pelas recordações dos outros – não escamoteiam as possibilidades de renovação do adquirido e relevam o modo como cada "eu" vai revendo o passado para justificar a sua vida como projeto.[18]

O estudioso Rui Cunha Martins apontou que, somente através da articulação do que ele denominou de fronteira histórica e fronteira metafórica, é que seria possível empreender uma investigação sobre fronteira, já que permitiria pensar em termos de temporalidade, sobretudo das diferentes temporalidades que nela coexistem e a referenciam.[19] Nesta mesma perspectiva, Homi K. Bhabha pontuou que é na emergência dos interstícios, na sobreposição e no deslocamento de domínios da diferença que as experiências intersubjetivas e coletivas, de interesse comunitário ou o valor cultural, são negociadas.[20] O autor ainda relembra que:

> Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição "recebida". Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais como conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso.[21]

O entendimento sobre fronteiras simbólicas, elaborado por Mariana Jantsch Souza, afirma que a fronteira se constrói a partir da diferença, molda-se rente à alteridade e precisa dela para determinar-se. Logo, denuncia as tensões entre dois espaços: o dentro e o fora; o Eu e o Outro.[22] Nessa mesma perspectiva, compartilhamos o entendimento de Pierre Bourdieu, quando diz que a fronteira é nada mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento. Segundo os elementos que ela reúne, tem entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes, dando por entendido que se pode discutir sempre acerca dos limites de variação entre os elementos não idênticos. Ou seja, ela produz a diferença cultural, do mesmo modo que é produto desta. [23]Ainda Souza observa que

---

[18] CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p.30-31.
[19]MARTINS, Rui Cunha. **Fronteira, Referencialidade e Visibilidade**. IN: Estudos Ibero –Americanos. Rio Grande do Sul, n.1, p.7-19, 2000, p.13.
[20] BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 20.
[21] BHABHA, op. cit. 21.
[22] SOUZA, Mariana Jantsch. **Fronteiras Simbólicas** – Espaço de Hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoum. Revista Letrônica, Porto Alegre, v.7, n.1, p.1-15, jan./jun. 2014. p. 1.
[23]BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 114.

> A vida do imigrante/migrante é naturalmente permeada por fronteiras: territoriais, culturais e identitárias. É o sujeito que vive na pele a articulação cultural e social que as fronteiras exigem: de um lado suas tradições e suas origens e de outro a cultura estranha na qual está inserido, que se entranha inevitavelmente em seu ser e produz uma nova configuração identitária.[24]

Já para Reinhart Koselleck, a fronteira remete a um espaço interior e outro exterior, uma geração política a outra ou a seu correlato biológico, no que tange às forças produtivas e às relações de produção.[25] Dessa forma, as fronteiras culturais mantêm contato com os sujeitos, remetendo a uma identidade baseada na resistência, em que esses protagonistas criam esses elementos como forma de sobrevivência diante do contexto no qual estão inseridos.

Partindo do entendimento de que todas as histórias são constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem,[26] buscou-se entender, a partir da ocupação da fazenda Serafim, como os trabalhadores rurais encontraram na itinerância o caminho para terem acesso à terra, que culminou na conquista do trabalho e, desta forma, protagonizaram suas trajetórias, buscando oportunidades viáveis para melhoria de vida. São trabalhadores que atravessaram fronteiras, trazendo experiências dos lugares por onde passaram, resultando em distintas histórias de vidas e experiências.

Foi indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa a noção de itinerância, desenvolvida pelo estudioso Robson Laverdi em sua tese de doutorado sobre as migrações no Extremo-Oeste do Paraná, durante as décadas de 1970-1990. No texto, o autor dialogou com as trajetórias itinerantes de trabalhadores, proporcionando reflexões sobre as experiências e memórias dos sujeitos.

Nesse contexto, entende-se que a migração moveu a vida dos trabalhadores que ocuparam a Fazenda Serafim, constituindo-se em um processo de construção identitária, a partir das trajetórias itinerantes por vários lugares. Para Laverdi, os condicionantes sociais influem nas escolhas dos sujeitos que vivem a saída na itinerância[27], principalmente quando recriam constantemente suas expectativas, sonhos, projetos

[24]SOUZA, Mariana Jantsch. op. Cit; p.11.
[25]KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 309.
[26]KOSELLECK. op. Cit.; p. 306.
[27]LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná. Curitiba: Aos quatro ventos, 2005, p. 13.

frente ao contexto da luta pela terra, sendo esta realidade de vida dos trabalhadores em estudo.

Em 1960, a região do Bico do Papagaio (TO) já recebia migrantes do Maranhão e de estados vizinhos, como Pará, que viam nesse lugar de fronteira o território de luta pela sobrevivência social.[28]As migrações ocorriam geralmente em virtude de estarem fugindo da seca, grilagem e das formas de vivências, o que resultou na ocorrência de ocupações de terra naquela localidade e, consequentemente, em grandes conflitos envolvendo os trabalhadores. Dessa forma, a fronteira em questão vai sendo diariamente recriada por esses sujeitos, cujas experiências de deslocamentos se entrecruzam e, ao mesmo tempo, desencontram-se enquanto uma rede migratória.[29] Destacou-se nesse processo Josimo Tavares, liderança religiosa no Bico do Papagaio, que atuou nas lutas referentes ao acesso à terra naquela região e no apoio dado aos posseiros; foi perseguido e morto a mando de grileiros. Na mesma época, no estado do Maranhão, destacou-se a importância das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que desde o início - através de irmãs religiosas em Imperatriz (MA) - realizavam trabalho na área dos sertões, apoiavam os movimentos que envolviam a luta pela terra na região e atuavam no processo que decorreu na formação de acampamentos.

A migração dos trabalhadores de regiões em que predominaram um modelo agrário concentrador, principalmente da região norte do estado, fez das itinerâncias formas de resistências ao modo de viverem como agregados[30] em áreas rurais. Essas mudanças podem ser vistas como tentativa de fuga perante as transformações que regulavam suas vidas, que eram marcadas por expulsões.[31] Porém, ao conhecer de perto as experiências vivenciadas pelos sujeitos por meio de suas narratividades, percebem-se semelhanças do ponto de vista de que buscavam, por meio das itinerâncias, um lugar em que pudessem viver, construir suas moradias e trabalhar. Partindo desse entendimento, compreendemos que as expectativas em conquistarem o que almejavam eram tidas em

---

[28]SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães. **"Um pé aqui e outro lá":** experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios. 106f. Dissertação (mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cândido Rodon, 2010, p. 31.

[29]SILVA, Danusa. op.cit.;p.30.

[30]Aqui se fala dessa forma, mas Margarida Moura identificou como morada de favor, na qual a caracterização dessa relação não tem como finalidade proporcionar favor, mas suprimir o sujeito, ao mesmo tempo em que procura impedir a caracterização do agregado como trabalhador rural.
MOURA, Margarida Maria. **Os deserdados da terra**; a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988. p. 53.

[31]OLIVEIRA, Gerson Alves de. **Os posseiros e a luta pela terra na região do Bico do Papagaio de 1964-1985**: modernização e tradição. 2010. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, p. 42.

relação a uma vivência no meio urbano, que representava mais um desafio e outra fronteira a ser entrecruzada socialmente em suas trajetórias.[32]

Cabe destacar o período de 1970 a 1980, quando a região sul maranhense se tornou atrativa, principalmente municípios como Imperatriz e Estreito, pelo desenvolvimento econômico que tiveram; tais informações motivaram pessoas que viviam nas cidades, vilarejos vizinhos ou em lugares de fronteiras a saírem do lugar onde estavam, reconhecendo essa região como alternativa para alcançarem possíveis mudanças de vida. Disso derivaram mudanças pela procura de um lugar sossegado para criar a família e manter preservada a identidade, em face de um contexto de transformações na vida cotidiana desses trabalhadores.[33] Pelas informações arroladas, é interessante ponderar que alguns desses sujeitos chegaram à região atraídos por um parente ou conhecido.

Conforme demonstram os relatos a seguir, apesar de as terras do Sul do Maranhão terem sido o destino e perpassarem pelo imaginário desses trabalhadores, são frequentes nas rememorações dos sujeitos as experiências por onde passaram, que culminaram em dias, na maioria das vezes com duração até maior, em cidades ou povoados, até avançarem para as mediações do local que formou o acampamento e que nos possibilitou entender a construção do trajeto itinerante. Essa memória é reelaborada a partir da narrativa de Francisco Reginaldo de Santana Santos:

> Nós somos da região do Bico do Papagaio, onde presenciamos muitos conflitos que envolviam os municípios da região, como Sítio Novo, Axixá, Augustinópolis, Esperantina, em toda região do Bico presenciamos conflitos graves. Lembro muito bem em 1976, no povoado chamado Camarão, município de Sítio Novo, onde houve um despejo violento realizado pela polícia do estado de Goiás, na época com apoio do Exército do Maranhão, sob o comando do coronel Ventura. Foram diversos companheiros assassinados, baleados e todas as casas da comunidade foram queimadas, animais e pequenas roças. Outro conflito grave que presenciamos foi o atentado na mesma época contra o Padre Josimo Tavares no município de São Miguel, onde foi alvejado, na época, baleado, graças a Deus, conseguiu sair ileso. Na época do atentado de Camarão, foi muito tenso, tinha helicóptero do Exército sobrevoando as comunidades, jogando panfletos contra a Reforma Agrária[34], criminalizando o movimento, portanto foi uma

[32] SILVA, Danusa. op.cit.;p.51.
[33] OLIVEIRA, Gerson Alves de. op.cit.; p.44-45.
[34] A Lei n. 4.504/64 entendeu como reforma agrária o conjunto de medidas para a promoção da melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, de modo a atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade. Seria dever do Estado promover e criar as condições de acesso do trabalhador rural à propriedade da terra economicamente útil e zelar para que essa propriedade desempenhasse sua função social.

> época que lembro muito bem, eu ainda jovem com 16 anos de idade presenciei esse fato. Esse não foi o motivo pra gente mudar do Bico do Papagaio para o Maranhão, mudamos para cá porque na época lá, o nível de ensino era muito ruim; terminamos o primário e tivemos que procurar outro jeito de estudar, por esse motivo, meus pais vieram para Imperatriz, pela questão dos estudos dos filhos. [35]

O uso da violência contra trabalhadores rurais era muito comum na região até meados de 1990 por parte do Estado e caracterizou as formas de invalidar os sujeitos e seus modos de vida, como também acabar com suas resistências a qualquer custo. Para José Vicente Tavares dos Santos, esta espécie de violência que parte de uma instituição apresenta, ao mesmo tempo, um caráter político, porque parte do pressuposto de que existe uma relação de poder pré-estabelecida entre a instituição (pública ou privada) e o indivíduo.[36] As mudanças de uma região para outra foram em virtude da manutenção da vida material, necessidades que precisavam ser supridas naquele momento e melhora da qualidade de vida. No relato de Santos, percebemos elementos interessantes, que permitiram entender a realidade do local de onde os trabalhadores saíram como um espaço marcado pela violência, que não é só física, mas principalmente simbólica. Toda a forma de utilização da mesma, como queima de casas, plantações e matança de animais, como foi mencionado, foi no intuito de não tornar possível a ocupação de terras, mas principalmente o modo de vida do trabalhador camponês naquela localidade.

Atravessar essa realidade significou para os sujeitos, consequentemente, superar momentos difíceis de suas vidas e contribuiu para sonharem com um lugar novo, marcado pelo momento da chegada aos centros urbanos. Para Laverdi, a cidade surgiu para alguns desses trabalhadores como algo que fazia parte das trajetórias itinerantes de migração, já para outros se constituiu como um lugar provisório.[37] Como foi percebido na reelaboração de Costa:

> Antes de chegar ao assentamento, vivia em Imperatriz com minha família, trabalhando muito, quando - o cabra - tem que sustentar muita gente, as coisas são difícil, eu cuidava de dez pessoas. Minha luta lá era muito grande. Acho que se não tivesse vindo pra cá, talvez nem estivesse mais vivo. Graças a Deus, hoje pra mim é uma felicidade

---

SEVERI, Fabiana Cristina. **Experiência, memória e autonomia em um assentamento de reforma agrária na região de Ribeirão Preto-SP**, 2010, 312f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010, p. 92.

[35] SANTOS, Francisco Reginaldo de Santana. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[36] SANTOS, José Vicente Tavares. **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec,1999, p. 187.

[37] LAVERDI, Robson.op.cit.;p.16.

> está aqui no Serafim, contando minha história. Daqui só saio para ir para debaixo do chão.[38]

A narrativa acima aponta o ambiente da cidade como um lugar marcado pela escassez de trabalho, que, para esses sujeitos, transformou-se em momentos complexos. Percebem-se duas temporalidades bastante marcadas: o tempo passado sendo mediado pelo presente, no qual a saída para outro lugar marcou a transição de uma vida de instabilidade para a segurança de poder criar a família, como é reconhecido por Serafim. Atribui-se à terra o valor simbólico que ela constitui para o sujeito como lugar de valores e experiências.

Ressalta-se ainda que, aos poucos, o viver na cidade vai tornando-se um problema para esses trabalhadores, principalmente porque começam a passar por dificuldades em se manterem no lugar, tornando esse espaço um ambiente de tensão. A partir dessas experiências frustrantes, o campo passa a ser visto como local de sobrevivência para os trabalhadores itinerantes e suas famílias, que começaram a ver na ocupação de terras a saída e solução para superar as dificuldades. O pensamento de uma luta coletiva foi despertado nos trabalhadores, ao se depararem com a primeira situação conflitante, geralmente nos espaços de convívio familiar e, no segundo momento, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que, nesse período, de acordo com Eder Sader, ganharam muita importância.

Sader apontou que as CEBs tomaram conta da periferia das grandes cidades. Em 1981, calculava-se em 80 mil para todo o país, mas os números eram muito imprecisos; elas abriram um espaço de legitimidade, por onde os protestos sufocados vieram à tona.[39] Nesses espaços, experiências de classe são reelaboradas como força que pode levar a possíveis mudanças da condição de vida.

Foi nas reuniões das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), em Imperatriz (MA), frequentadas pelos sujeitos migrantes de várias localidades, principalmente os que haviam migrado do Bico do Papagaio, que os trabalhadores obtiveram a notícia de que, há aproximadamente doze anos, a Fazenda Serafim se encontrava abandonada. Essas informações sobre o Serafim foram descobertas por um estudante conhecido por Mazoel, que na época militava nos movimentos em prol dos trabalhadores, participava

---

[38] COSTA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[39] SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 161.

das CEBs, reuniões[40] partidárias do Partido dos Trabalhadores (PT) e pesquisava no Incra informações sobre as terras da região que não tinham função social. O jovem estudante coletou informações de algumas pessoas que residiam nas proximidades da fazenda e soube que o homem que dizia ser o proprietário da área era foragido da justiça e havia fugido do local após algumas buscas policiais feitas na localidade à sua procura. Essa informação despertou o interesse dos trabalhadores pela ocupação da fazenda, que aconteceu durante a madrugada e foi realizada por homens e mulheres. A narratividade de Santos, ao reelaborar a ocupação, permite-nos compreender elementos importantes desse momento:

> O momento da chegada à fazenda Serafim foi em 08 de julho de 1984. Naquele dia saímos em caminhões de Imperatriz com direção a Estreito, era cedo da noite. Chegando a Estreito, nos reagrupamos com outros companheiros que já estavam nos aguardando, saímos por volta de 02h da madrugada, chegamos aqui na terra ao amanhecer. Era verão, nessa época pra nós é um período que a noite faz muito frio, mas também é seco e ao chegar aqui providenciamos barracos de palha de coco e iaçaba que é uma árvore nativa da região, depois os cobrimos com lona preta, em lugar chamado Pé da Serra, nas proximidades da fazenda Pedra D' água, onde formamos o acampamento provisório. Vinte dias depois tivemos a primeira ameaça de conflito com seu Divino, fazendeiro que era dono da fazenda Pedra D'água e que sequer queria a nossa vizinhança por perto. Por causa das ameaças feitas pelos jagunços dele, mudamos de local, pois encontramos outro riacho chamado rio são Raimundo.[41]

A narrativa mostrou que o momento da ocupação foi de muita dificuldade, pois tem que preparar a terra, aguardar o período de cultivo e também a reprodução dos animais. No entanto, essas dificuldades foram sendo enfrentadas de forma coletiva, desde o improviso das moradias à resistência na terra. Isso dá uma dimensão da importância do coletivo nesta fase. Antônio Pereira da Silva relembrou também o trajeto feito por ele e a esposa no dia da ocupação da terra e apontou outras dificuldades enfrentadas por eles no local:

> Naquela noite que viemos ocupar essa terra aqui, era muita gente. Estava no Estreito com minha esposa, aguardando no pátio da paróquia, as outras pessoas que estavam vindo no caminhão. Tinha homem, mulher, uns com espingarda, outros com facão por causa da mata que era o local aqui. Quando chegamos aqui enfrentamos uma chuva, ficamos quatro dias só bebendo água, e a comida era caça do mato, que tinha muita. Depois as dificuldades ficaram maiores, porque

[40] O espaço onde os militantes se reuniam foi o mesmo local que formou a primeira secretaria do MST na região. Em Imperatriz, era um pequeno escritório, funcionava de forma precária, simples, sem estrutura, apenas as pessoas se reuniam lá, não era nada oficial.
[41] SANTOS, R. **Entrevista Citada**. Estreito, Maranhão. 24 de novembro de 2016.

> os fazendeiros queriam proibir que a gente ficasse na terra, sendo que essa fazenda já estava abandonada há mais de oito anos. Mas, nessa época como todo mundo era unido a gente enfrentou os problemas e venceu.[42]

Na visão do entrevistado, o coletivo, presente por meio da união entre as pessoas, culminou na superação das dificuldades enfrentadas no acampamento, como também em uma consciência de classe. Os trabalhadores escolheram a localidade Pedra D'água por estar nas proximidades de riachos, o que iria garantir condições mínimas de sobrevivência para quem se instalasse ali. Abaixo, figura da área da fazenda.

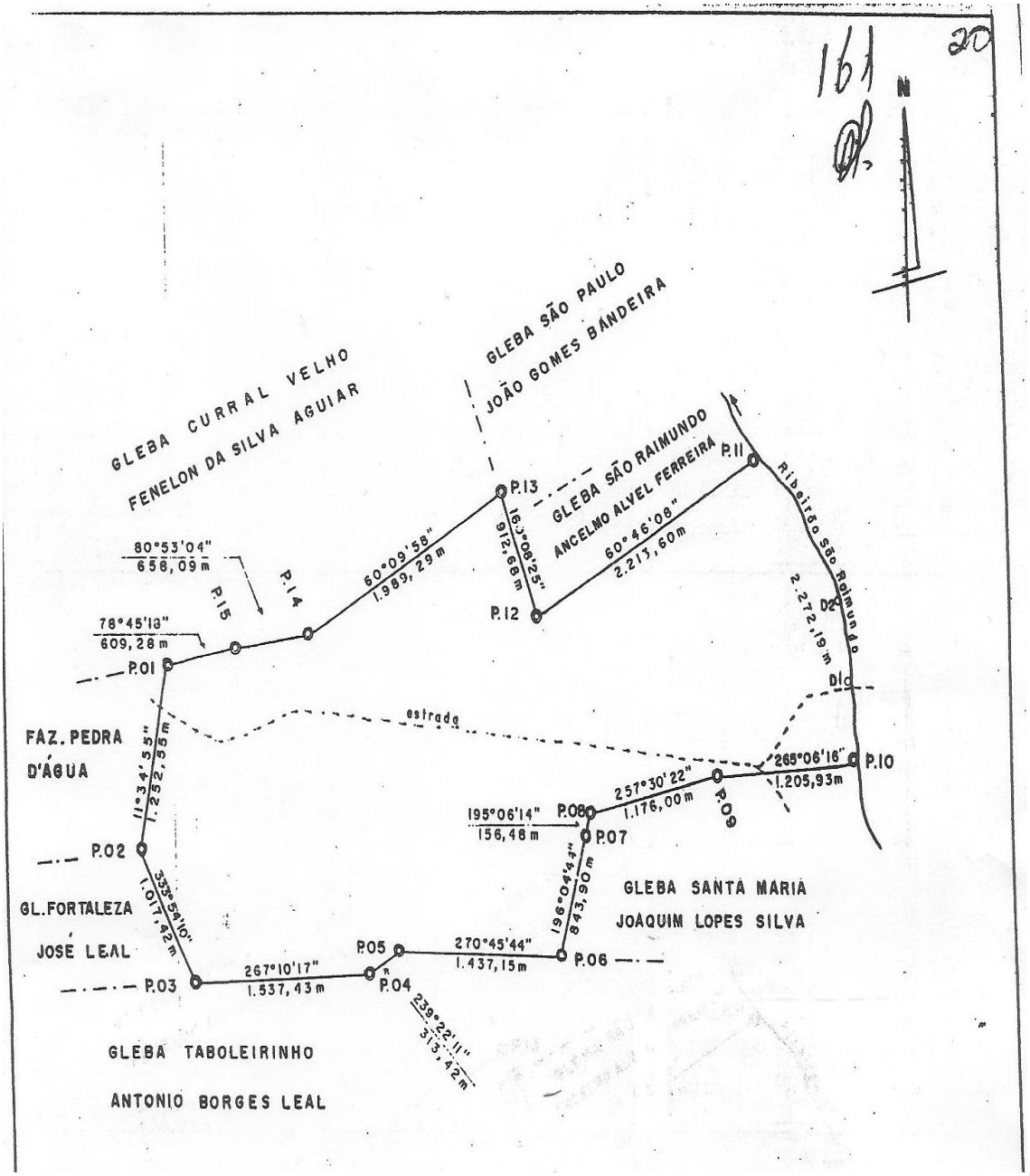
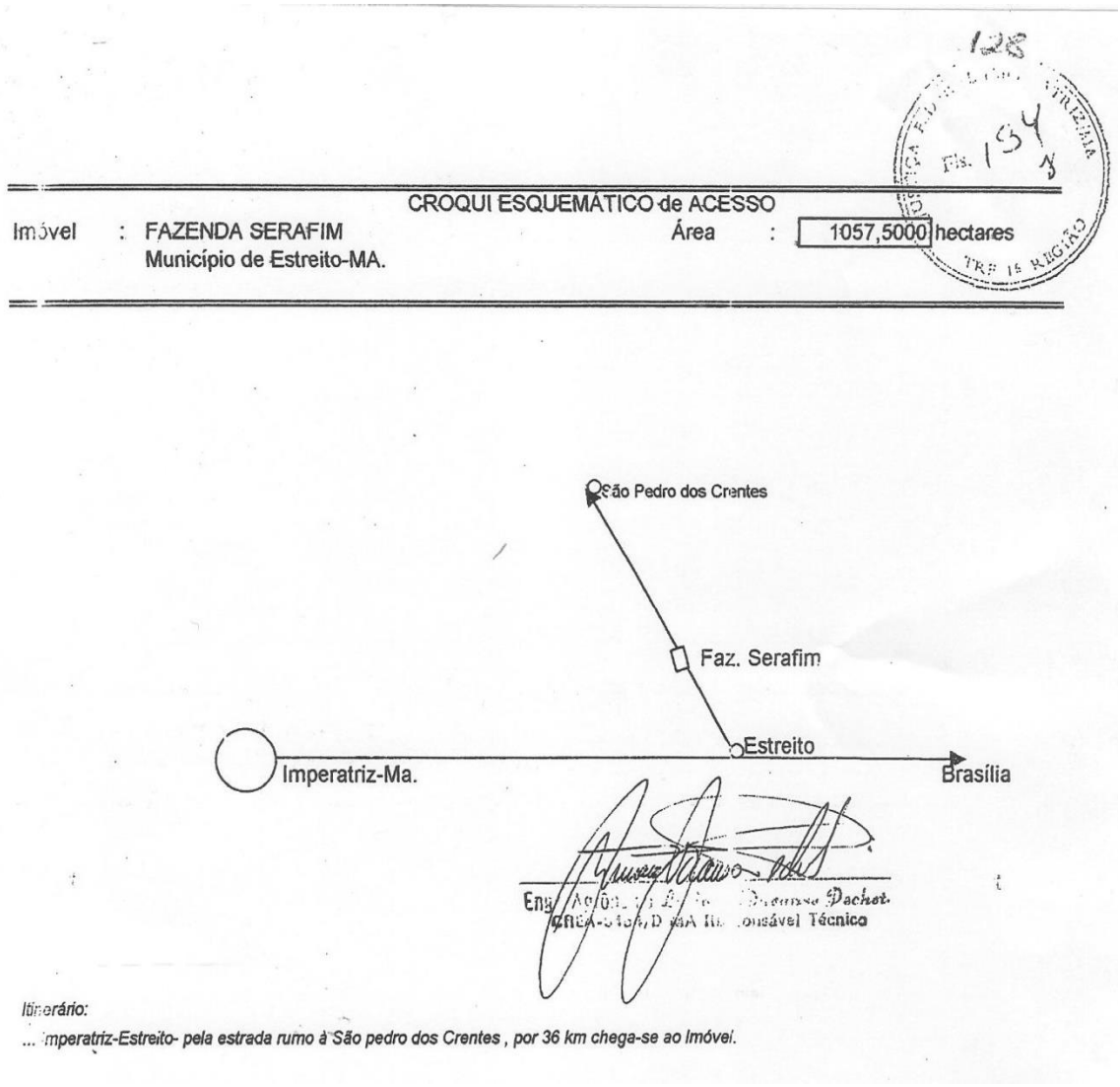



**Figura 01**: Área da Fazenda Serafim contendo delimitações do local.

[42] SILVA, Antônio Pereira. Estreito, Maranhão. 24 de novembro de 2016.




**Fonte:** Documentação impressa da Fazenda Serafim.

Os primeiros dias de acampamento nas barracas foram difíceis, pois não havia mantimentos suficientes, em alguns momentos passaram fome, enfrentaram chuva, sol e outras necessidades. As primeiras três semanas de acampamento provisório contribuíram para a ocorrência do primeiro conflito ou ameaça concreta dele por parte dos fazendeiros - que se faziam presentes por meio dos jagunços,[43] aproximadamente cinco homens armados intimidavam os acampados por não aceitarem a vizinhança deles. A pesquisadora Tatiane Karine Matos Silva, ao utilizar o termo jagunço, destacou que esses trabalhadores não eram autoridades, tais como policiais. Não eram autoridades constituídas, mas exerciam poder dimensionado pela intimidação, violência

[43] O conceito de jagunço neste trabalho se refere ao indivíduo que se prestava ao trabalho paramilitar de proteção e segurança, era guarda-costas de fazendeiros, capanga.

física e simbólica.[44] Os jagunços chegavam a passar várias vezes na frente do acampamento, sinalizando com armas, uma forma conhecida de amedrontar os trabalhadores rurais e expulsá-los da terra. A permanência nas barracas durante o primeiro mês contribuiu para que os jagunços tomassem uma medida ainda mais radical: tentar envenenar a fonte de água que abastecia as famílias que moravam no acampamento. Para Santos,

> A questão crucial está precisamente na fronteira, no limite da caracterização do fenômeno cultural e do fenômeno criminal. Pensamos que fronteira entre os dois fenômenos é o conteúdo político que eles comportam.[45]

Este foi o primeiro momento de resistência, quando os acampados fizeram vigilância às margens do riacho. Os fazendeiros dificultavam a instalação dos trabalhadores, por terem interesse em ampliar o acesso à terra e fazer uso, de forma especulativa, da área. Outro motivo era o fato de que naquelas proximidades havia uma área que pertencia a Luís Alves Coelho Rocha, então governador do estado do Maranhão (1983 -1987), filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Como o acampamento estava próximo dessa área que pertencia ao governador, houve algumas pressões para que o movimento de ocupações de terras não avançasse no município.

No início do mês de agosto de 1984, os acampados mudaram para outro local próximo ao riacho São Raimundo, onde funcionava a antiga sede da fazenda; após a instalação no novo local, foram surpreendidos com uma ordem de despejo, que se fez presente por meio da força policial. Com o ocorrido, uma parte dos trabalhadores saiu do acampamento e retornou para Estreito, alojando-se em uma escola, de onde foram expulsos a mando de Walmir Siebra Vilar (1985-1988), então prefeito da cidade, filiado ao Partido da Reedificação da Ordem Nacional (PRONA). Para as autoridades locais, os acampados eram tidos como invasores, baderneiros, aumentando o número de repressões sobre os trabalhadores que, empurrados pelas circunstâncias para o setor urbano, são tidos como indesejáveis.[46] Os demais trabalhadores que permaneceram na terra tiveram suas casas queimadas pelos jagunços, que defendiam os interesses dos fazendeiros. De acordo com os relatos de Cruz, ao relembrar o momento:

---

[44] SILVA, Tatiane Karine Matos. **Conflitos pela terra na gleba Ponte Queimada**: experiências de disputas por terra em narrativas (1960-1972). 2015.194f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2015, p. 20.
[45] SANTOS, José Vicente Tavares. op. cit.;p.118.
[46] LAVERDI, op.cit.; p. 13.

> Tivemos duas expulsões, uma da terra do acampamento e a outra quando chegamos à cidade de Estreito, fomos para um colégio e o prefeito nos despejou do colégio. As pessoas que ficaram na terra tiveram as casas queimadas por pistoleiros que vieram pra cá, como também as plantações que foram destruídas. Os fazendeiros ameaçavam porque tinham interesse na terra e não queriam que ela fosse desapropriada. [47]

Os elementos presentes na narratividade de Cruz expressam ações que permeiam a cultura política repressiva brasileira, quando o Estado é usurpado pelos fazendeiros e a violência é tida como algo natural. Ressalta-se que são ações existentes em todo o país e a narrativa demonstrou a intensidade das violências sobre os sujeitos no momento em que os trabalhadores foram expulsos da terra e ainda tiveram que presenciar a destruição de suas moradias e do local de plantio, mesmo ali se encontrando valores e relações de vínculo com o lugar.

A resistência perante algumas circunstâncias implicou a maneira particular como cada indivíduo vivenciou esses momentos, bastante significativos. Os sujeitos itinerantes recriam suas expectativas, como ressaltou Antônio Silva:

> Quando cheguei aqui, que olhei pra terra, sabia que dava pra trabalhar, a terra é boa. Atualmente, tenho minha criação de gado, energia em casa, roça de feijão, família criada, aposentado e feliz porque todo mês o dinheiro ajuda na despesa. [48]

Percebe-se que a relação de seu Antônio com a terra é forte, a representatividade que a mesma oferece vai além de fornecedora de alimentos, perpassou por valores adquiridos através da cultura, sendo que ele a tem como símbolo de enfrentamento e permanência na luta. Para entender esse processo, seu Raimundo Pereira da Silva - conhecido por Oscar - descreveu a dificuldade que enfrentou quando chegou à região:

> Chegamos aqui em um dia chuvoso, ficamos arranchados... Passamos pelo pé da serra e fomos fazer um barraquinho. Ficamos quatro dias só bebendo, porque não tínhamos condição de nada. As mulheres ficavam tudo no barraco no chão. Os homens iam matar caça e outras coisas. Nessa época eu morava em Estreito, aí um rapaz do sindicato falou que tinham uma terra abandonada, quando cheguei aqui, tinha um fazendeiro que queria "acabar" com a gente. Um dia o encontramos no meio da estrada, ele perguntou se a gente era invasor, nós respondemos: somos Trabalhador. O cara que andava com ele,

[47] CRUZ, Teresa Alves. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[48] SILVA, Antônio Pereira da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

> ficou pegando na arma, ele era muito "inflamado". A gente sofria muita ameaça nessa época. [49]

O termo *inflamado* utilizado por seu Raimundo é tido no sentido de mal-encarado, perigoso, cuja descrição evidencia momentos de tensão neste espaço social por meio de insinuações de violência. É importante pontuar que, em vários momentos durante as entrevistas, observou-se que o modo como os acontecimentos foram narrados estava além de um contexto regional, pois os sujeitos também explicitaram suas visões de mundo e como a sociabilidade foi importante para construção da união no espaço social coletivo. Podemos entender isso quando observamos que o tempo é bastante marcado pelo que se viveu e está sendo vivenciado, o que denota uma identidade e símbolos construídos pelo grupo. O que se observou nas narrativas é que esses sujeitos tinham a terra como livre, pois o suposto proprietário não detinha documentação da Fazenda Serafim, dessa forma era um lugar que podia ser ocupado para trabalhar e criar a família.

Além disso, foi bastante enfatizado nos depoimentos o período de chegada à região, a partir das lembranças foi possível entender situações de desespero comumente descritas como de sofrimento, principalmente porque abordou a luta pela conquista da área, e que foi utilizada como justificativa para permanência no local. Neste momento, o passado foi marcado por dificuldades em todos os sentidos e o presente é tido como um momento de avanços, devido às melhorias na estrada, construção da única escola e hospital. Entretanto, é frequente nas narrativas desses sujeitos uma identidade que não foi definida, quando comparavam o passado marcado pelo sofrimento, mas que era tido como um tempo de liberdade.

> Passamos muitas tribulações, porque não deixa de existir, quantas noites nossos esposos passavam sem dormir, uns dormindo e outros vigiando na beira da estrada, porque a gente sabia que vinha alguém aqui para tirar o povo, uma noite uns dormiam e outra noite outros passavam acordado. Mas graças a Deus foi tudo bem e até hoje estamos aqui, esperando sempre melhoras. Aos poucos as melhorias vão chegando, as casas foram construídas, graças a Deus estamos aqui dentro dela, agora temos a escola, o posto de saúde. Foram muitas coisas boas que aconteceram em nossas vidas aqui dentro. Permanecer aqui foi uma grande vitória. [50]

---

[49] SILVA, Raimundo Pereira da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[50] SILVA, Ana Maria. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

O termo *permanecer* é tido aqui como resistência e foi significativo pelo jeito como os problemas foram enfrentados, tanto pela ausência de estrutura básica como também pelos enfrentamentos com pistoleiros em determinados momentos e com a polícia, durante os momentos que foram expulsos do acampamento. Isso está marcado nas memórias desses trabalhadores, cujas entrevistas produzidas apresentam a recorrência desses elementos.

Inicialmente, ao incorporar a realidade social e cultural dos trabalhadores no Sul do Maranhão, reconhecendo-os como protagonistas, o que pode ser realizado por meio da memória e relação histórica, podemos organizar um exercício de deslocamento temporal de um determinado fato, sendo que este passa a ser visto a partir da articulação entre subjetividade e a discussão com a historiografia.[51] No que remete às dimensões que envolvem o trabalho rural-urbano, Raymond Williams desenvolveu uma discussão envolvendo a produção da cultura na cidade e no campo, onde essas relações não se desenvolvem de forma isolada, pois a vida do campo e da cidade é móvel e presente: as mudanças vão ocorrendo gradativamente ao longo do tempo, são mudanças que movem sentimentos, ideias e se transformam numa rede de relacionamentos que é construída, mantendo vínculo umas com as outras, entre cidade e campo. [52]

Em contrapartida, também podemos pensar o espaço rural como uma forma de construção social da realidade, como apontou José de Souza Martins, em sua obra *O modo capitalista de pensar*.[53] Já para Ariovaldo Umbelino de Oliveira, as lutas que ocorreram nos campos e nas cidades mostraram que cidade e campo não podem ser separados, pois as lutas dos trabalhadores do campo são feitas nas cidades. Movimentos de trabalhadores rurais caminham pelas estradas, acampam e lutam no campo, e na cidade lutam pela reforma agrária. O autor destaca ainda que a luta pela terra no campo só poderá ser feita na cidade.[54] Além de Oliveira, outros pesquisadores analisaram o processo da luta pela terra nessa mesma perspectiva, no entanto entendemos que a luta pela reforma agrária também se faz no campo, no enfrentamento coletivo direto.

É importante destacar que este espaço social - quando comparado a outros - é tido como lugar de valores, em que os bens se perfazem como valores culturais de uma

---

[51] Parafraseando. Op.Cit.
[52]WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 21.
[53]MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar**. 3.ed. São Paulo. Editora: Hucitec, 1982, p. 29.
[54]OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991, p. 7.

realidade singular, sendo o valor de uma organização familiar. É necessário entender o que a terra representa para esses camponeses[55] no Brasil e qual o seu real significado. Na obra *Essa terra é nossa*, que reúne várias denúncias de vinte anos de lutas de posseiros do Maranhão, Manoel da Conceição Santos[56] descreveu que no campo os grandes proprietários pegavam uma produção de áreas de terras - que podiam ser deles ou não - e exploravam uma pequena parte delas e a outra era deixada como reserva, a fim de estudar uma melhor forma de ganhar dinheiro. No entanto, a terra é vista pelo camponês como verdadeiro valor de uso, do que pode produzir; o latifundiário, por sua vez, só procura o valor mercantil, independente de fazer uso ou não da área em questão.

A atuação das lideranças religiosas na luta pela terra foi importante, pois a Igreja, além de ter apoiado a luta, também ajudou nas necessidades básicas por meio dos debates nos salões paroquiais, que envolveram grupos de casais e de jovens – a Pastoral da Juventude se fez mediadora com a sociedade, pois demonstrou uma realidade diferente do que as classes proprietárias mostravam em algumas matérias jornalísticas (jornal impresso e outros meios de comunicação), que favoreciam o Estado e se posicionavam contra as ocupações de terra e movimentos envolvidos.

No Serafim, este apoio tornou o acampamento não somente um espaço social de luta pela terra, mas contribuiu para a permanência de valores que foram marcados pelo momento de grandes debates, inspirados no modelo religioso que ocorria nas paróquias das cidades e vilarejos, como uma forma de planejamento. Porém, as discussões não se limitavam a pensar somente as dificuldades vivenciadas pelos então acampados naquele momento, mas a entender o que almejavam no futuro, quando as terras fossem desapropriadas. Outra ação dos representantes religiosos consistia em conseguirem doações de alimentos e outras coisas que amenizassem a condição de sofrimento dos trabalhadores.

No final de 1980, o acréscimo do número de ocupações de terra na região contribuiu para o aumento de pressões sobre o governo, cuja exigência eram as desapropriações de áreas improdutivas. Inclusive, foi por meio das desapropriações de áreas que assentamentos foram criados. No Sul do Maranhão, a terra organiza não somente grupos de trabalhadores no campo, mas contribui para construções de relações

[55] Para o camponês, um pedaço de terra, uma casa não são meramente fatores de produção; eles estão carregados de valores simbólicos.
WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1976. p.31.
[56]CONCEIÇÃO, Manoel da. **Essa Terra é nossa**: depoimento sobre a vida e as lutas de camponeses no Estado do Maranhão.Petrópolis: Vozes, 1980. p.151.

sociais; o campo é tido pelos sujeitos como local de viabilidade das lutas, sendo também espaço social que fortaleceu identidades. Neste sentido, compreendemos que, para esses sujeitos, possuir um pedaço de chão é poder direcionar a própria vida. Raimundo Silva rememorou as significações representadas pelo lugar:

> A roça que a gente colocava dava muita fartura, era arroz, abóbora mandioca, amendoim e tudo que a gente plantava dava. Na época do acampamento, tinha fartura, era animado, todo mundo unido, fomos para São Luís a pé, era bom demais. Hoje, tenho gado, terra, vivo liberto aqui. Comparando com o tempo que eu vivia em Estreito, estou milionário, daqui só saio para o cemitério. [57]

Os sujeitos construíram alternativas que produziram resistência, isso nos faz entender como elementos de liminaridade, que nem sempre se faz em um espaço temporal. Diante dessas considerações, é importante ficar atento para valores que estes sujeitos atribuem à terra; a cultura é fator determinante, cuja memória carrega a tradição, seguida dos costumes e do imaginário.[58]

> Lembro das festas, reunia todo mundo, era muito calmo, divertido. Sinto muita falta dessas festas que não acontecem mais. Sinto falta das colheitas coletivas, que a gente trabalhava tudo junto, um ajudando o outro, plantando junto. É um local que criou muitos laços, tenho saudades de uma amiga, com quem conversava e não mora mais aqui. Sinto muita saudade. É como se aqui fosse uma grande família. [59]

Os elementos da narrativa compõem valores, sentimentos, desejos que têm temporalidades subjetivas distintas. Para entender um pouco mais das problemáticas desse universo regional, é interessante considerar o processo que ocorreu na região, entre as décadas de 1960 e 1980, quando o modelo jurídico predominante tinha as ocupações de terra como desordem. Dessa maneira, a lei era interpretada pelas autoridades como responsável pela função de aplicar as normas positivas para o necessário ordenamento social.[60] No entanto, Edward Palmer Thompson recordou que a lei não foi apenas imposta de cima sobre os homens, pois tem sido um meio no qual os conflitos sociais têm se travado.[61] Cabe destacar que, na década de 1980, os latifundiários da região adquiriram grandes extensões de terras por meio da compra de posses e títulos para a formação de fazendas. Alguns eram empresários e fazendeiros de

---

[57] SILVA, Raimundo Pereira da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[58] OLIVEIRA, Gerson Alves. op.cit.; p. 53.
[59] SILVA, Maria dos Anjos Ribeiro da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[60] OLIVEIRA, Gerson Alves. op.cit.; p. 58.
[61]THOMPSON, Edward Palmer. **Senhores e caçadores**: a origem da lei negra. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987, p. 358.

outros estados, principalmente do Sul e Centro-Oeste do país, outros adquiriram áreas por meio de projetos aprovados por instituições financeiras, como afirmou o historiador regional Adalberto Franklin nos seus estudos sobre as questões políticas, econômicas na cidade de Imperatriz e região:

> A fragilidade dos posseiros se dava principalmente porque a quase totalidade dos que imigraram para o sudoeste maranhense era de camponeses analfabetos ou pessoas de pouca instrução, sem noção legal de posse ou propriedade; para quem a terra devoluta, sem produção e sem reclamante, era território de quem nele se atrevesse a derrubar, queimar, plantar e colher; que tivesse disposição e coragem para a lida da roça. Documentação de terra não era objeto de sua preocupação. [62]

Dessa forma, grupos dominantes foram privilegiados em toda a região do estado. As representações do Poder Judiciário serviram aos interesses do poder político local, onde a questão agrária foi tratada de forma indiferente, o que inviabilizou possíveis soluções para as problemáticas que envolveram questões fundiárias. De acordo com o deputado estadual Domingos Dutra (Partido dos Trabalhadores), em depoimento prestado ao *Relatório Final de Direitos no Campo*, compreendeu o período de 1946 a 1988 da Comissão Camponesa da Verdade, que ponderou a forma de atuação do Poder Judiciário no estado do Maranhão:

> Seria injusto atribuir ao Poder Judiciário toda a responsabilidade pela violência no campo. No entanto, parte de seus membros tem contribuído decisivamente com as injustiças, com a intocabilidade da propriedade privada, com a instituição do latifúndio e legitimando as formas mais absurdas de violência contra lavradores, suas lideranças e apoiadores da reforma agrária.[63]

Os *Relatórios de Diretos no Campo* foram importantes porque legitimaram a luta pela terra; ao constituir narrativas, seja dos trabalhadores ou de representantes do Estado, mostravam os dois lados. Esse contexto pode ser identificado nos relatos dos trabalhadores, principalmente quando em suas falas fazem referência às autoridades locais; as narrativas são permeadas por lembranças marcadas por despejos.

> Fomos despejados uma vez da terra, por ordem do juiz, saímos pacificamente daqui e voltamos para Estreito. Chegando na cidade, fomos para um colégio e tornamos ser despejado novamente, só que

[62]FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Maranhão: Ética, 2008, p. 135.
[63] **Relatório final de Direitos no Campo**: Comissão Camponesa da Verdade de 1946-1988. Digital. 2014.

> dessa vez não foi pelo juiz e sim pelo prefeito, que mandou a gente se retirar do colégio. Foi um momento de agonia pra gente, muitos naqueles dias desistiram de permanecer na escola, mas os que ficaram voltaram aqui pra terra e estão até hoje. [64]

A questão agrária analisada aqui é a que necessariamente envolveu as disputas entre trabalhadores rurais de diversas regiões, fazendeiros, grandes empresários, muitos do Sul do país, que adquiriram propriedades na região por um valor de baixo custo quando comparado à realidade de outros estados do país, sendo também que disputavam a apropriação de áreas devolutas. Os conflitos por terra no Sul do estado envolveram diversas entidades de mediação, dentre elas o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Igreja, por meio de seus agentes da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Nesse processo de disputa pela terra, os fazendeiros quase sempre recorreram à violência física, essa ação resultou na instalação de cercas em fazendas que faziam fronteiras com áreas ocupadas pelos trabalhadores, uma forma de evitar que seus imóveis fossem ocupados e desapropriados, ao mesmo tempo em que são simbologias da propriedade privada. Disso derivou a violência moral sobre os trabalhadores, contra os meios de produção, casas, recaindo com mais intensidade sobre lideranças religiosas, no intuito de desmobilizar o movimento de luta pela terra.

No período que compreendeu a década de 1980, tornaram-se frequentes nos jornais impressos de grande circulação do estado e região - como *O Progresso* e *O Imparcial* - denúncias de violências contra posseiros envolvendo policiais militares que agiam de acordo com fazendeiros. Destacou-se o caso que aconteceu no município de Estreito, em 09 de maio de 1988, quando vários posseiros do município se dirigiram à delegacia do primeiro distrito para denunciarem policiais militares e o delegado daquela localidade pelo espancamento de vários trabalhadores, conforme trecho transcrito do jornal da época:

> Segundo o posseiro Fabrício Vieira da Costa, ele e seu companheiro Antônio Alves dos Santos foram surpreendidos durante a madrugada com vários soldados armados da Polícia Militar do Maranhão acompanhado de jagunços armados, empregados do fazendeiro Honório Filho Carvalho, cercou a casa dos trabalhadores e os expulsaram à base de pancadaria. Os posseiros foram desalojados à base de pontapés, depois levados até a delegacia, sendo ameaçados pelo delegado, que mandou um de seus subordinados cortar a barba de Antônio Alves à base de facão, os ameaçando de morte, caso fossem registrar denúncia. Não deixaram ser intimidados e denunciaram o

[64] CRUZ. Tereza Alves da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

> fato ao Diretor Regional de Segurança de Imperatriz, Walber Dourado. Foram acompanhados do advogado José Mendonça da Comissão de Justiça e Paz da Diocese do local, onde deram início ao procedimento de denúncia, por abuso de autoridade dos militares.[65]

Com relação aos jornais *O Progresso e O Imparcial*, podemos destacar que ambos fizeram seu papel como veículo de informação, pois traziam para a comunidade elementos que até então eram omitidos pelas emissoras de televisão. A matéria acima demonstrou elementos da violência física e simbólica sofrida pelos sujeitos e demonstrou a dificuldade de permanência dos posseiros no local. Pressionar o Governo e conseguir a desapropriação da terra era um processo lento e que resultou em vários enfrentamentos, tanto com jagunços dos grandes proprietários rurais como até mesmo com a polícia, que abusava do poder coercitivo que detinha. Nesse momento, o envolvimento da Igreja Católica, das delegacias sindicais e das autoridades nesses conflitos aconteceu quando era identificada situação de violência, como despejos, atentados de morte e outros tipos de perseguições. Geralmente, esses enfrentamentos aconteceram pela maneira como os trabalhadores eram vistos com negatividade - como invasores de terras, baderneiros -, por esse motivo a presença da polícia era aclamada, no intuito não somente de conter as ocupações de terra, mas para garantir a retirada dos posseiros da área. Consta no *Relatório da Comissão Camponesa da Verdade* que o apoio dos policiais foi fundamental para a consolidação do latifúndio, como foi denunciado na CPI de uma audiência pública em São Luís:

> A atuação do aparelho policial tem sido determinante para desequilibrar as disputas pela posse da terra, em favor dos latifundiários e fazendeiros. Há, assim, uma união muito forte entre o aparelho policial, o latifúndio e a pistolagem[66], havendo casos, de policiais que atuam como pistoleiros, bem como pistoleiros que se vestem de policiais, para facilitar a ação repressiva contra os lavradores.[67]

Toda essa situação colocou em disputa não somente a terra como espaço de produção, mas fatores individuais, coletivos presentes, principalmente as particularidades dos sujeitos. As expulsões resultaram na retirada de relações simbólicas

---

[65] Jornal *O Progresso*. **Policiais militares agridem posseiros no campo**. 09 de maio de 1988.

[66] A pistolagem revela outro poder que se reproduz à margem da lei, negando o universo jurídico, as regras e as convenções do campo jurídico, relações de poder que se exercem pela afirmação de um poder paralelo, que faz coexistir modernidade e arcaísmo; um universo jurídico, com seus códigos e suas regras, convivendo com a (in) justiça pelas próprias mãos.
SANTOS, José Vicente. op.cit.; p. 33.

[67] Relatório final de Direitos no Campo: Comissão Camponesa da Verdade de 1946 -1988. Digital. 2014.

e afetivas que eles mantinham com o espaço. É importante ressaltar que, no Maranhão, a prática da violência efetivamente contou com a participação do estado, representado principalmente pela polícia. Isso contribuiu para que os sujeitos reconhecessem também nos partidos políticos que lutavam pelos direitos dos trabalhadores parceiros e apoiadores de suas lutas.

Referente a isso, destacamos também a perseguição sofrida pelos militantes, que eram vistos como ameaças pelo poder público. Como o ocorrido na década de 1990, quando, durante uma visita ao município de Imperatriz, o agricultor José Rainha Júnior, 29 anos, membro da direção Nacional do MST, que visitava municípios da região articulando a legitimação do movimento, foi preso. A possível disseminação e legitimação de movimentos sociais que buscavam colocar em pauta discussões sobre Reforma Agrária eram inviabilizadas pelas autoridades, que intensificaram as perseguições contra militantes, conforme matéria de capa do *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, que desmascarou o governo a respeito da injustiça cometida contra representantes dos movimentos sociais. Esse veículo de informação foi importante por denunciar as injustiças sofridas pelos sujeitos que atuavam frente aos movimentos de luta pela terra, que buscavam melhorias para as condições de vivência no campo.

Comunicado.

**Preso José Rainha da direção nacional do MST.**

*No dia 29 de junho, a polícia federal invadiu a secretaria do MST em Imperatriz (MA) e prendeu o lavrador José Rainha Junior, 29 anos, membro da direção nacional do Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra.*

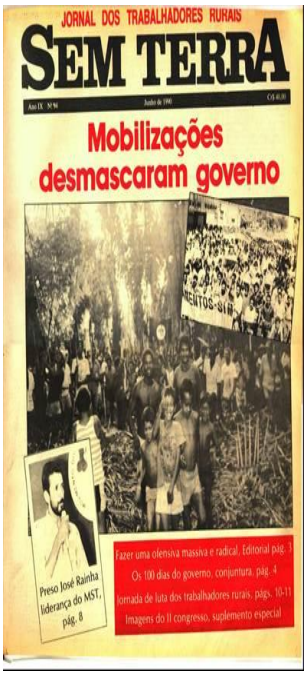
*A PF alegou um mandado de prisão expedido em junho de 89, pelo juiz de Conceição da Barra (ES). Uma perseguição política, por um conflito de terras no município de Pedro Canário.*

*José Rainha era dirigente do Movimento em ES, sofreu várias ameaças de morte e um atentado em que foi ferido, em novembro de 88. Teve que deixar o estado, sem poder sequer visitar os familiares.*

*Desta forma, ele não se encontrava no estado quando do conflito em Pedro Canário. Por outro lado, os lavradores presos na ocasião já estão em liberdade.*

*A polícia afirma, agora, que vai transferir José para o ES. Se trata de uma dupla perseguição, por parte das autoridades do Maranhão, em função das ocupações de terra ocorridas recentemente em Imperatria, e por parte da Justiça do Espírito Santo que o arrolou num processo, quando nem sequer residia mais no estado. Com isso querem atingir o MST como um todo.*

*A direção do Movimento teme pela segurança do companheiro e responsabiliza a polícia federal e as autoridades do ES, por qualquer dano que vier a sofrer.*




**Fonte**: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=836&pesq=

Como apontou Oliveira, o espaço social é o local concreto das lutas de classe travadas pela sociedade, no processo de produção de sua existência. [68] Analisar os conflitos que envolvem esses trabalhadores requer tratar de um processo pelo qual os diversos sujeitos fizeram e ainda se fazem protagonistas, sendo importante entender como esses atores rememoram o passado e ressignificam o presente e como suas narratividades revelam dimensões e significados. Na região, a atitude de resistência dos trabalhadores rurais diante das práticas de violência dos grandes proprietários culminou em ação de enfrentamento, quando passaram a criar diversas estratégias e formas de resistência, desde a criação de roças coletivas como também o próprio confronto com pistoleiros e fazendeiros. O universo regional possibilitou a construção social, no entanto as relações de poder existentes é que geram conflitos entre os diferentes segmentos sociais, que dessa forma são vistos como instrumento das lutas.

*

A década de 1970 é importante por ter sido o período em que as lutas dos trabalhadores rurais, por direitos políticos e sociais, assumiram importância nas discussões sociais e nas representações do Estado. No início deste período, freiras, padres, dentre outros agentes da Igreja Católica[69], realizaram serviços junto às populações do campo. Essas considerações nos remetem às tensões do período, quando os militares defenderam a incorporação de políticas e tecnologias vinculadas ao capital estrangeiro, sendo esse o modelo de desenvolvimento adotado para o espaço rural brasileiro, cujas políticas estavam totalmente voltadas para a implantação do agronegócio, da exportação e abertura ao capital internacional.[70]

---

[68]OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Geografia e os movimentos sociais**. Revista Perspectiva Geográfica, Paraná, v.3, n.3, p. 7-28, maio. 2007, p. 8.

[69]A partir das posições emanadas do Concílio Ecumênico Vaticano II, em dezembro de 1965, alguns ventos de renovação começaram a chegar à Igreja brasileira. Mas sem dúvida o grande impulso de renovação e mudança profunda da postura da hierarquia e do corpo da Igreja veio com a segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968. A partir de então, consolidam-se a "teologia da libertação" e os compromissos efetivos da Igreja com os pobres e marginalizados. Este foi o sinal para a retomada das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que se organizaram em todo o país no período mais brutal da repressão, entre 1969 e 1974, e no seu Encontro Nacional de Vitória (ES), em 1975, já contavam com 50.000 comunidades atuantes em apoio a favelados, presos, índios, camponeses e operários.
MINC, Carlos. **A Reconquista da terra**: estatuto da terra, lutas no campo e reforma agrária. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1985, p.30.

[70]PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo. 2013. 278f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.p.180.

No entanto, a concentração fundiária e os sindicatos rurais ainda controlados pelo regime militar continuavam sua luta apoiados pela Igreja Católica. Conforme o *Relatório Final de Direitos no Campo*, que compreendeu o período de 1946 a 1988 da Comissão Camponesa da Verdade,

> a partir dos anos de 1970, a atuação de setores progressistas da Igreja Católica (e de outras Igrejas históricas como as Igrejas Luterana e Metodista), em especial a Comissão de Justiça e Paz e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), passou a ter grande importância na defesa dos direitos no campo. A Comissão de Justiça e Paz teve grande atuação em diversos estados brasileiros, enquanto a CPT teve uma atuação inicial nas regiões do Norte e do Centro Oeste. Posteriormente se estendeu para regiões do Sudeste, onde também exerceu grande papel de articuladora das lutas e canalização das demandas dos setores populares rurais.[71]

Foi nesse contexto que a Comissão Pastoral da Terra (CPT) foi criada, em 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia. Essa entidade foi fundada em pleno período da ditadura civil-militar, como resposta à situação vivida pelos posseiros, trabalhadores rurais, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, em condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam. A CPT surgiu no intuito de dar suporte à causa dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, acompanhando-os. É importante ressaltar o entendimento abordado pelos estudiosos Bernardo Mançano Fernandes e João Pedro Stédile:

> A CPT foi a aplicação da Teologia da Libertação na prática, o que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico. Os padres, agentes pastorais, religiosos e pastores discutiam com os camponeses a necessidade de eles se organizarem. A Igreja parou de fazer um trabalho messiânico e de dizer para o camponês: "Espera que tu terás terra no céu". Pelo contrário, passou a dizer: "Tu precisas te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na Terra". A CPT fez um trabalho muito importante de conscientização dos camponeses. [72]

A CPT, ao realizar um trabalho de conscientização, atuou diretamente na organização dos trabalhadores do campo. Pouco tempo depois, sua ação se espalhou por todo o país, pois as problemáticas envolvendo os camponeses se agravaram cada vez mais. Dessa forma, em cada região, o trabalho da CPT adquiriu uma tonalidade

[71]Relatório final de Direitos no Campo: Comissão Camponesa da Verdade de 1946 -1988. Digital. 2014.
[72]FERNANDES, Bernardo Mançano; Stédile, João Pedro. **Brava Gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 3. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.p.20.

diferente, de acordo com o que a realidade apresentava. Para o pesquisador Airton dos Reis Pereira, que abordou o processo da luta pela terra no estado do Pará, essa entidade, nos primeiros anos de sua fundação, desenvolveu a articulação dos trabalhos, nos quais padres, párocos e freiras, juntamente com agentes do Movimento de Educação e Base (MEB), desenvolveram ações no campo. [73]

Dentre esses fatores, as lutas pela permanência na terra foram discussões que passaram a ser vistas a partir de concepções que envolviam o direito à terra em que se trabalhava, ampliando as discussões sobre Reforma Agrária. Recuando um pouco no tempo, é preciso considerar a importância do processo de formação das Ligas Camponesas[74], pelo movimento de referência neste processo e por ter inspirado outras lutas que reivindicavam o acesso à terra. Por isso, os movimentos de luta pela terra no Sul do Maranhão podem ser entendidos a partir do "olhar" aproximado das Ligas Camponesas, visto que os movimentos da região sul maranhense não se limitaram, abrangeram estados vizinhos, como Tocantins, Pará e até mesmo o Piauí. Foi um movimento que surgiu principalmente da revolta dos trabalhadores, calcada nas itinerâncias, contra as condições econômicas, sociais que viviam como agricultores. Referente a isso, somaram-se outras problemáticas que contribuíram para ocorrência das revoltas no estado.

Compartilhamos o entendimento de que foi da emergência das Ligas Camponesas, na década de 1950 a 1960, que outros movimentos de luta pela terra surgiram e ganharam dimensão. A organização das Ligas nasceu no Nordeste, abrangeu os estados de Pernambuco e Paraíba. Cabe ressaltar que, nos anos 1950 a 1960, teve início um referencial na forma de organização dos trabalhadores do campo, que, ameaçados de perderem as terras onde viviam, aderiram a esses movimentos de luta que eram contra a grilagem de terras, a qual resultou na formação de latifúndios. Sendo assim, emergiram nas regiões conflitos e lutas pela Reforma Agrária, representadas pelas Ligas Camponesas, esse contexto pode ser mais bem compreendido a partir da descrição abaixo:

> É importante também o fato de que a liga camponesa corresponde mais diretamente às reivindicações do trabalhador rural. Surge como

[73]PEREIRA, Airton dos Reis. op. cit.;p.183.

[74] Foi no congresso de Recife, de 1955, que contou com o comparecimento de três mil camponeses, que foi constituída a organização das Ligas Camponesas, que, por sua vez, reuniu seu primeiro congresso em 1958, depois de mobilizar muitos milhares de camponeses nordestinos na luta pela terra.
MINC, Op. Cit. 1985.p.14.

> uma reação daquele trabalhador às condições econômicas e sociais adversas em que se encontra, enquanto produtor. O trabalhador rural é o elo mais vulnerável na cadeia do sistema produtivo, que começa com sua força de trabalho e termina no mercado internacional. Ele parece ser o vértice de uma pirâmide invertida, no sentido em que o produto do seu trabalho é dividido entre muitos, porém, sobrando-lhe pouco. Esse é o contexto em que surge a liga camponesa, simbolizando a reação do trabalhador rural às precárias condições de vida vigentes no mundo agrícola.[75]

Esse movimento teve proximidade com o organizado pelos horticultores do Recife, sendo subsidiado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), na década de 1940. No entanto, foi na década de 1950 que as ligas camponesas ganharam significado por meio da estrutura organizacional. Expandiu-se rapidamente pelos estados do Nordeste; as mobilizações dos trabalhadores envolveram reinvindicações pelo mais imediato: a luta pela Reforma Agrária no país. Conforme Fernandes, as ligas se mantiveram mais independentes, com base na bandeira de luta *Reforma agrária na lei ou na marra* e, mais do que os sindicatos, constituíram-se como a referência da luta pela reforma agrária. O grito de *Reforma Agrária na lei ou na marra* caracterizou a luta do movimento, no qual trabalhadores saíam às ruas realizando marchas, comícios, congressos e etc.[76]

Contudo, foi a partir da década de 1970 que a CPT passou a atuar nas questões que envolveram trabalhadores vítimas de violência. Para isso, tornou-se importante e necessário registrar os conflitos que tivessem conhecimento juntamente com relatórios que pudessem fornecer informações sobre a violência no campo. Dessa forma, foram feitos registros contendo nomes, data dos conflitos, dentre outras informações relevantes, em alguns casos eram produzidos depoimentos de trabalhadores, sendo em seguida autenticados em cartório[77]. De acordo com Airton Pereira, diariamente esses relatórios auxiliavam o trabalho de freiras, padres, agentes de pastorais e demais envolvidos nas questões da terra, que denunciavam a violência contra camponeses. Além das reuniões, na maioria das vezes organizadas pela coordenação da CPT, juntamente com bispos que formalizavam as denúncias à CNBB, Anistia Internacional, Imprensa, OAB, Ministério da Justiça, dentre outros órgãos.

---

[75]STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**: o debate na esquerda -1960-1980. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p.138.
[76] FERNANDES, Bernardo Mançano. op.cit.; .p.18.
[77] PEREIRA, Airton dos Reis. op.cit.;p.187.

Nesse contexto, é possível entender o trabalho de base realizado pela CPT no campo, principalmente o apoio dado às paróquias no Sul do Maranhão, que contribuiu para se intensificarem as ajudas nas comunidades de posseiros, cujo objetivo era fortalecer a luta dos trabalhadores pela terra. Entende-se que pela forma como a CPT atuou, a entidade se fez mediadora das lutas na fase de acampamento do Serafim. Os trabalhos nas áreas dos sertões, como também são chamados o local do Cerrado, compreendiam a realização de visitas, dependendo da localidade, algumas vezes eram feitas a pé ou em animais, dependendo das circunstâncias do local. Os agentes pastorais faziam uma espécie de evangelização dos camponeses, por meio de celebração de missas, batizados, cursos bíblicos e até casamentos.[78] É importante ressaltar que, além das visitas, também foi realizada a formação política, que se deu por meio das explicações sobre questões agrárias, sindicalização, a importância da participação de jovens e mulheres nas discussões sindicais, os direitos que os trabalhadores possuíam e outras temáticas relacionadas à realidade dos sujeitos.

Neste sentido, de 1980 a 1990, tiveram destaque os *Cadernos de Conflitos no Campo*, produzidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) que, além de denunciar os conflitos que envolviam agricultores, apresentavam-se como um discurso legitimado. Esses materiais produzidos encorajaram as dioceses da região a se manifestarem perante atitudes de violências que envolveram lideranças religiosas e trabalhadores rurais. Como podemos verificar por meio da matéria jornalística, publicada pelo jornal *O Progresso*, no dia 28 de novembro de 1985:

> A Igreja de Carolina torna público o repúdio sobre a violência praticada em Bacabal contra posseiros da região e ao bispo da localidade, que tem assumido o compromisso de defender humildes lavradores da violência e abuso de seus proprietários. Agora os proprietários de terra, numa demonstração de ódio, cometeram crime que resultou na morte de vários lavradores daquela localidade.[79]

A nota foi publicada pela Diocese de Carolina (MA), no intuito de pressionar as autoridades na elucidação do crime que ocorreu na cidade de Bacabal (MA) e resultou na morte de agricultores que trabalhavam em terras devolutas naquela localidade. A matéria publicada foi importante por denunciar as opressões sofridas pelos trabalhadores do campo, mostrando para a sociedade o verdadeiro sentido de se alcançar a reforma agrária.

---

[78] PEREIRA, Airton dos Reis. op.cit.;p.193.
[79] Jornal *O Progresso*, de 28 de novembro de 1985.

Airton Pereira pontuou que a Igreja Católica, por meio da CPT, intensificou o processo de capacitação política dos trabalhadores, pois era importante a formação deles. Foi nesta época que os membros adotaram costumes da cultura do campo, que simbolizaram uma ligação forte com os trabalhadores rurais, como, por exemplo, comidas, sandálias, vestimentas, chapéu de palha que foram utilizados como enfeites de casas e capelas. Além disso, ocorreu a passagem de ritos, como missas, caminhadas, em que as leituras bíblicas e a mística descreviam a cultura camponesa. Também eram utilizados instrumentos de trabalho dos posseiros, como foice, machado e enxada no ritual litúrgico, sendo aproveitados também os espaços da Igreja para realização de cursos, reuniões e treinamentos.

Essas considerações possibilitaram entender o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nas quais as reflexões religiosas e leituras com base na realidade em que os posseiros viviam os encorajavam a resistir na terra. Nestes espaços, era reforçada a visão bíblica, sobretudo os debates, que inseriam a luta pela Reforma Agrária e pela terra. Além disso, os posseiros contavam com a ajuda da Igreja Católica nas lutas por seus direitos, sendo talvez naquele momento a única instituição envolvida nos debates pela posse da terra. No intuito de compreender um pouco mais sobre as CEBs, Alves destacou que

> As representações "canções, suor e sangue" traduziam parte do cotidiano das comunidades de base que baseavam suas atividades nas orações e nos cantos, como caminho para reafirmar sua própria utopia; no trabalho como meio de sobrevivência e no sangue, como forma de traduzir os movimentos de confronto e de resistência, de luta e de esperanças. [80]

Foi a partir de 1980 que a Igreja deu dimensão mais ampla aos conflitos, sendo que, neste momento, as questões da terra passaram a ter espaço cada vez maior nas produções da CNBB, por meio da imprensa e por intermédio das missas, romarias, dentre outros. A CPT e os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais deram uma dimensão política ampla no processo de disputas pela terra. No estudo sobre *Lutas e resistências*, Clifford Andrew Welch enfatizou que a luta pela sindicalização dos trabalhadores rurais no Brasil é mais bem entendida como uma luta da vanguarda revolucionária contra a

[80]ALVES, Laci Maria Araújo. **Igreja Católica**: imaginário, ditadura e movimentos sociais. Revista Espaço Feminino, Uberlândia-MG, v. 26, n. 2, p.1-22, dez. 2013, p. 191.

classe dominante. Foi por meio das denúncias praticadas contra posseiros que os conflitos ganharam visibilidade, emergiram em rede nacional. [81]

Assim, a prática do Estado em oposição aos representantes da Igreja e atuação da mesma no campo impulsionaram para que a Igreja ficasse ao lado dos trabalhadores, reconhecendo como parceiros de luta os sindicatos. No Maranhão, principalmente na região Sul do estado, esse trabalho foi realizado na área dos sertões, em comunidades indígenas e de posseiros, principalmente aquelas envolvidas em intensos conflitos de terra. Para analisar o discurso presente no jornal Católico *Sinais dos Tempos*, a estudiosa Pollyana Galvão destacou que os representantes religiosos mostravam, com base em leituras bíblicas, que os sujeitos deveriam ser protagonistas de suas libertações, em busca da terra. Enfatizavam que a terra tinha que pertencer às pessoas que trabalhassem e permanecessem nela.[82]

No entanto, é importante remeter o entendimento ao período em que o governo lançou o Plano de Reforma Agrária, momento em que os latifundiários se articularam e fundaram a União Democrática Ruralista – UDR, em junho de 1985, em Goiânia (GO), que contribuiu para o acirramento dos conflitos em território nacional. O objetivo da instituição era oposição à reforma agrária e defesa da propriedade rural. Dessa forma, a entidade rapidamente se ramificou em vários estados, numa ofensiva contra as ocupações de terra. De acordo com matéria do jornal *O Progresso* do mês de maio de 1986,

> Naquele presente momento estava sendo criada a UDR na cidade de Imperatriz (MA) e abrangeria demais municípios da região. A fundação da entidade ocorreu exatamente no momento em que o Padre Josimo Tavares foi assassinado na escadaria do escritório da CPT. Para os dirigentes da UDR, O Plano de Reforma Agrária havia sido inspirado numa ideologia comunista. Nasceu calcado em inverdades, pois havia sido feito pela CPT e CNBB, sem convidar os agricultores.[83]

Portanto, a UDR visava a assegurar o direito de propriedade. Já para os agricultores, a UDR foi criada única e exclusivamente para impedir a viabilidade do Plano de Reforma Agrária. Cabe ressaltar que a entidade ficou conhecida na região como "sindicato do crime", que atuou no estado em parceria com a polícia de forma

[81] WELCH, Clifford Andrew. **Lutas e Resistências**. Londrina: Midiograf, 2006, p. 62.
[82]GALVÃO, Pollyana da Silva. **O Discurso sobre a Questão Agrária no Jornal Católico Sinais dos Tempos** (MA). 2013, 104f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2013.p.12.
[83] No sentido de grandes proprietários de terra.

truculenta contra trabalhadores. De acordo com os dados fornecidos pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Maranhão – FETAEMA,

> Desde o início de 1982 até o final do semestre do corrente ano, foram 24 mortes que envolveram grileiros e trabalhadores pela disputa da terra. Com a fundação da entidade houve acréscimo desse quadro, que emergiu em decorrência das expectativas em relação ao Plano Nacional de Reforma Agrária.

Nesse contexto, utilizei o *Dossiê produzido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no ano de 1989*, que resume a gravidade dos fatos da repressão cometida no campo naquele ano. São atentados contra os direitos dos camponeses, sobretudo; são feitos de forma generalizada, sem que a sociedade reaja a tal situação, como parte do clima de terror que está implantado no campo pela polícia militar, UDR e grupos paramilitares. Dentre eles, o acontecido na fazenda Cikel, no sudoeste do Maranhão:

> A polícia federal e técnicos do IBAMA, fortemente armados, invadiram e sem pretextos, espancaram vários lavradores deixando em estado grave a lavradora Francisca Soledade, que se encontrava gestante. Destruíram roças, roupas, utensílios domésticos e gêneros alimentícios.[84]

Todas essas práticas colocam os trabalhadores em condições de marginalidade, ficando vulneráveis a conflitos armados. Conforme destacado abaixo, no acontecimento da fazenda Terra Bela:

> No dia 21 de agosto de 1989, outro acontecimento marcou a violência contra os trabalhadores. O sargento Evangelista e o tenente Flávio da PM, com um destacamento de soldados invadiram fortemente armados, a fazenda Terra Bela, na localidade de Buriticupu, palco de muitos conflitos. A PM invadiu a área sem nenhuma ordem judicial, entrou nas casas quebrando tudo o que puderam, coagindo mulheres e crianças e espancando cinco lavradores, levando-os presos. O sargento e a PM, estão envolvidos com a comercialização ilegal da madeira da Fazenda Terra Bela e costumam acobertar os pistoleiros da região, que fazem todo tipo de provocações aos lavradores, agora assentados. Implantou-se um clima de terror e vandalismo na localidade de Buriticupu, onde a lei é o sargento Evangelista e suas vontades.[85]

---

[84]Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dossiê*: "A violência da PM, UDR e Para-militares contra os Sem-Terra"*. São Paulo: 23 de agosto de 1989. p.4.

[85] Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dossiê*: "A violência da PM, UDR e Para-militares contra os Sem-Terra"*. São Paulo: 23 de Agosto de 1989. p.7.

Entende-se que a concretização do Plano de Reforma Agrária aumentou ainda mais a fúria dos grandes proprietários, que não mediram esforços ao intensificar recorrentemente a violência contra trabalhadores e, principalmente, lideranças religiosas que apoiavam as causas populares, na maioria das vezes tendo suas trajetórias de vidas interrompidas.

**

Por volta de doze horas do dia 10 de maio de 1986, no momento em que subia as escadarias do prédio onde funcionava a Comissão Pastoral da Terra (CPT), no centro da cidade de Imperatriz, o padre Josimo Tavares foi alvejado com um tiro que o atingiu mortalmente. Com 33 anos de idade, Josimo era vigário da paróquia de São Sebastião, no estado do Tocantins, pequena cidade ao norte de Goiás e integrante da Diocese de Tocantinópolis, coordenador da CPT no Bico do Papagaio, região compreendida inicialmente por cerca de dez municípios do norte goiano, que no mapa tomam a forma da cabeça de uma ave. De acordo com edição especial do jornal impresso *O Progresso*,

> O crime mobilizou autoridades federais e a imprensa nacional e internacional. Reconhecendo Josimo como - mártir da Reforma Agrária - pois foi caracterizado como uma ação dos proprietários de latifúndios contra os movimentos católicos e sindicais que lutavam a favor da Reforma Agrária na região. Dessa forma na tentativa de calar o padre, fazendeiros acharam que a única saída seria sua morte, a partir de então o crime foi planejado. [86]

Pouco menos de um mês antes de sua morte, no dia 15 de abril de 1986, quando retornava de São Sebastião (TO) para Imperatriz (MA), o padre Josimo foi surpreendido inesperadamente por um veículo; homens que estavam no automóvel dispararam vários tiros contra o carro do sacerdote, que felizmente saiu ileso; as balas chegaram a atravessar a porta esquerda do veículo. O atentado foi levado ao conhecimento das autoridades federais, mas nenhuma providência foi tomada. Essa negligência foi decisiva para a morte de Josimo, tempos depois.

O autor do crime contra o líder religioso foi Geraldo Rodrigues da Costa, residente em Imperatriz, nas proximidades do centro da cidade (matéria jornalística abaixo).

[86] Jornal *O Progresso* de 17 de abril de 1986.

> O assassino praticou o crime a mando de fazendeiros do Bico do Papagaio, dentre eles o então vereador Osmar Teodoro da Silva, filiado ao PMDB. O mandante do crime foi encontrado em Goiânia, na residência do homem para quem havia vendido a arma que matou o padre. Em seguida foi trazido para Imperatriz em um avião da Força Aérea Brasileira, trinta dias após o crime, onde ficou recolhido no 50° Batalhão de Infantaria e Selva, pois a delegacia da cidade não oferecia o mínimo de segurança. Após ser submetido aos interrogatórios tanto da polícia como da justiça, ele foi transferido para a Penitenciária Agrícola de Pedrinhas, na Capital, de onde após dois anos do crime retornou para Imperatriz. [87]

Segundo Relatório Final de direitos no campo da *Comissão Camponesa da Verdade (2014),*

> A ação direta do pároco era no Bico do Papagaio, onde ficou conhecido por sua defesa intransigente aos trabalhadores rurais que eram expulsos de suas terras. Josimo também despertava ódio e medo aos fazendeiros da região, pelo fato de ser negro, inclusive tendo sido relatado em sua biografia - *Todos Sabiam* - que foi escrito pela escritora inglesa Binka Le Breton.[88]

Nesse contexto, algo bastante enfatizado no relatório da comissão camponesa foi o acontecimento do dia 25 de setembro de 1984, no Centro dos Canários, município de Axixá, que foi invadido por policiais, que acompanharam o oficial de justiça portando uma liminar contra dois posseiros de outra área, no local conhecido como Centro do Moacir. A invasão resultou em 33 casas queimadas, espancamentos e ameaças de morte. O suposto dono da fazenda voltou à área para mostrar a sua esposa a vitória tida e foi morto pelos posseiros. Neste episódio, treze posseiros foram presos e um, sob tortura, apontou como intelectual do crime o padre Josimo, que foi preso juntamente com a agente pastoral Lourdes Lúcia Goi.

É interessante pontuar que a morte do líder religioso interessava principalmente aos grandes donos de terras, que faziam listas dos chamados "criadores de caso" que deveriam ser eliminados; o nome do padre se destacava. Havia muita gente interessada em silenciar Josimo. Outro aspecto a ser observado é que todos sabiam que a polícia estava a favor dos fazendeiros, que descreviam a equipe da CPT como estando armada, pois os pequenos agricultores eram vistos como invasores e, dentro desta perspectiva, Josimo era visto como terrorista. No *Relatório da Comissão da Verdade,* foi descrito que

---

[87] Jornal *O Progresso*. Citado.
[88] Relatório digital da Comissão Camponesa da Verdade. 2014.

> O ex-tenente Trajano Bueno Bicalho afirmou numa entrevista a uma revista: Temos que nos livrar deste padre preto e daquelas freiras estrangeiras que vêm promovendo confusão por aqui.[89]

A confusão citada na reportagem se refere aos constantes movimentos realizados naquela localidade, no intuito de pressionar as autoridades responsáveis pela viabilização do acesso à posse da terra. Nesse contexto, as lideranças religiosas eram vistas como agitadoras do processo. Outros fazendeiros que tinham problemas com posseiros atribuíam a culpa a Josimo, acusando-o de ser diretamente responsável pelos conflitos. Josimo Tavares ficou conhecido pela frase "Morro por uma causa justa", dita pouco menos de um mês antes de seu assassinato. Além do padre, outros religiosos ou representantes sindicais que lutavam em defesa dos trabalhadores do campo e colocaram a vida em defesa dos mais necessitados foram sequestrados, ameaçados ou assassinados.

Cabe destacar que, no intuito de confrontar os massacres contra trabalhadores do campo, foi importante a parceria entre movimentos de Igreja e movimentos sindicais, que se uniram na luta pelos direitos dos trabalhadores, sendo interessante entender o processo de mediação dos sindicatos, principalmente a partir da fundação do primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em Pindaré-Mirim, que impulsionou a organização e criação de outras instituições sindicais no Sul do estado do Maranhão, onde, nos anos 1970, os conflitos contra posseiros se tornaram algo frequente.[90] Porém, foi por meio do Movimento de Educação de Base (MEB) que o sindicalismo chegou àquela região; os integrantes do MEB eram ligados à Igreja Católica, representada por Dom Fragoso, bispo de São Luís (capital do estado). Nos municípios onde havia as reuniões do MEB, a temática central debatida eram os problemas enfrentados pelos trabalhadores rurais, principalmente ligados à educação, com isso se ofereciam cursos com duração de quatorze dias como uma forma de capacitação. Neste período, destacou-se como participante desses cursos o camponês maranhense Manoel da Conceição, participante das primeiras reuniões do MEB como representante da localidade denominada Mata, local onde morou. No curso realizado pelo MEB, havia toda uma estrutura do ponto de vista político, ligando o município com o estado e com a Presidência da República. Na região, o curso passou a ser classificado como seminário para analfabetos, porque não

[89] Relatório digital da Comissão Camponesa da Verdade. 2014.
[90] SILVA, Ronísia Mara Moura. **A luta Camponesa no Sul do Maranhão através da liderança de Manoel da Conceição**. Monografia (Graduação em História) Universidade Estadual do Maranhão, Imperatriz, 2011. p. 31-36.

exigia que se soubesse ler. As explicações eram feitas por meio de ilustrações. Neste período, não existia sindicato rural, existiam as Ligas Camponesas, Associação Rural; mas sindicato, não.[91] Por meio do curso realizado pelo MEB, os trabalhadores passaram a ter acesso a leis que os protegiam, fator que despertou a luta por seus direitos. Os debates continuaram nas escolas e representantes de várias localidades que haviam participado do curso realizado pelo MEB explicavam sobre as leis que regimentavam os sindicatos. Antes da fundação do Sindicato, foi feito novo curso sobre sindicalismo para pessoas interessadas, que haviam ido aos povoados, onde foi explicada a maneira como seria escolhido o presidente da entidade.

A assembleia de fundação do sindicato foi em Santa Inês, que ainda era uma vila. Dentre os membros do Sindicato, Manoel da Conceição foi escolhido presidente, em 18 de outubro de 1963, pela assembleia geral que fundou o primeiro sindicato do Maranhão. Dentre os maiores problemas enfrentados pelos trabalhadores, estava a luta contra o gado - que invadia as roças e comia tudo, sendo um dos fatores que impulsionaram a associação de vários trabalhadores no sindicato de Pindaré-Mirim com o objetivo de terem seus interesses defendidos.

Desta maneira, o fluxo de trabalhadores reivindicando a entrada do sindicato para resolução dessa problemática proporcionou o surgimento de novos sindicatos nas localidades próximas e nas outras regiões do estado – meio pelo qual os trabalhadores teriam um instrumento de luta próprio, o que fortaleceu o sindicato de Pindaré-Mirim. Assim, foi fundado o primeiro sindicato de Santa Luzia, ganhando mais mobilidade que o de Pindaré-Mirim; a problemática enfrentada era o fato de o gado solto comer as roças de arroz e demais produções dos posseiros nesta localidade.

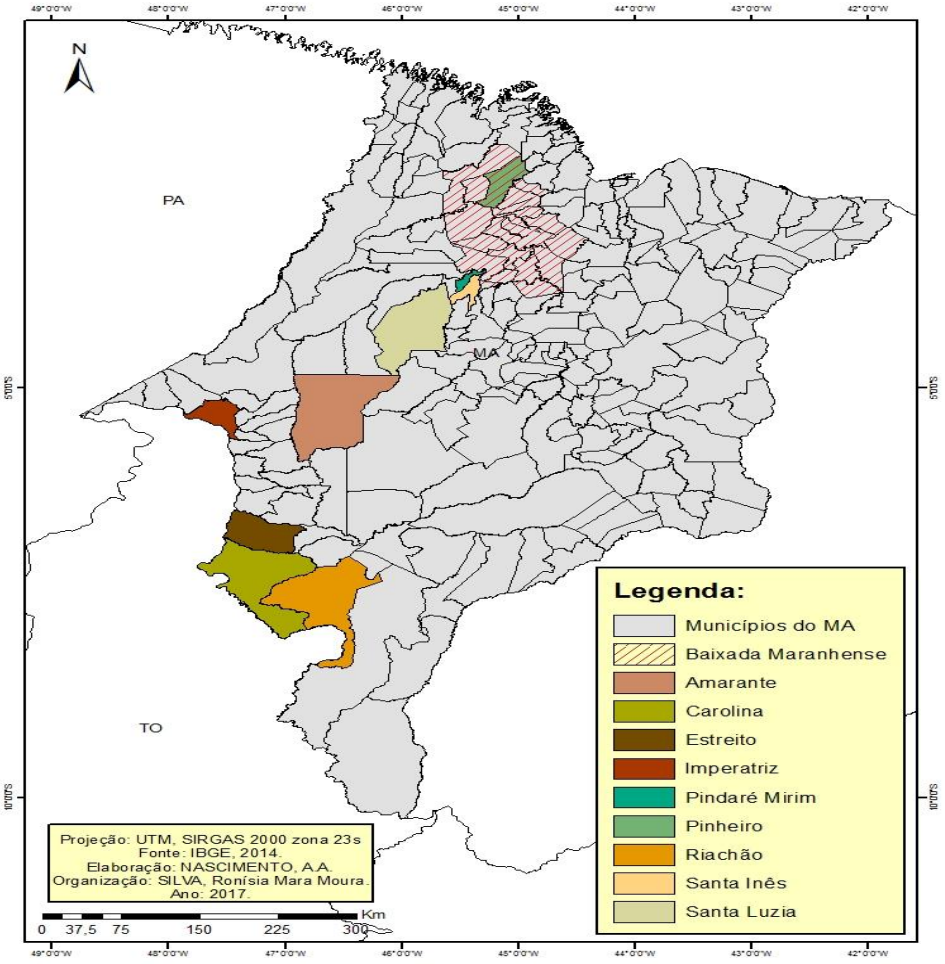
Isso contribuiu para fundação do sindicato de Vitória do Mearim, Bom Jardim, município de Monção, Lago Verde e Altamira. Conforme a expansão da entidade, os sindicatos se tornaram representações de mediação na luta pela terra no estado; foram constituídos pelos trabalhadores, incentivados pela CPT e demais movimentos, que inspiraram as lutas de classes. De acordo com Dirceu Pessoa, ao abordar a política fundiária no Nordeste,

> As mobilizações dos camponeses e assalariados rurais encontraram na estrutura sindical um valioso instrumento para a organização de lutas que ocorreram e vêm ocorrendo em inúmeras localidades do país. Os

[91]CONCEIÇÃO, Manoel da. **Essa Terra é Nossa**: depoimento sobre a vida e as Lutas de Camponeses no Estado do Maranhão. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 135.

> sindicatos assumem, assim, papel preponderante na mediação e representação dos conflitos, congregando em seus quadros de militantes e dirigentes as várias categorias de trabalhador rural. [92]

No intuito de entender a referência e atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Sul do Maranhão, sendo que a participação da Igreja foi importante neste contexto, utilizei neste capítulo narratividades produzidas com representantes das instituições sindicais dos principais municípios da região.




**Mapa 02**: Municípios de Pindaré-Mirim, Santa Luzia, Santa Inês e demais da região maranhense.

A pesquisa contemplou as delegacias sindicais de Imperatriz, Amarante, Carolina e Riachão (conforme localização do mapa acima); na época, essas entrevistas foram concedidas para a pesquisa cuja temática abrangeu a Luta Camponesa no Sul do Maranhão, durante o período de 1960 a 2010.

Foi a partir do desenvolvimento desta pesquisa, da produção de fontes por meio de entrevistas com representantes sindicais, que chegamos ao estudo sobre a luta

[92]PESSOA, Dirceu. **Política fundiária no Nordeste**: caminhos e descaminhos. Recife: Massangana, 1990, p.151.

na Fazenda Serafim. Portanto, é importante recuar no tempo para entendermos a atuação dos sindicatos na região sul maranhense, partindo do primeiro sindicato fundado na região, na cidade de Imperatriz, que impulsionou o surgimento de demais delegacias nas proximidades.

Inicialmente, o primeiro sindicato da região foi fundado em Imperatriz (MA), o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, no ano de 1965; porém, reconhecido pelo Ministério do Trabalho como entidade somente em 1967. O fundador da entidade foi João Palmeira, que se tornou inclusive o primeiro presidente do sindicato; foi morto por ser defensor da luta pela terra na região. Em um período difícil, devido à perda de muitos trabalhadores que foram mortos em áreas de conflitos, principalmente na região do Bico do Papagaio e locais de fronteira com o estado do Tocantins, João Palmeira mobilizou os trabalhadores, por meio de reuniões, para que fosse criada a entidade sindical. Depois de fundado o sindicato de Imperatriz, o mesmo abrangeu outros municípios.

Nesse contexto, é importante entender o relato de Josimar Barros Ferreira, quando enfatizou que a entidade da Regional de Imperatriz teve como referência o primeiro sindicato fundado no Maranhão, na cidade de Pindaré-Mirim, pelo líder camponês Manoel da Conceição, um dos que contribuíram para a fundação e desenvolvimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, devido ao seu caráter organizacional, desde a fundação da entidade:

> Manoel da Conceição é uma pessoa muito especial dentro do nosso sindicato. Primeiro porque é sócio dessa entidade e segundo porque contribuiu muito para o desenvolvimento; conseguiu organizar a eleição que tirou o grupo de pelegos do sindicato, sendo que a chapa organizada por ele venceu, também contribuiu dando orientações, capacitação; tudo realmente que a gente precisava. O que não está ao nosso alcance, a gente busca em Manoel da Conceição. [93]

Manoel se tornou referência sindical em Imperatriz por meio de orientações, capacitações e também da parceria com o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (CENTRU), fundado por ele em 1984, com o objetivo de capacitar militantes de sindicatos, associações e partidos e auxiliar movimentos rurais em campanhas de ocupação de terras. Nesse período, o Partido dos Trabalhadores passou a andar junto com o movimento sindical na região, principalmente pela ideologia de luta ser

[93] FERREIRA, Josimar Barros. **Entrevista** [fev 2010]. Imperatriz: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.

semelhante à mesma almejada pelo sindicato. Foi nesse contexto de dificuldades enfrentadas pelos sujeitos do campo que buscam conquistas no espaço social que surgiram os sindicatos de Riachão, Carolina e Amarante, no Sul do Maranhão. Surgido da necessidade do acesso à saúde, foi fundado em 10 de abril de 1971 o sindicato de Riachão, por um grupo de trabalhadores rurais daquele local. Conforme José Carlos de Araújo Santos,

> no hospital de Riachão durante essa época, só consultava quem fosse associado a algum sindicato. Dessa forma os trabalhadores rurais de Riachão, para que pudessem ser consultados, fundaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais para que pudessem ser atendidos. [94]

Observou-se que o sindicato dos trabalhadores nesta localidade foi fundado no intuito de minimizar as precárias condições vividas pelos moradores, que não tinham acesso a atendimento médico. Entre 1980 e 1981, o sindicato foi tomado por um grupo de fazendeiros (chamados de pelegos) que eram contra os trabalhadores; após a ocorrência de disputa, os trabalhadores retomaram o sindicato e legalizaram a entidade. Por outro lado, com a mobilização que acontecia na região, da luta em prol dos direitos dos trabalhadores e inspirada nas CEBs, no dia 16 de maio de 1987, Ângelo Rocha Reis fundou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carolina (MA), ficando à frente de sua administração por dois mandatos. Segundo Rosalves Pereira de Sousa[95], a partir das comunidades Eclesiásticas de Base Católica - que realizavam palestras e cursos - é que se foi tendo a construção sindical onde não existia em Carolina e se passou a despertar essas ideias, que procederam na construção do sindicato. Longe dali, onde grande parte do município é cercada por reservas indígenas, a movimentação também se tornou intensa. Fazemos referência ao município de Amarante (MA), onde vários confrontos ocorreram pela posse de terra, envolvendo posseiros, indígenas e fazendeiros que se diziam donos das terras que pertenciam legitimamente ao Estado e à União.

> O município de Amarante é uma área onde 50% de seu território é indígena, sendo composto pelos Gaviões, Guajajara, Krikati. A cidade sofre muito com questões de demarcação. Chegamos a uma situação, que o trabalhador não tem mais nem força de lutar por isso. As últimas pessoas que saíram por causa de demarcação foram em 2004. [96]

---

[94] SANTOS, José Carlos de Araújo. **Entrevista** [mar 2010]. Riachão: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.
[95] SOUSA, Rosalves Pereira de. **Entrevista** [mar 2010]. Carolina: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.
[96] SANTOS, **Entrevista** [mar 2010]. Amarante: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.

O município possui um grande número de áreas territoriais griladas, com documentações falsas e que, na maioria das vezes, foram registradas como pertencentes a outras cidades. A história do município é marcada pela morte de vários trabalhadores rurais, principalmente nas áreas que foram transformadas em assentamentos, onde a ameaça dos grandes fazendeiros em relação ao trabalhador rural era feita de forma direta. De acordo com Santos,

> a partir disso, sentiu-se a necessidade de organizar os trabalhadores rurais para lutarem pelo direito à terra. Porém, outro fator inspirador foi o surgimento de sindicatos no estado do Tocantins, que contribuiu para o amadurecendo de ideias que resultou na criação do sindicato em Amarante no dia 08 de julho de 1973, com 70 trabalhadores em assembleia geral, tendo como presidente Teobaldo Inácio de Oliveira, onde se teve a aprovação do estatuto social e eleição da diretoria provisória.[97]

Somente em 1978, conseguiu-se o registro sindical da entidade no Ministério do Trabalho. Durante o ano de 1978, quando o sindicato foi registrado, somente os homens ou mulheres solteiras poderiam se filiar. No início, o sindicato funcionava na casa própria do presidente, que permaneceu no mandato por quinze anos. Não houve eleição durante esse período. Já na década de 1980, houve um grande número de filiação dos trabalhadores rurais na luta pelo benefício que a lei lhes garantia. Após esse período, os benefícios rurais, mesmo sendo assinados pelo sindicato, ainda precisavam ser passados pela promotoria. No ano de 1988, ocorreu a primeira eleição do sindicato. Em 1993, foi eleito José Gusmão Pereira Junior, mais conhecido como Zezinho, permanecendo no cargo até 2000; de 2000 a 2007, o sindicato dos trabalhadores foi presidido por Cleiva Silva Santos, durante esse período o sindicato adquiriu uma nova sede.

A CPT e os Sindicatos de Trabalhadores Rurais desempenharam uma função importante no debate de propostas, que buscou ajudar os trabalhadores do campo por meio das discussões que envolviam a necessidade dos posseiros. Os assentamentos são conquistas importantes, no entanto não garantem a permanência dos trabalhadores no campo e nem a concretização da Reforma Agrária, sendo indispensável a cooperação dos mediadores. A CPT (Comissão Pastoral da Terra), CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e PT (Partido dos Trabalhadores) desempenharam, na região Sul do Maranhão,

[97] SANTOS, **Entrevista** [mar 2010]. Amarante: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.

papel importante, viabilizando a luta política nos acampamentos e os transformando em espaço social, como forma de potencializar a luta pela terra e pela Reforma Agrária.

# CAPÍTULO II

## ASSENTAMENTO SERAFIM: MEMÓRIAS DA LUTA PELA TERRA

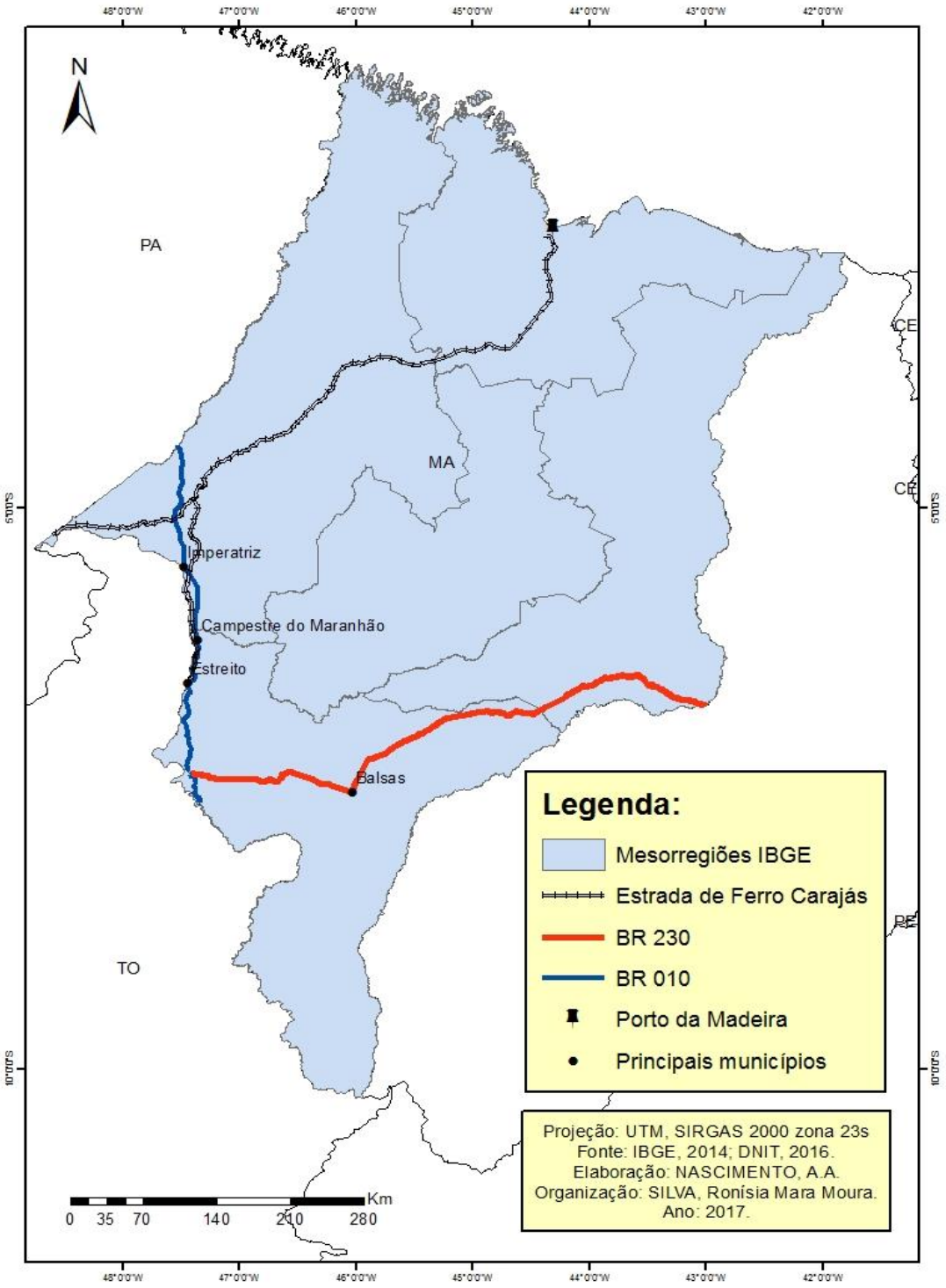
É importante pontuar que o processo envolvendo a luta por terra no estado do Maranhão se fez nas itinerâncias dos trabalhadores frente à migração e expulsão das áreas onde viviam e dos conflitos que, vez ou outra, envolviam-nos. Em toda a região Tocantina, foram registrados graves conflitos pela disputa da terra, principalmente em decorrência da predominância de grandes proprietários, que viram na especulação de terras a possibilidade de ampliação de seus negócios no campo. Com isso, os agregados[98] e posseiros se sentiram ameaçados de expulsão, que aconteceu de fato, surgindo, então, os inevitáveis conflitos fundiários. Além disso, a concentração desigual da posse da terra e a ocorrência de grilagem[99] provocaram problemas de desestabilização dos pequenos lavradores e os consequentes climas de tensão social na região.

Diante disso, é importante entender um pouco mais sobre essa região que, até 1990, já dispunha de uma malha viária constituída de rodovias federais, estaduais e municipais, as quais, interligadas, são responsáveis pelo escoamento da produção agrícola e industrial dessa microrregião. A BR-010 (Belém-Brasília) passa pela sede dos principais municípios, indo de Campestre do Maranhão a Estreito. A BR-230, por onde é transportada a soja produzida em Balsas, até o entreposto de armazenamento em Imperatriz, liga a microrregião com a capital do estado. E ainda a Estrada de Ferro Norte Sul, que se interliga com a Estrada de Ferro Carajás, ligando a Serra dos Carajás, no estado do Pará, ao Porto da Ponta da Madeira, em São Luís (MA). Essa estrutura está demonstrada no mapa da página seguinte.

---

[98]O despejo dos agregados era feito por meio da violência física e simbólica acionada pelo fazendeiro, consistindo em derrubar cercas que circundam as roças e a casa desses lavradores, anulando os limites entre pastos e cultivos, ilegitimando um formato camponês de uso da terra.
MOURA, Margarida Maria.op.cit.;p.90.

[99]A grilagem foi um dos principais instrumentos de apropriação capitalista e latifundiária das terras do Brasil. Mas, no norte de Goiás, no sudoeste do Maranhão e no sudeste do Pará, este processo assumiu proporções tais e foi marcado por uma violência de tal ordem e bastante: a habitual e impune brutalidade dos poderosos senhores dos campos do Brasil.
MINC, op.cit.; p.35.




**Mapa 03:** Malha viária de rodovias federais, estaduais e municipais.

A região em estudo é drenada por quatro importantes rios, que são: Tocantins, Grajaú, Mearim e Parnaíba, além do Rio das Balsas. Convém ressaltar que há outros rios de menor proporção, sendo eles: Santana (que passa nas mediações da Fazenda Serafim), Itapecuru, Picos, Gameleira, Maravilha, Balsinhas, Parnaibinha e Cocal. O rio

Tocantins é um rio perene e percorre a região numa extensão que vai de Carolina a Imperatriz, passando por Estreito e Porto Franco, percorrendo uma média de 180 km, contando com um emaranhado de pequenos rios, como o Rio do Lago, Bom Jesus, etc e os riachos Embiral, dos Frades e das Pedras.

Durante o período de 1980 até 1990, no que diz respeito à agricultura, as culturas de subsistência, mesmo perdendo espaço para a pecuária, ainda se constituíam em importante fonte de renda, principalmente para os pequenos produtores rurais. Os municípios de Riachão, Carolina e Estreito foram os principais centros produtores das culturas de mandioca e feijão. Referente ao setor industrial dessa microrregião, nas cidades de Balsas, Carolina, Fortaleza dos Nogueiras e Estreito se encontravam indústrias de transformação de beneficiamento de arroz, fábricas de móveis, dentre outras. A mão de obra rural encontrada na região era composta por posseiros, que exploravam basicamente as culturas de subsistência e o extrativismo vegetal com a colheita da amêndoa do babaçu, pequenos produtores e arrendatários que geravam renda para os proprietários.

No intuito de ter uma melhor compreensão do universo em estudo, foi analisada a documentação do imóvel Fazenda Serafim, cuja desapropriação da área ocorreu no ano de 1994, conforme registro da terra, cedida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra, da regional de Imperatriz (MA).

De acordo com o memorial da terra, no período de vistoria da área, a cobertura vegetal do imóvel é composta por pequenas partes de pastagens plantadas, como capoeiras altas e baixas, além de floresta densa, sendo que 40% da vegetação já foi bastante ou totalmente alterada para implantação da agropecuária e para o plantio de culturas de subsistência feitas pelos posseiros; a vegetação original foi substituída pela floresta secundária e o restante da área do imóvel (60%) permanece com a vegetação natural característica da região. O relevo do imóvel apresenta as seguintes características: 60% plano, 30% suave ondulado e 10% ondulado. Algumas áreas se tornaram abertas (campos cerrados) e em outras aparecem mais densos (copas que se topam) com mais porte arbóreo (cerradão). Nesse último caso, foram designados como cerrado/floresta por apresentarem, além da imbaúba, espécies comuns à floresta tropical. Tais considerações permanecem atualmente, pois não houve alteração quanto à vegetação da área.

Diante disto, o que motivou o estudo do local da ocupação foi por este ter sido um dos primeiros acampamentos/assentamentos da região sul maranhense, formado por

trabalhadores com trajetórias itinerantes até meados da década de 1980 e por ter prevalecido no Serafim o grupo que formou o acampamento, uma trajetória histórica de 33 anos, protagonizada por esses sujeitos. Este lugar apresenta dinâmicas diferenciadas de outros acampamentos existentes no estado, principalmente no que tange à organização política desses trabalhadores, não orientadas pelo MST. Dos setenta trabalhadores que ocuparam a Fazenda Serafim na década de 1980, com o passar do tempo esse número reduziu, chegando ao ano de 2017, conforme contabilizado por meio da pesquisa de campo, com 37 famílias que vivem no projeto de assentamento, que vivenciaram experiências desde a fase do acampamento e desenvolveram diferentes formas de trabalho com a terra. Dentro deste espaço, a maioria dos sujeitos se reconhece como posseiros, trabalhadores rurais, pequenos agricultores e sertanejos... Outra parte, composta por cinco pessoas, reconhece-se militantes ativos, por terem militado em sindicatos e outros movimentos. Em alguns momentos, a expressão "sem terra" foi utilizada em situações de comparação com outras ocupações que surgiram nas proximidades da Fazenda Serafim, em um período posterior, já nos anos de 1990, tendo surgido da relação de proximidade com o MST. Conforme ressalta Silva:

> Sou trabalhador rural, assentado aqui e tenho orgulho do que consegui aqui nessa terra trabalhando. A nossa luta aqui foi difícil, mais serviu de lição pra outras pessoas das redondezas. Porque depois teve assentamento de "sem terra" que surgiu alguns km aqui da gente. [100]

A narrativa apontou o protagonismo em relação às lutas posteriores ao MST. Apontou diferenças ao fazer uso de representações como trabalhador rural e assentado, explicitando uma condição de como se reconhecem no presente.

Já ao descreverem a fase de conquista do assentamento, o uso do termo "assentado" foi empregado com frequência. Demonstrou uma distinção de temporalidades, como também a atribuição de valores, algo muito marcado nas narratividades, pois a regularização da terra mudou a forma como esses sujeitos passaram a ser vistos pela sociedade. A partir de 2002, com a abertura de estradas nas mediações do assentamento Serafim, o mesmo passou a ficar ligado a outras comunidades do campo, inclusive assentamentos que sugiram após o processo de luta e conquista da área que formou o local, que é a base deste estudo.

[100] SILVA, Raimundo Pereira da. Entrevista. Citada.

No assentamento, as casas são próximas uma das outras, semelhantes a uma agrovila[101]. É um ambiente arborizado, calmo, não há existência de bar dentro do local, o comércio mais próximo ou quitanda,[102]como é conhecido, fica em uma propriedade particular que faz fronteira com o espaço dos assentados. Até o mês de março de 2016, foi observada no assentamento a construção de uma escola que estava em fase final, que atenderá desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Com a conquista do prédio escolar, é esperada pelos sujeitos uma redução do número de jovens e adultos que saem para a cidade em busca de estudos. Também visualizamos no espaço a construção do posto de saúde já na fase de acabamento, associação de moradores, área de criação de gado, suínos, área de plantio, além da preservação de árvores frutíferas nativas da região, como cupuaçu, bacuri, mangueiras, dentre outras que pertencem à vasta área do cerrado existente nas proximidades dos lotes, onde vivem os trabalhadores. Outro fator observado é que, enquanto na maioria dos assentamentos da região, após a divisão dos lotes, os idosos tendem a migrar para a cidade por não terem condições de continuar realizando as formas de trabalho no campo, no assentamento Serafim houve a permanência dos idosos, que, dentro deste espaço social, são reconhecidos como os que lembram melhor o passado, são os mais antigos, sabem contar melhor as histórias, pois vivenciaram com mais intensidade a mobilização inicial, tornaram-se referência por serem responsáveis por guardar as lembranças.[103] Esse fator indica a importância de se preservar a memória do grupo e da luta. A presença de jovens é quase inexistente no lugar, foram vários os fatores responsáveis pelo deslocamento em grande número da juventude para a cidade. Grande parte dos jovens que saíram para o meio urbano constituiu família, permanecendo no lugar e poucos retornaram definitivamente para o local de onde saíram.

É importante o estudo dessas memórias, pois trazem experiências que abrangem conflitos, tensões, inclusive entre gerações e resistência, sendo bastante representativo e significante para os sujeitos, principalmente por tratar de questões que atravessam a história camponesa. Compartilhamos o entendimento do estudioso Joel Candau, ao afirmar que uma história de vida consiste em dar fisionomia aos acontecimentos considerados pelo indivíduo como significativos do ponto de vista de

[101] No sentido de núcleo populacional, à margem de estradas de desbravamento.
[102] Local de área pequena, onde se comercializam diversos tipos de produtos alimentícios, sendo muito conhecido em alguns locais por birosca.
[103] ZANGELMI, Arnaldo José. **História, Identidade e Memória no Assentamento Aruega-MG**. 2007. 163f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2007, p. 12.

sua identidade. [104] As principais atividades econômicas que mantiveram os acampados durante o processo de ocupação e transição do acampamento/assentamento foram a produção de alimentos, criação de pequenos animais, dentre outras formas de trabalho que também contribuíram com a renda dessas famílias. Atualmente, é visível a melhoria de vida dessas pessoas em relação ao momento da ocupação da terra, principalmente no que diz respeito à infraestrutura, saúde, educação e etc.

A partir da narratividade dos trabalhadores, pretende-se contar a história de luta e conquista da terra onde eles vivem por meio do olhar de quem vivenciou e sentiu todo o processo, desde a chegada ao acampamento até a formação do assentamento. Cabe lembrar o entendimento de Ivone Cordeiro Barbosa, ao destacar que devemos pensar no passado não como uma coisa, um objeto, mas como o reduto das experiências de outros sujeitos com os quais é possível estabelecer um diálogo.[105] Nesse contexto, seria interessante ao pesquisador a adoção de atitude crítica em relação não só aos seus próprios valores como também aos valores vividos por outros sujeitos, situando-os em seu tempo, lugar e nas suas circunstâncias. Diante disso, buscou-se entender de que maneira esses sujeitos sociais atribuem significados à atuação no processo histórico da luta camponesa, especialmente em relação ao seu protagonismo na transformação daquela realidade regional. Dessa forma, a história oral produz memórias e a partir delas, por meio do ofício do historiador, a historiografia também passa a ser uma forma de memória das experiências interpretadas.

## 2.1 A trajetória dos assentados

É difícil falar das itinerâncias dos sujeitos que protagonizaram a luta pela posse de terra no Sul do Maranhão, pois as trajetórias e experiências foram vivenciadas de formas distintas por esses trabalhadores. A partir de cada memória, foi possível entender as origens dos personagens que chegaram à Fazenda Serafim, como era o local de onde saíram e o trajeto por lugares desconhecidos para alguns. Embora essas histórias apresentem, em alguns momentos, semelhanças, na maioria das vezes, são constituídas de particularidades e peculiaridades, carregadas por cada sujeito que traz consigo uma maneira diferente e, ao mesmo tempo, com anseios semelhantes de lutar pela terra.

---

[104]CANDAU, Joel. **Memória e identidade/pensar, classificar:** memória e ordenação do mundo. São Paulo: Contexto, 2011, p. 101.

[105]BARBOSA, Ivone Cordeiro. **A experiência humana e o ato de narrar:** Ricouer e o lugar da interpretação. Revista brasileira de história, São Paulo, v.17, n.33, p. 100- 305,1997. p.301.

Dessa forma, a memória, quando trabalhada de maneira coletiva, pode, com o passar do tempo, fortalecer a identidade do grupo, gerando a consciência de classe, principalmente para aqueles que não tiveram a oportunidade de vivenciar o momento do acampamento. Essa memória, compartilhada por meio das narrativas e relatos dos agricultores, pode contribuir para a continuidade da luta no Serafim, por dar oportunidades à juventude de conhecer experiências que foram vivenciadas no espaço, a partir da reelaboração do que era almejado no período do acampamento e as mudanças que aconteceram no espaço com a conquista do assentamento.

No assentamento Serafim, grande parte das famílias tem suas histórias baseadas no cultivo de alimentos, são filhos de lavradores que lutaram para manter-se cotidianamente no campo. Mas também encontramos aqueles que não enxergavam perspectivas de melhoria no campo e viam no setor urbano uma opção de sobrevivência; no entanto, a migração para a cidade culminou em outros problemas: alguns eram trabalhadores da cidade e revelaram como era difícil a vida ali, pois precisavam sustentar a família grande e o que recebiam mal dava para os gastos domésticos.[106] Por este e outros motivos, escolheram o campo como lugar para trabalhar e viver com a família. Também havia aqueles que relataram a trajetória de quando trabalhavam como agregados em fazendas, muitas vezes sendo explorados pelos patrões que os tratavam com indiferença, mesmo assim revelaram acreditar que o trabalho no campo, lidando com a terra, era melhor do que ter que se adaptar ao modo de vida da cidade. Isso compõe a diversidade de trajetórias em relações subalternas de trabalho, quando a cidade deixa ser vista como um espaço de concretização dos sonhos, pois se tornam um problema a vivência e a sociabilidade nela e o campo passa a ser visto como uma solução para os trabalhadores, que encontram a saída para os problemas nas ocupações de terras.

Antônio Pereira da Silva, conhecido por "Antônio Rio", é filho de camponeses, viveu a infância, adolescência e parte da vida adulta no campo, na região sul do estado. Seus pais trabalhavam em roças, em propriedades vizinhas, pois naquele período não tinham condições de ter a própria terra e precisavam sustentar a família. Dessa forma, Antônio seguiu a vida trabalhando em fazendas, como uma forma de sobrevivência, mas que o impulsionou a buscar uma vida melhor. No município de Carolina (MA), trabalhou como vaqueiro em uma fazenda, onde também morou. Além de cuidar do

[106] [106] ZANGELMI, Arnaldo José. op.cit.p.68.

gado, realizava outros serviços, como arrumar cercas, plantar milho e cuidar da roça que pertencia ao patrão.

Moura descreveu essa relação de agregação como também sendo de favor para com o fazendeiro, onde o agregado - em troca do acesso à moradia, quintal e à roça - deve cuidar dos afazeres da fazenda, mesmo esse direito não resultando em relação contratual.[107] Era um trabalho sofrido, de acordo com seu Antônio, pois, fizesse chuva ou sol, tinha que estar ali, às vezes passava o dia todo trabalhando sem ter tempo pra comer, mesmo assim era bom estar na terra.[108] Permaneceu certo tempo no lugar, foi quando percebeu que ali não tinha condições de sustentar a família, muito menos fornecer estudos para os filhos. Então, ele e o restante da família decidiram migrar para outros lugares em busca de terra, até que chegaram ao município de Estreito (MA), em junho de 1984. De acordo com ele, "o negócio era seguir em frente", essa expressão simboliza esperança, pois o novo espaço significou outras possibilidades de conquistar o que realmente almejava: um local próprio onde pudesse trabalhar e viver. Esse percurso feito pela família de Antônio demonstrou a trajetória de vida de várias gerações de famílias do estado do Maranhão, que seguiram o trajeto de vida dos pais; naquele momento, a alternativa viável de lutar por uma melhoria de vida para a família. Após a chegada ao município, movido pela busca de trabalho, começou a participar das reuniões do grupo de casais da Igreja, quando soube que a alguns quilômetros dali havia uma propriedade abandonada e que alguns trabalhadores de outras localidades da região estariam indo para Estreito, na tentativa de conquistarem a área.

A itinerância por vários lugares o fez recordar o período de chegada à Fazenda Serafim, percebeu-se que o deslocamento de um local a outro, para alguns, constituiu-se no processo em que os próprios assentados fazem-se/reconhecem-se protagonistas daquela história. Gomes destacou que

> Reconhecer a alteridade significa abrir-se para o outro. Abrir-se para o outro pressupõe aceitar e viver a experiência de que não somos uma individualidade. [109]

Pelo relato abaixo, observaram-se passado e presente entrelaçados na memória, por meio narratividade produzida:

---

[107] MOURA. Margarida Maria. Op.cit.;p. 87.
[108] SILVA, Antônio Pereira da. Entrevista. Citada.
[109]GOMES, Iria Zanoni. **A construção de uma nova subjetividade**. IN: Tuiti Ciência e cultura, n. 23, 2001, Curitiba. Artigo... Curitiba:Fchla,2001. p. 147-157, Curitiba, out. 2001.p.153.

> Quando foi pra vim pra cá, era muita gente, uns tinham facão, enxada, (eu) vim sem nada, só com minha pessoa mesmo, em cima de um caminhão de Estreito pra cá. Estou do começo até hoje, nunca saí, encontrei muita gente ruim aqui dentro, trabalhando para fazendeiros. Tinha gente que queria massacrar a gente e pegar o "Antônio rio" (eu) porque dizia que "eu" tinha formado o acampamento. Eu num tinha medo não, já tinha trabalhado em Carolina, já tinha visto muita coisa. Mas não foi fácil. [110]

Assim como seu Antônio, que viveu grande parte de sua trajetória de vida trabalhando em fazendas, dona Tereza Alves da Cruz e o marido também eram trabalhadores rurais, com origem no Tocantins (TO). A ausência de terras para trabalhar no local onde moravam contribuiu para que Tereza e o esposo migrassem para o estado do Maranhão, precisamente para Estreito, onde moravam familiares. Participou de movimentos que reivindicavam a luta dos trabalhadores do campo no estado do Tocantins, dentre eles o movimento das quebradeiras de coco babaçu; assim que chegou a Estreito, começou a participar do grupo de reuniões que fundou o primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais, sendo inclusive presidente da instituição sindical. A organização dos próprios trabalhadores tornou o sindicato um espaço de atuação e mediação, por meio da lei, na busca por direitos. Ao ter conhecimento da área abandonada há doze anos, terra que não tinha uma função social, ela lembra que: "Achamos que podia entrar e possuir a terra e assim fizemos. Passamos dez anos para ter a desapropriação da área".[111] Dessa forma, chegaram à Fazenda Serafim, onde formaram o acampamento.

A trajetória de Raimunda Ferreira Bezerra é um pouco diferente da história de vida de Tereza, embora o processo migratório, a luta e a chegada ao acampamento conectem suas histórias.

Dona Raimunda, conhecida por "Ziza", morou no local conhecido como Trecho Seco, entre as cidades de Açailândia e Imperatriz, na propriedade que pertenceu a seus pais. Nesta localidade, houve algumas mortes envolvendo trabalhadores rurais que se recusaram a sair das terras onde viviam e que também eram reivindicadas por fazendeiros da região, sendo áreas que não tinham documentos, portanto os trabalhadores consideravam como terras livres. Depois do acontecido no povoado,

---

[110] SILVA, Antônio Pereira da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[111] CRUZ. Tereza Alves da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

muitas pessoas, com medo de permanecerem no local, temendo uma possível chacina[112], resolveram migrar para cidades próximas. Raimunda, juntamente com o marido e os filhos ainda pequenos, foi para Estreito. Por meio de parentes, souberam da área que havia sido recém-ocupada por trabalhadores; na tentativa de conseguir um "pedaço de chão", migraram para a Fazenda Serafim. Ao recorrer às lembranças desse período, ela ressaltou sobre o momento da chegada à terra:

> Quando cheguei aqui, ainda ouvi falar algumas ameaças pra tirar a gente da terra, de fato houve dois despejos, mas conseguimos retornar pra cá. Trabalhava na roça com meu marido e meus filhos que eram pequenos, ele sozinho não dava conta, por isso todo mundo da casa tinha que fazer alguma coisa na terra. Foi um momento difícil, pois não tinha energia, lembro que pra lavar roupa e as outras coisas tinha que carregar água na cabeça, tem o riacho que passa aqui na terra, era tanta coisa. [113]

Assim como dona Raimunda, que migrou de uma região envolvendo conflitos pela terra, essa mesma realidade fez parte da trajetória de vida de mais alguns sujeitos que chegaram ao acampamento, como a de Francisco Reginaldo de Santana Santos.

Reginaldo é oriundo do estado do Tocantins, da região conhecida como Bico do Papagaio, lugar onde ocorreram intensos conflitos armados envolvendo posseiros que disputavam as terras com fazendeiros, grileiros e empresários da região. Esses conflitos ocorreram em vários municípios do estado, na época ele e sua família presenciaram o atentado a uma comunidade que ficava próxima onde morava. De acordo com ele,

> vários trabalhadores foram despejados das terras que estavam, foi uma ação violenta realizada pela Polícia Militar do estado, que tinha apoio do Exército dos estados vizinhos e resultou em algumas mortes. Nesse período, as autoridades reprimiam qualquer possível movimento de ocupação de terra, para isso contavam com ajuda do exército e de policiais militares da região.[114]

Durante o episódio mencionado acima, ficaram claras as práticas de violência contra diversos trabalhadores que foram assassinados, outros baleados por resistir ficarem nas terras que não eram documentadas; todas as casas da comunidade foram queimadas e pequenas roças destruídas; era uma forma de amedrontar, expulsar mais rápido as pessoas da área, causando medo e terror. Outro acontecimento que se tornou

[112] No sentido de emboscada.
[113] BEZERRA, Raimunda Ferreira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[114] SANTOS, Francisco Reginaldo. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

muito comum na região foi a perseguição, por parte dos grandes proprietários de terras, a lideranças religiosas da região. A repercussão do atentado ao padre e representante da Comissão Pastoral da Terra, Josimo Tavares, causou pânico à população do Bico do Papagaio. Foi um período tenso, em que predominaram as forças de poder do Estado. Porém, ao recorrer às lembranças deste período, Reginaldo contou que os conflitos não foram o motivo principal que contribuiu para que a família migrasse para o Maranhão, pois

> Mudamos para Imperatriz (MA) porque na época o nível de ensino era muito ruim no Tocantins, havíamos concluído o primário e tinha que procurar outro jeito de estudar para mudar a vida, esse foi o motivo de ter vindo para o Maranhão. [115]

Quando Reginaldo e sua família chegaram ao Maranhão, continuaram participando dos movimentos de Igreja, como as CEBs, pois na localidade onde moravam, no Tocantins, existiam tanto as CEBs como CPT, esta última liderada na região por Padre Josimo Tavares. Por isso, a identificação com os movimentos de Igreja em Imperatriz. Nesse período, havia uma união no município entre os movimentos de Igreja Católica, Partido dos Trabalhadores (PT), que foi fundado em 1980, e o Movimento Sindical, surgido nos anos 1960, pois ambos reivindicavam os direitos dos trabalhadores do campo. Muitos integrantes do PT faziam parte de grupos de Igreja, instituição sindical e, de forma coletiva, dialogavam com lideranças dos estados vizinhos as problemáticas que envolviam os conflitos pela posse de terra. Essa união resultou em várias ocupações de terras no Sul do estado.

Nesse contexto, é preciso considerar também a experiência do trabalho urbano em grandes cidades, vivenciada por algumas pessoas que, durante certo momento, tinham perspectiva de adquirir uma renda de trabalho melhor e mudar de vida e se tornou uma prática comum na região.[116] Desta maneira, entende-se o que os trabalhadores buscavam com as migrações, que marcaram a vida dessas pessoas até a conquista da terra, sendo que parte dos sujeitos que migraram para grandes centros urbanos o fizeram em decorrência das expectativas criadas, por serem lugares tidos como promissores, geradores de emprego e que, naquele momento, era anseio de algumas famílias. Essas promessas foram comumente divulgadas nos meios de comunicação regional e local, como sendo lugares de crescimento social e econômico

[115] SANTOS, Francisco Reginaldo. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador
[116] [116]ZANGELMI, Arnaldo José.Op.Cit.p.75-77.

para os que estavam em busca de emprego. A partir do momento em que o viver na cidade vai se tornando um problema, os sujeitos passam a ter o campo como uma solução e a ligação com o espaço vai aumentando, como também a vontade de retornar para o meio rural, que é concretizada com a ocupação da terra.

Foi o que aconteceu com Ana Maria da Silva, que morou alguns anos com o esposo em Brasília, porém a vida na cidade grande não teve o êxito esperado, retornaram para Estreito onde o sogro de Ana Maria morava e, de acordo com o marido dela, possuía uma terra que teria deixado aos cuidados do pai.

> Meu sogro tinha vendido a terra todinha, no momento foi difícil acreditar, porque a gente tinha sido pego de surpresa. Ficamos alguns meses morando na casa do pai do meu marido, pensando no que a gente ia fazer, foi nessa mesma época que ficamos sabendo da ocupação dessa área, que tinha sido uma ocupação feita por trabalhadores que não tinham terra pra trabalhar, foi então que meu marido veio com irmão dele para onde estava sendo o acampamento, eu fiquei na cidade esperando ele voltar, pra saber se realmente a gente podia ir e como funcionava. Quando ele chegou aqui na terra, já tinha alguns barracos montados, o pessoal tava começando a plantar as coisas e disseram pra ele que a gente podia vim. Foi aí que meu marido retornou pra Estreito e nós arrumamos as coisas pra vim pra cá. [117]

De acordo com o relato acima, Ana Maria não participou do momento inicial da ocupação, pois o retorno para Estreito foi em virtude de não ter conseguido estabilidade no município. Sobre o momento da chegada ao acampamento, ela descreveu que

> Lembro que chegamos ao mês de fevereiro de 1986 e logo fizemos nossos barraquinhos, depois fomos nos agrupar com os demais e trabalhar nas roças coletivas, era mulher, criança, jovens... era muito animado, não tivemos problema para nos acostumar aqui, porque todo mundo era muito unido, ajudava sempre aquele que tava tendo alguma dificuldade. Durante o período em que cheguei com minha família, a fase mais conflituosa já tinha passado, não chegamos a presenciar as situações mais tensas, isso o pessoal que nós encontramos aqui já tinha enfrentado, a gente só ouvia as histórias de como tinha sido.[118]

A trajetória de deslocamento do meio urbano para o rural foi vivenciada por José Pereira da Silva. Filho de trabalhadores rurais, residiu com a família na cidade de Imperatriz (MA), onde trabalhou durante anos até migrar para a área do assentamento.

---

[117] SILVA, Ana Maria. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[118] SILVA, Ana Maria. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

Com uma família numerosa formada por dez pessoas, o que ganhava com sua renda de trabalho não era suficiente para manter as necessidades básicas de sobrevivência. Ao recordar esse momento na cidade, diz:

> Minha luta era muito grande, em Imperatriz, cidade grande, era complicado pra mim dar conta sozinho. Naquela época emprego era difícil, como eu não tinha um estudo, a coisa se complicava ainda mais. Lembro que andava a pé naquele sol, desmotivado às vezes, porque o que eu conseguia fazer era um bico aqui outro ali, mas nada fixo, certo. Acho que se vivesse lá, talvez nem estivesse mais vivo. Por outro lado, eu sempre quis um lugar calmo, pra mim trabalhar e viver com minha família. Mas, se fosse pra comprar uma terra, também não tinha como comprar, então, quando surgiu a oportunidade de vim pra cá, não pensei duas vezes e vim.[119]

Na perspectiva de melhorar as condições de vida, que já não eram mais supridas no meio urbano, encontrar um local para trabalhar, viver com a família e descansar até a velhice, seu José foi um dos trabalhadores da cidade que se agruparam com os trabalhadores de outras localidades da região e foram em caminhões para a área que ocuparam na fazenda Serafim. Ao relembrar o momento, destacou:

> Lembro quando nós vinhemo pra cá, já era noite e aí vim com os outros trabalhadores que também queriam um pedaço de terra pra viver e trabalhar. Foi difícil o enfrentamento aqui, mas graças a Deus, que sem ele a gente não consegue nada, aos padres que nos ajudaram no início, tinham também as freiras que faziam trabalho nessa área do sertão, conseguimos ficar aqui na terra.[120]

Diante dessas considerações, entende-se que compreender a natureza deste espaço social, a partir das dinâmicas internas, não é uma tarefa fácil, sendo ao mesmo tempo um desafio que impõe grande responsabilidade tentar compreender, visto que envolve e forma um conjunto de experiências específicas, que compõe parte integrante de uma realidade ampla que se constituiu com formas peculiares de funcionamento existentes em diversos lugares, com características dinâmicas diferenciadas e, por vezes, convergentes.

No entanto, é nas experiências cotidianas dos protagonistas deste espaço que vidas foram construídas e, ao recorrer às memórias que guardam essas histórias, os sujeitos deixam fluir manifestações de dor, alegria, um movimento de ir e vir, de fazer-se, que pode ser mais bem entendido como um espaço em movimento. Portanto, é a

---

[119] SILVA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[120] SILVA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

partir das narratividades que perpassam o cotidiano dos acampados/hoje assentados, que podemos entender situações que se revelaram tensas, contradições, complexidades, tempos e espaços diversificados e distintos, marcados por desencontros que foram observados, tanto nas situações do passado como nas experiências do tempo presente.

## 2.2 Experiências cotidianas

Compreendemos o local de vivência dos trabalhadores como um lugar representativo, principalmente no que diz respeito à terra, formas de trabalho exercido e família, sendo esse lugar um espaço em construção, desconstrução, reconstrução, onde estão presentes as rupturas diante dos variados projetos presentes no cotidiano dessas famílias. A partir das reelaborações dos assentados, pretendemos desenvolver o debate, interligando-o com as discussões apresentadas no capítulo anterior.[121] A partir das histórias de vidas produzidas com cada um desses sujeitos, foi possível compreender melhor, por meio de suas falas, o universo ocupado, como estão inseridos e se reconhecem frente ao processo de luta pela terra no Sul do estado.

Ao recorrer às memórias das experiências cotidianas vivenciadas durante a fase do acampamento, foi bastante expressivo nas falas o momento da chegada da polícia ao local. A presença de policiais no acampamento provisório se deu por meio de três visitas. Os mesmos ficavam nas proximidades das terras, no intuito de gerar desconforto, intimidar, como também impedir novas ocupações nas áreas próximas, como temiam os fazendeiros. Isso pelo fato de o movimento de ocupação das terras ter chamado atenção dos moradores do município. No sentido de conter a entrada dos policiais na área, os acampados utilizaram de algumas táticas, como dividir entre o grupo os que passariam dia, tarde e noite vigiando, caso uma força policial tentasse invadir a terra, nesse momento os policiais eram vistos pelos acampados como invasores, já que, segundo os sujeitos, os representantes da autoridade, como eram tidos os policiais, não possuíam documentos legais que os favorecessem.

Mesmo para aqueles que se consideram analfabetos por não terem tido oportunidade de estudo, ambos reconhecem ter clareza de que naquele momento os policiais estavam errados em estarem ali. Esse momento é lembrado pelas famílias

[121]RIBEIRO, Veridiana Soares. **Territorialização Camponesa**: o lugar de viver no Assentamento 24 de Novembro – Capão do Leão – RS. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul. 2012, p. 68-79 passim.

como o momento em que somente os homens ficavam à frente da mobilização, pois temiam um possível combate violento por parte das autoridades, caso acontecesse, as mulheres e crianças tinham que ser protegidas, por isso a presença feminina e das crianças não foi visível neste momento. Essa prática de mobilização é diferenciada da utilizada em outros acampamentos da região surgidos na década de 1990, com o apoio do Movimento dos Sem Terras – MST ou de alguma liderança consolidada, pois nestes espaços, em situações semelhantes à que foi mencionada anteriormente, crianças e mulheres faziam parte da mobilização, ficando em frente às cercas que davam acesso à entrada do acampamento, eram incluídas no intuito de impedir um confronto policial.

No Serafim, muitas vezes, a entrada de policiais para fazer vistoria no acampamento era permitida pelo grupo, contudo esses momentos eram tidos como de muita tensão. Esse momento foi reelaborado:

> Lembro da primeira noite que a gente tava arranchado aqui e a polícia bateu onde nós tava, eles chegaram com os fuzil, de cara ruim pro nosso lado, querendo saber quem era o responsável pela ocupação. As vezes eles dizia que tinham recebido denúncia de que tava tendo bagunça aqui, queria saber se tinha alguém armado. Mas, tudo isso era coisa inventada pra ter que entrar na terra. A gente ficava nervoso, porque eles tinha a gente como invasor, perigoso, baderneiro e tudo que era ruim. Outra é que a gente tava em desvantagem, porque a gente só tinha nossos fação, enxada, colino... mas arma ninguém daqui possuía.[122]

Porém, a ocasião emblemática no Serafim ocorreu quando houve a primeira situação de expulsão, por volta de 1988, quando os acampados foram surpreendidos com uma ordem de despejo para desocuparem as terras, da qual recorreram e ganharam. A respeito desse momento, foi ressaltada a indiferença do prefeito do município, que se manteve ao lado dos fazendeiros da região. O depoimento abaixo revelou a maneira como foram tratados:

> Foi muito difícil ter que sair daqui naquele dia, a gente já tinha passado por tanto "perrengue", também tinha nossas coisas que tava aqui, fiquei perdida, sem ação com aquela situação toda acontecendo. Quando nós chegamos na cidade, fomos ocupar a escola, era uma forma das autoridade resolver a situação mais depressa e também porque ali tinha água, tinha as classe de aula, dava pra gente ficar ali. Mas aí foi outro problema porque o prefeito da cidade mandou despejar a gente de lá. Ele fez isso, mode ser do lado dos fazendeiro

[122] SILVA, Raimundo Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

> da região. Nesse momento algumas pessoas disistiro de lutar pra voltar pra terra, os que continuaram foram protestar no Incra, interditar estrada... foi muita coisa que nós fizemo pra voltar pra cá, até que consiguimo voltar pra terra.[123]

Essas considerações revelam como a vivência nesta fase inicial foi difícil, também enfrentaram outras problemáticas, como as estradas precárias, no inverno a situação piorava ainda mais, além disso, não possuíam transporte para se deslocarem até o município, por isso diariamente faziam uso de animais ou percorriam um longo caminho a pé. A lembrança dos momentos de deslocamento até a cidade, feito a pé, foi ponderada:

> A gente saía às vezes em grupo de pessoas, a pé, andando à noite por essas estradas, só com um foquite na mão. Mas tinha vez que a gente ia só com a luz da lua clareando a estrada. A necessidade às vezes fazia a gente sair à noite, pra tá cedim na cidade. Aqui transporte não tinha, o jeito era sair a pé... As vezes na volta a gente conseguia uma condução com alguém que tava vindo pra essas bandas, mas era coisa difícil. Mas tudo isso que nós passamo, valeu a pena pra tá aqui hoje, sossegado. [124]

Para enfrentar essas e outras dificuldades, os acampados demarcaram o lugar construindo barracos de lona no local e, no segundo momento, resolveram pôr em prática a forma de trabalho coletivo na terra, que começou de fato após o período de ocorrência dos primeiros conflitos envolvendo fazendeiros. De forma improvisada e sem tecnologia, tiveram início as roças coletivas com a plantação de arroz, feijão, mandioca, amendoim, abóbora, melancia, batata-doce, café, abacaxi, milho, fava, farinha e verduras. A produção dos alimentos transformou as condições materiais de sobrevivência no local. Também passaram a ser criados pequenos animais, como galinhas e porcos. Isso demonstrou que a forma como o trabalho foi organizado não seguiu um modelo padrão e passou inclusive por transformações, de acordo com as necessidades dos acampados. Essa primeira experiência da chegada à Fazenda Serafim foi relembrada por Santos:

> A época do acampamento foi a melhor época, porque a gente viveu coletivamente, tudo compartilhado e dividido, desde as moradias, alimentação, a gente se reunia frequentemente, cuidava mais uns dos outros, era mais firme na luta. Chegamos ao mês de julho e na época

[123]SILVA, Maria dos Anjos Ribeiro. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[124]SILVA. Antônio Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

> tivemos que fazer nossos barracos de lona e alguns de palha, então todo mundo fazia juntos, criamos um espaço chamado assembleia, espaço coletivo para discussões diárias, para definir quais eram as práticas da luta. Dividimos equipe de segurança, da saúde, da liturgia, da caça e da pesca, ou seja, era tudo partilhado. A terra coletiva, a roça coletiva. [125]

Embora os trabalhadores não tenham sido organizados pelo MST, é visível que houve uma organização quanto às formas de viabilizar a permanência no local por meio do trabalho coletivo.

Esse modo de trabalho persistiu durante os primeiros oito anos, pois naquele período foi a alternativa de permanência na terra. Com o aumento da lavoura[126] em um curto espaço de tempo, o acampamento bateu recorde na produção de alimentos, superou inclusive outros municípios do Sul do Maranhão e isso possibilitou aos acampados fornecer os produtos para os municípios de Estreito e Porto Franco. A maneira como esses sujeitos produziam passou a chamar a atenção dos moradores do meio urbano, justamente daqueles que, no início da chegada dos acampados à região, tratavam-nos com indiferença, pois tinham essas pessoas como baderneiros, invasores, vagabundos, dentre outras formas de se referir a eles. Isso se tornou um diferencial e contribuiu para que a população mudasse o tratamento em relação aos sujeitos, reconhecendo-os como colaboradores daquele espaço e participantes do setor econômico da região, pois estavam possibilitando o acesso a produtos de qualidade sem uso de agrotóxicos, ao mesmo tempo em que distribuíram renda na comunidade. Mesmo assim, a discriminação sofrida por "ser acampado" ainda é muito presente nas recordações:

> Quanto ao sofrimento, foi tanta coisa, o que marcou mais foi a discriminação que sofremos, principalmente quando a gente ia à cidade e as pessoas não queriam ficar próximo da gente, no setor do comércio e até na rua. Outra situação que lembro muito foi a de uma criança que nasceu aqui no assentamento e o cartório de Estreito não quis registrar porque nós estávamos aqui nesta área e não havia sido desapropriada. Isso foi uma coisa muito ruim, porque nós somos cidadãos, se nós votamos porque não podemos ser respeitados? O

[125] SANTOS, Francisco Reginaldo. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[126] Termo comumente utilizado pelos sujeitos da pesquisa, quando se referem à produção de alimentos de forma manual.

> governo vai pagar por essa área, embora a gente ainda não tenha o título definitivo. [127]

A partir das experiências de vida dos assentados, observou-se como a fase do acampamento entrou em uma cadeia complexa; à medida que o processo ia avançando, os acampados desenvolviam ações que modificavam em parte a forma como as pessoas do município os percebiam:

> No início quando nós chegamos na terra, que ia nos comércio da cidade, as pessoas ficavam olhando torto pra gente. Viam a gente como bardeneiros, invasor, sem terra... mas na verdade, todo mundo aqui era trabalhador, a gente só queria ter um lugar que pudesse trabalhar, criar a família sossegado. A terra não tinha dono, então a gente não tava errado em ter ocupado ela. Mas Fomos muito discriminados na época do acampamento porque as pessoas não entendiam isso.[128]

Se, durante o período inicial, os acampados eram vistos, tanto pela população do município como pelas representações do estado, com negatividade (exemplo disso eram as perseguições sofridas por eles e as discriminações), tempos depois - a partir de 1994 - foram vistos como responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município e região, já disponibilizavam de crédito, tendo favorecimento de algumas pessoas do setor urbano. Ressalta-se a mudança, ao reconhecer que não somente quem trabalha produz mas também gera lucro ou oportunidade de negócios para determinados setores.

Por outro lado, no que diz respeito à produtividade, foi importante a participação das mulheres nesta técnica de produção coletiva, pois os homens não conseguiam dar conta sozinhos de todo o trabalho nas roças e foi indispensável a participação das mulheres, o que contribuiu para o acréscimo de alimentos produzidos no acampamento. A experiência do trabalho na roça foi relembrada por Silva:

> Nessa época, eu trabalhava na roça com meu marido, porque meus filhos eram pequenos. Arrumava as crianças e descia pra lavoura, lá pegava a enxada e iniciava o trabalho na terra, plantava tomate, cebola, cheiro-verde, mandioca e ajudava meu marido com o arroz, feijão e as outras coisas. Começava no sol quente e entrava a noite às vezes, todo dia a gente fazia isso, apesar de ser cansativo, eu achava animado, diferente da cidade, aqui a gente tava livre, sem medo... Tinha liberdade pra tudo. O único momento mais difícil, não só pra mim mais acredito que pra todas as mulheres é quando a gente tá com

[127]CRUZ, Teresa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[128] SILVA, Raimundo. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

> criança de colo, porque a gente tem muito medo do que possa acontecer de errado. [129]

A narratividade acima é marcada pela experiência do trabalho na roça por mulheres, sendo bastante significativa, pois nesse contexto elas são vistas como possuidoras de mais paciência, pelo cuidado especial com as hortas e com as outras atividades que desenvolviam. Naquele período, a força de trabalho era totalmente braçal, por isso as mulheres e crianças com uma faixa etária razoável trabalhavam na produção, que se tornou mais rápida. Além da participação em atividades de trabalho, as mulheres desenvolveram outras ações na comunidade, como lembrou Silva:

> Tenho lembranças dos grupos de família, eram reuniões organizadas pelas mulheres do acampamento, cada dia acontecia em uma casa diferente. Nessas reuniões eram feitas leituras bíblicas, onde era como ir a Igreja, fazia as passagens, orava, tinha também as festas em que a gente comemorava as datas especiais e muitas coisas. A gente cantava hinos da Igreja, aquilo fortalecia todos nós, porque era uma benção pra nossa luta. As festas também eram muito animadas, vixe, todo mundo se divertia. Não tinha bagunça, era tudo bem organizado e calmo. As reuniões também era uma forma da gente ter nossas conversas de mulheres, nas rodas de conversa, a gente falava de tudo, foi muito divertido esse tempo. [130]

Cabe destacar que, nas entrevistas produzidas, a mulher pareceu ser a depositária da memória, aquela que guardou lembranças de todos os momentos vivenciados pelo casal, recordando até mesmo pequenos detalhes das trajetórias e experiências vividas pela família.

O trabalho coletivo no acampamento contribuiu com a renda econômica do município, por meio da parceria com a Igreja Católica para divulgação rápida dos produtos; na calçada da paróquia, os produtos eram anunciados num microfone e caixa de som cedido pela diocese e comercializados por um valor de custo inferior aos do supermercado. Com a ampliação dos produtos, o espaço religioso se tornou pequeno, momento em que os acampados mudaram do lugar de comercialização para uma feira livre que existia no município. A integração ao novo local ocorreu de modo positivo, a venda dos produtos direto da roça funcionou aos sábados e virou tradição até os dias atuais; hoje, doze assentamentos que foram criados após o Serafim também fornecem produtos para serem vendidos no mercado ou feira, como este local é conhecido.

---

[129] SILVA, Maria dos Anjos Ribeiro. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[130] SILVA, Ana Maria. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

Em 1994, com a regulamentação do assentamento, as formas de trabalho coletivo já não eram iguais às do momento da ocupação. As moradias deixaram de ser coletivas, ocorreu a demarcação dos lotes, que receberam cercas. No entendimento dos sujeitos, o trabalho individual se tornou a nova opção de trabalho; no entanto, o trabalho familiar é considerado uma forma de trabalho coletivo, permanecendo atualmente.

Essa mudança é marcada como um novo contexto na vida dos sujeitos, que deixaram de ser acampados e passaram à situação de assentados, a maneira de cada um produzir em espaço demarcado foi considerada como a melhor opção para alguns, pois existem divisões de opinião referentes a essa prática.

Para aqueles que recepcionaram as mudanças de forma favorável, as novas práticas foram notadas como fundamentais para que houvesse autonomia, escolha própria, o trabalho rendeu mais e a renda aumentou. De acordo com os sujeitos, a forma de produção deixou de ser coletiva pelo fato de que as pessoas passaram a produzir em lotes separados, no entanto os alimentos plantados nos lotes continuaram sendo compartilhados entre eles, como também as experiências de trabalho.

Foram vários fatores que contribuíram para o término da forma como produziam coletivamente, dentre eles os costumes, o ritmo como cada um trabalhava. De acordo com as famílias, uns trabalhavam mais rápido e faziam o trabalho render, enquanto outros manuseavam a terra mais devagar e isso atrapalhava o avanço das perspectivas de vida. Com a forma de trabalho familiar, as mudanças foram favoráveis, pois cada um trabalha no seu tempo, no próprio espaço de produção, sem terem a sensação de estarem sendo pressionados para atender a um determinado ritmo de produção exigido pelos vizinhos. Essa transição na forma de produzir foi expressa da seguinte maneira:

> O negócio era assim, às vezes a gente acordava cedim demais, pra dá conta de plantar tudo e cuidar das coisas, mas às vezes enquanto uma pessoa fazia um tanto rápido, o outro já era mais devagar, isso foi complicando as coisa. Também a gente vai envelhecendo, vai ficando mais cansado, já não é mais tão jovem como no início, não tem mais tanta força pra acordar de madrugada e ir correr pra roça. Depois que mudou, as coisas melhorou, porque aí, eu vou agora pra minha roça no horário que quero, não preciso ter que acompanhar os outro, se não dá pra ir naquele dia, não vou e assim nós vamos levando a vida .[131]

No entanto, para outras pessoas, a mudança na forma de produzir e a regulamentação das terras resultaram em algumas práticas negativas entre os sujeitos. A

[131] SILVA, Antônio Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

presença dos mediadores durante o processo de movimentos dos trabalhadores, cuja reivindicação era a permanência na terra, foi de suma importância, conforme o relato abaixo:

> Nós corremos demais daqui para Imperatriz e São Luís, fizemos uma caminhada a pé, foram dias, sofremos muito, os pés inchavam que faziam bolhas embaixo. Quando chegamos na capital, fomos reivindicar das autoridades do estado, pra gente continuar aqui na terra. Lá em São Luís, a gente contou com ajuda da Igreja, pra mantimento e pra necessidade que a gente tinha, pois os padres daqui da nossa região, já tinham passado as informações pra lá. Também tiveram alguns deputados que na época lutavam pelos trabalhadores rurais e apoiava a causa da gente. Mas ainda tinha fazendeiro nos arredores daqui, que diziam que iam tirar a gente daqui a troco de bala. [132]

As reivindicações pela regularização da área do acampamento são algo muito marcado na memória, pois a titulação representava ter a garantia da posse e da propriedade da terra. Outro elemento que surge a partir da regulamentação da área é a mudança do convívio no local. Isso porque os lotes são divididos; voltam as cercas; a vivência entre as pessoas muda; as produções são divididas; as assembleias não são mais frequentes; são novas situações, novas formas de vivenciá-las. Remetendo ao momento de reivindicações, essa mesma experiência também foi rememorada por Santos:

> Ocupamos a Superintendência do Incra por quarenta dias, em São Luís e na sede de Imperatriz. Participamos depois da marcha a pé até Brasília. Ocupamos a rodovia federal BR-010 em Imperatriz, ponte de Estreito que liga ao estado do Tocantins, a prefeitura e câmara para o pessoal do parlamento ajudar. Foram manifestações que contaram com o apoio da Igreja Católica e dos Partidos políticos que apoiavam a causa dos trabalhadores no intuito de pressionar para que regulamentasse e criasse o assentamento. [133]

Esses eventos de ocupação, em que várias famílias são mobilizadas a ocuparem determinadas repartições de representação do Estado, no intuito de alcançarem seus direitos por meio de reivindicações, são conhecidos como jornadas de lutas. No Sul do Maranhão, do ano de 1991 até 1995, esses movimentos se tornaram intensos. Eles são mais bem entendidos como diferentes setores da comunidade que lutam em jornadas para colocar em questão suas pautas, ou seja, as necessidades mais emergentes. Na

[132] COSTA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[133] SANTOS, Francisco Reginaldo de Santana. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

região, os setores da Igreja Católica, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e MST, após o período de fundação da entidade na região, tornavam-se mediadores dessas manifestações. Dessa forma, diversos trabalhadores rurais de outros assentamentos já surgidos na região nesse período se uniram em grandes caminhadas a pé, até a capital do estado, São Luís (MA) e outras localidades.

As formas solidárias estabelecidas neste espaço são uma maneira de manter relação com o lugar onde os trabalhadores estão instalados. A relação de proximidade construída por meio da afetividade entre os sujeitos atribuiu um novo sentido à existência vivida dentro do assentamento. Cada assentamento tem suas particularidades, estando relacionadas de maneira forte à dimensão do local onde foi instalado, que buscou um novo significado para sua existência. Isso se concretizou por meio da superação das dificuldades que foram colocadas pelo atravessamento de forças de fora deste espaço, principalmente da dimensão regional. Por meio das experiências, foi possível entender que a ausência de bens materiais em uma comunidade não é obstáculo para que se construa um entendimento da realidade, muito menos que não se tente modificá-la transformando em um lugar de viver e ter boas relações sociais. A mudança cultural neste espaço mostrou que foi necessário aprender a transformar a forma de pensar, para interferir nos objetos que os cercavam.

### 2.3 Organização coletiva e Sociabilidades

O estudioso Davi Felix Schreiner, ao analisar as experiências a partir do tecer-se da vida cotidiana nos assentamentos rurais nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, especificamente na ocupação da Fazenda Vitória, ressaltou que é nos acampamentos que se produz a noção de legitimação, articulada à luta pela terra, como luta coletiva, pois a comunidade constitui um elemento fundamental para a sociabilidade das famílias que ocuparam essa fazenda. Já nos assentamentos, o sentido de comunidade se faz muito mais a partir da cultura que atravessa gerações. Nelas, a vida revela como os assentados se estruturaram com base nas suas tradições culturais. Sua organização e manifestações expressam elementos múltiplos de uma tradição de vida comunitária cultuada no sul do país.[134]

[134]SCHRENEIR, Davi F. **Entre a Exclusão e a Utopia**: Um Estudo Sobre os Processos de Organização da vida Cotidiana nos Assentamentos Rurais. 2002. 461f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 31-231passim.

A partir desse entendimento, compreendem-se as experiências vividas e narradas como uma ferramenta de problematização da história, pois, por meio da narratividade, é possível estabelecer outras maneiras de compreender o universo social em que vivemos. Dessa maneira, Beatriz Sarlo pondera que a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração.[135] Na pesquisa desenvolvida aqui, as diferentes maneiras de compreensão surgem por meio das representações feitas pelos sujeitos, ao abordar as experiências cotidianas vivenciadas por eles, seja no momento de ocupação da terra, nos despejos do lugar onde viviam ou em outras situações enfrentadas. Dessa forma, as representações feitas pelos trabalhadores rurais, referentes ao local, espelham-se no trabalho, na vida cotidiana e nas diferentes formas de sociabilidade do grupo.

Os agricultores criaram formas de organização da vida nos lotes, tendo o trabalho coletivo como uma forma de sociabilidade, em que todos trabalham para atingir um objetivo comum, necessário para a comunidade. A essas ações coletivas são atribuídas muitas representações, como o momento de permanência na terra, que foram elaboradas pelos assentados como memórias de suas experiências de resistência. Na fase do acampamento, tudo era dividido, as doações que recebiam, como alimentos, material para cobrir os barracos e outras coisas mais. Essa prática foi construindo sensibilidades entre as pessoas que se solidarizaram umas com as outras e se fortaleceram. Tudo o que envolvia a comunidade era debatido nas reuniões e assembleias realizadas; naquele momento, prevalecia a opinião da maioria das pessoas. Os diversos modos de organização dos trabalhadores são percebidos antes e após a ocupação da área, por meio das conversas informais ou até mesmo nas reuniões realizadas para discutirem problemáticas cotidianas ou fazerem planejamentos de algo que os inseriam.

Portanto, a luta neste espaço social foi realizada por homens, mulheres e crianças; ambos criaram relações muito fortes, indo além dos lotes. São histórias carregadas de esperanças de pessoas que, a partir de um dado momento de suas vidas, viveram determinadas experiências positivas e negativas, sofreram discriminações, mas não desistiram de batalhar por melhoria de vida. Muitos que participaram desta luta não

[135]SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva/Crítica do testemunho: Sujeito e Experiência. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2007, p. 24.

eram trabalhadores rurais, mas tinham identificação com a terra, o sentimento de pertença ao lugar era compartilhado por todos.

Para alguns, as experiências do acampamento se constituíram em outro ponto de partida, de desistência em meio aos conflitos que foram enfrentados, enquanto para outros foi a fronteira entre um caminho marcado por conflitos e a mudança e realização do lugar de plantar e produzir. Essa relação foi compartilhada por meio das produções culturais realizadas no espaço, com festas, brincadeiras e várias outras relações baseadas na união com a terra.

Até meados de 2015, não existia escola nem posto de saúde no assentamento, eram necessidades supridas de forma precária na cidade, quando se tratava de casos de saúde mais graves. No entanto, observou-se, pelas narratividades dos sujeitos, que o acampamento foi um ambiente de troca de conhecimentos e proporcionou aprendizados à medida que os acampados iam fazendo juntos. Por compreenderem e praticarem a cooperação, esta se tornou uma das propostas do trabalho coletivo neste espaço, ao alcance que os sujeitos percebiam onde iniciavam as problemáticas, também entendiam que este universo estava atravessado por um conjunto de relações complexas, resultante de entendimento entre acampamento (lugar) e uma visão global; para solucionar as problemáticas, tinha que ser considerada a dificuldade dessas relações.

O desenvolvimento espacial do assentamento aconteceu a partir das formas que se herdaram do passado, com uma função nova, pois o acampamento existiu onde antes era uma fazenda que não tinha forma produtiva, tanto que a área da antiga fazenda era uma estrutura pouco povoada. Já no assentamento, são recriados novos modos, principalmente em termos de estrutura, forma e número de produção.

É interessante pontuar que o trabalho em família é visível no cotidiano existente no assentamento Serafim, onde todos trabalham em união uns com os outros. Nos lotes em que os filhos ou netos residem com os pais, ambos ajudam no processo de produção, seja no manuseio da área de pastagem, criação de animais, fabricação de queijo, coleta de frutas, manuseio da horta de verduras. São atividades compartilhadas por vontade própria, uma forma de se integrar ao espaço de trabalho em que vivem. Para Bezerra:

> É um orgulho ter minhas cabeças de gado, depois que meu marido faleceu me sentia sozinha, era uma tristeza olhar pra nossa terra e lembrar tudo que a gente passou e não ter ele do lado, aí fui dando continuidade as nossas coisas e hoje o pasto tá cheio, quando preciso

> pagar uma continha e não tenho dinheiro vendo uma novilha e assim vamos vivendo. Não tenho do que reclamar, só agradecer a Deus, por tudo que consegui aqui nesta terra. Foram muitos momentos sofridos mais que foram uma escola pra vida da gente, aprendi muito com o que vivi aqui. Vou continuar morando aqui na minha terra até o último dia de minha vida.[136]

A partir do relato acima e das experiências vivenciadas em campo, foi observado que as atividades desempenhadas pelas mulheres ainda dizem respeito à produção de alimentos, trabalho doméstico e criação de pequenos animais. Conforme a assentada mencionou, após o falecimento do marido, desenvolveu sozinha a criação de gado em seu lote, mantida aos seus cuidados atualmente.

Esse momento da pesquisa de campo foi muito significativo, tanto para entrevistador como para entrevistado. Com o gravador ligado, acompanhada de uma xícara de café, iniciei uma conversa emocionante com a assentada. Dona Ziza contou sobre momentos vividos há muitos anos ao lado do marido, minutos que proporcionaram alegria no ato de rememorar momentos felizes de sua vida – marcado por gargalhadas. Ao mesmo tempo, tão marcado pela tristeza da perda do companheiro de vida, na companhia das lágrimas.

Entendemos que o ato de lembrar não significou o mesmo de viver no inconsciente mais uma vez, e sim um ato de reconstrução daquilo que foi experenciado pelo sujeito no passado, só que utilizando elementos do agora (hoje).[137] A partir das práticas sociais e das representações do presente é que se constrói a lembrança.

Dessa forma, quando lembramos algo - como aconteceu com dona Ziza - é porque a situação do momento (presente) ou as outras pessoas nos fizeram relembrar. Para Joel Candau, as lembranças são como átomos que compõem a identidade narrativa do sujeito e asseguram a estrutura dessa identidade. [138] Portanto, o ato de lembrar não é o mesmo de reviver, mas reconstruir com imagens do presente as experiências do passado. Beatriz Sarlo relembra que o tempo próprio da lembrança é o presente, isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio.[139]

---

[136] BEZERRA, Raimunda Ferreira. Entrevista, Citada.

[137]MENEZES, Marilda; MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **As ligas camponesas na Paraíba**: um relato a partir das memórias dos seus protagonistas. Revista Ruris, Paraíba, v. 5,n. 1, p.1-35, março. 2011, p. 2-5 passim.

[138]CANDAU, Joel. **Memória e identidade/Pensar, Classificar**: Memória e Ordenação do Mundo. São Paulo: Contexto, 2011, p. 99.

[139]SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva/Tempo Passado. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2007, p. 10.

Após a gravação, fui conhecer o local que Ziza mantém destinado para criação do gado; quando estávamos próximos ao colchete,[140] como é conhecido por ela, localizado nas mediações da cerca que protege a área onde ficam os animais, ela começou a gritar chamando os animais, como se fossem bichinhos de estimação domesticados, que no curto espaço de tempo atenderam ao chamado e vieram ao seu encontro.

Naquele momento, foi possível observar a importância dos laços de afetividade que ela mantém com o rebanho e o local, que representa a continuidade de uma missão iniciada pelo marido. Além disso, a forma como se expressava e se referia aos animais era também uma maneira de demonstrar resultado de superação pelas dificuldades enfrentadas.

Aos homens do assentamento, cabe o trabalho no plantio, comercialização dos produtos que produzem e criação de animais, como gado de leite, que são fornecidos para leilões e inclusive abastecem a cidade de Estreito. Segundo Santos, virou marca do assentamento. [141]

**Foto 01**: Raimunda Ferreira Bezerra (conhecida como "Ziza") com sua criação de animais. Foto de SILVA, Ronísia. 2017.

[140] No sentido de passagem para área da criação de gado.
[141] SANTOS, Francisco Reginaldo de Santana. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

Diante dessas considerações, é importante ressaltar outro fator observado: é muito comum nas falas das mulheres assentadas, quando se referem ao trabalho desenvolvido nos lotes ou quando são questionadas sobre atividades feitas por elas, afirmarem que trabalham junto com o marido. O que nos faz entender que o trabalho da mulher faz parte do trabalho familiar, que é a própria renda da família. Por meio da fala de Silva, compreende-se um pouco disso:

> Siazinha, no início era eu e o marido trabalhando na roça. Hoje aqui é eu, marido, filho e neto que também ajudam e trabalham nas nossas coisinhas. Só que é diferente daquele tempo, que a gente ia pra roça agoniado, porque os filhos eram pequenos, não tinha com quem deixar e o jeito às vezes era carregar junto. Antes a gente se via obrigado a sair cedo, de madrugada às vezes, hoje é mais tranquilo, a gente decide o horário de ir. Também já tamo velho, a resistência de pra labutar já é mais pouca. [142]

O trabalho junto com os filhos e netos em várias atividades é um método que pode ser compreendido a partir do depoimento anterior. Nesse contexto, seu Antônio ressalta a importância da esposa para alcançarem os objetivos:

> No começo, quando nós chegamos foi complicado, às vezes eu esmorecia, passava pela minha cabeça desistir, aí a mulher me motivava, lembrava do que a gente tinha passado antes de vim pra essa área aqui. A mulher é muito importante na luta que nós travemo aqui, ainda é até mais difícil porque muitas vezes é serviço além da conta pra ela sozinha, na época as criança era tudo pequena. Não foi fácil, mas graças a Deus e com ajuda da mulher, nós conseguimos enfrentar e vencer as batalhas que teve aqui. Era na roça plantando as coisinhas e depois aqui mesmo no "terreiro[143]" criando os animais. Assim nós tamo levando até hoje e vamo continuar enquanto tiver na terra. [144]

Isso demostrou que todos no espaço reconhecem que o trabalho realizado pelas mulheres foi essencial para superar as necessidades da família, sendo que revelou a visibilidade do trabalho delas neste lugar. Cabe destacar que, entre as famílias entrevistadas, atualmente todas recebem o benefício da aposentadoria, pois a maioria dos assentados pertence a uma faixa etária um pouco avançada. O aposento é visto nesse aspecto como uma fonte de renda.

---

[142] SILVA, Maria dos Anjos. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[143] No sentido de área "livre" sem telhado, na frente da casa de morada.
[144] SILVA, Antônio Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

Descrevendo a estrutura dos imóveis onde residem, a maioria das casas da comunidade é construída de alvenaria, algumas já possuem reboco nas paredes, em todas há eletrodomésticos como geladeira, fogão, televisão, rádio e outros, além de móveis básicos. Como resultado da luta no acampamento, atualmente há energia elétrica nas casas, água encanada interligada nas instalações da escola em fase final de construção; os lotes possuem a mesma medida, todos bem preservados e com alguma árvore, seja frutífera ou não.

A fotografia abaixo demonstra um dos momentos significativos, de interação entre entrevistador e entrevistado, durante o trabalho de campo no assentamento. A presença da entrevistadora, juntamente com o casal de assentados, foi tida pelos trabalhadores como uma forma de reconhecimento e gratidão, por considerarem importante a iniciativa de produção de memórias do local e, além disso, o registro da história de luta vivenciada pelas famílias.

**Foto 02**: Moradia dos assentados atualmente. Foto de SILVA, Ronísia. 2017.

No assentamento Serafim, as famílias são numerosas, o número de filhos e netos é significativo. Porém, a quantidade de crianças e jovens de 16 a 20 anos é muito pequena, chegando a ser quase inexistente. O número de idosos no assentamento é muito alto, sendo esta a faixa etária que prevaleceu no local. 50% dos sujeitos afirmam ter uma casa de morada na cidade, no entanto dizem ser ali o local que escolheram para viver. Outro fator que chamou atenção foi a união familiar nas deliberações referentes

ao lote; as decisões são tomadas de forma coletiva, com participação de todos da família. A convivência entre as famílias do assentamento ocorreu e ainda prossegue de forma calma. Na parte central do assentamento, existe um local destinado às reuniões religiosas, onde são realizadas as missas, respeitando a opção religiosa seguida pelos sujeitos. Ao ar livre, há um espaço grande, conhecido por terreiro e que é destinado às festas de comemoração, principalmente no final do ano, para celebrarem de forma coletiva. São ações importantes para o convívio de todos que formam o assentamento e também para fortalecer os laços de sociabilidade. Sobre a importância desse espaço, seguem-se os relatos abaixo:

> Desde o início a gente vê a religião de forma importante, só que na época do acampamento as celebrações aconteciam de forma coletivas, a gente vivenciava nas nossas reuniões as orações, as rezas eram feitas de forma coletiva. Quando criou o assentamento, as coisas mudaram um pouco, as religiões começaram a se definir, quem era católico começou a ter seus momentos junto com quem compartilham, os evangélicos fazia o seu momento, então assim a gente se procedeu. Mas a gente continua vivenciando de forma respeitosa, os eventos católicos e evangélicos todos participam, as nossas festividades tem a participação de todos. Sempre respeitamos as diferenças religiosas e isso contribui para o crescimento espiritual da comunidade e harmonia.[145]

A indicação acima descreve como a prática religiosa era vivenciada pelos trabalhadores durante o momento de transição, marcado pelo convívio no acampamento e posteriormente no assentamento. Percebe-se que o momento do assentamento é tido como um novo contexto na vida dos sujeitos.

> Eu me lembro das festas, desde o acampamento já reunia todo mundo, era muito calmo, divertido. Hoje a gente se reúne mais nas datas comemorativas, aí cada um faz um tipo de coisa, junta e se diverte. Na época do acampamento a gente cozinhava junto, era muita coisa que fazia, era animação que durava às vezes até amanhecer. Aqui a gente criou muitos laços, é como se aqui fosse uma grande família.[146]

No intuito de compreender a Juventude, foi observado que a presença dos jovens no assentamento é mínima, tendo em vista que a maioria deixou a vida no campo e foi para a cidade por ter outros horizontes, pela maneira como o ambiente urbano segue um percurso diferente da vivenciada no meio rural, mas principalmente por

[145]SANTOS, Francisco Reginaldo. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[146] SILVA, Maria dos Anjos. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

fornecer perspectivas de vida diferentes, trabalho assalariado e remunerado; inclusive, foram essas perspectivas que induziram vários jovens do assentamento a migrarem para regiões Centro-Oeste e Sul para trabalharem em fábricas, indústrias, colheita de cana de açúcar e café. Como também foi o caso de outros que, durante o processo de conflitos e despejos, não viram no local perspectiva promissora e não permaneceram.

Dos homens e mulheres assentados, a maioria não frequentou o ambiente escolar, alguns possuem o ensino fundamental incompleto, outros não chegaram nem a cursar. Nesse sentido, as famílias do Serafim, quando reelaboram a saída de alguns jovens na terra, falam com satisfação que foram para a cidade para darem continuidade aos estudos, por isso representam o assentamento para os outros lá fora. Porém, é bastante enraizado e visível o desejo de que esses jovens retornem ao assentamento no futuro para assumirem os lotes e darem continuidade ao trabalho que começou com os pais ou avós, para que seja passado para outras gerações.

> Isso aqui foi eu e a minha falecida esposa, que batalhando construímos isso aqui juntos. Mas nós construímos pra ficar para os filhos e os netos tomar de conta, porque é nossa maior riqueza e precisa que alguém cuide disso aqui. Viver aqui é melhor do que tá na cidade, eu só vou na cidade pra resolver alguma coisa, mas gosto mesmo é daqui, comparando com o início, tô milionário. Nunca que eu imaginava antes que um dia ia ter minha terra, meu gado, minhas produções. Aqui a terra é boa e dá fartura pra todo mundo que trabalha nela. Desde quando eu cheguei aqui, sabia que dava pra produzir, quem já tem experiência com roça, conhece quando dá pra plantar.[147]

Durante e após o acampamento, o contato entre os assentados aconteceu de forma permanente, principalmente nos espaços em diálogo que eram e ainda hoje são realizados como forma de reflexões sobre o futuro. A partir do momento que neste espaço se construiu um diálogo, teve-se a construção de um mundo comum entre os sujeitos, por ser um espaço público em que se exerce a cidadania entre quem contribui/recebe e por ter possibilitado a saída de uma vida marcada pela miséria e instabilidade. Nas reuniões que aconteciam no acampamento, os sujeitos expressavam anseios, ideias e, ao serem ouvidos, eles se sentiam importantes dentro do grupo e também protagonistas de suas próprias histórias. As dificuldades eram resolvidas de forma coletiva, pois compreendiam que todos naquele espaço eram irmãos, portanto as

[147] SILVA, Raimundo Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

dificuldades tinham que ser resolvidas na convivência, o que contribuiu para relações mais solidárias.

Nas conversas tidas no assentamento, as falas sobre a realização de reuniões foram algo recorrente, ressaltavam a todo momento que aconteciam desde o início do processo de ocupação. As primeiras reuniões eram tidas como momentos em que debatiam sobre as estratégias de permanência no local, isso envolvia diversas coisas, inclusive a divisão de atividades. Por não ter uma liderança principal, a forma de chegar a um determinado consenso era pela votação, em que a proposta mais votada era aceita. Das lideranças religiosas e sindicais que atuaram no espaço ajudando os trabalhadores na fase de ocupação da terra, eram aceitas as ajudas que forneciam, mas não era permitida pelos sujeitos interferência nas decisões que envolviam o grupo.

A divisão dos lotes não trouxe satisfação para alguns, porém é ressaltado por João Teixeira dos Santos como foi algo que aconteceu de forma democrática, que foi dialogado de acordo com o desejo de todas as famílias que vivem no local. Também para reforçar para as pessoas que vivem fora do assentamento que valeram a pena todas as dificuldades que enfrentaram ali.[148] Isso surge como um momento não de disputa, mas de negociação da identidade.

No que concerne a isso, é frequente o processo que envolveu a legitimidade da aquisição da área. Alguns têm a ocupação de terras como um movimento justo e que apresenta legalidade frente às várias realidades de violência vividas pelos trabalhadores do campo, ao longo do tempo. Para outros, constitui-se pelo fato de serem terras livres, devolutas – sem dono, momento em que os mediadores reforçavam em seus discursos a ideia de serem terras livres.

> Lembro que nas reuniões da Igreja, era dito que a terra era livre, que não tinha dono. Portanto não era errado a gente ocupar essa área, porque o governo ia pagar por ela. A gente precisava desta terra pra criar nossa família, sair do sofrimento que a gente vivia, de tá de um lado pro outro sem saber o que ia acontecer com a gente. Por isso nós batalhamos pra permanecer aqui, porque a gente acreditava que esse era o lugar certo pra gente ficar até a velhice. Graças a Deus deu tudo certo. [149]

A associação de moradores é tida como um espaço promissor dentro do assentamento. Ao conversar sobre a mesma, foi possível perceber o orgulho por parte

[148] SANTOS, João Teixeira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[149] COSTA, José Pereira. Entrevista, Citada.

das pessoas da comunidade por terem conseguido ampliar até os diais atuais. É um espaço que preserva algumas coisas da época do acampamento, como as discussões que envolvem a realidade da comunidade, os benefícios que atendem às necessidades daquelas pessoas e outras necessidades mais, como cita Cruz:

> Na associação, a gente faz reuniões pra discutir nossas necessidades, declara o impostos, pra não ficar inadimplente, e ficar em dia com a receita. E pra quando vim os recursos pra comunidade, a gente ser beneficiado. Foi através da Associação que nós realizamos cursos de cooperados, com o Manoel da Conceição que veio trazer pra gente as experiências dele na luta pelos trabalhadores no Pindaré. Ele explicava a importância da gente produzir na terra, de preservar o cerrado, explicava o projeto técnico e como devia ser feito, foi muito bom os cursos ministrados por ele, pra gente entender um pouco mais das coisas. [150]

Com a regularização da área, em meados de 1994, houve a demarcação dos lotes, momento em que todas as famílias tiveram as terras medidas e divididas. Todos os lotes tinham o mesmo tamanho, cada família organizava a área da forma como desejava, pois não foi exigido um padrão a ser seguido. Não houve prejuízos, pois todos conseguiram produzir individualmente, embora nem todos tenham aderido ao mesmo trabalho, mas se sentem seguros com o que produzem, pois garantem o suprimento das necessidades básicas. Em assembleia realizada pelos trabalhadores, todos decidiram construir suas casas próximas umas das outras, formando uma espécie de vila ou agrovila, como é denominado por eles; sendo assim, diversas formas de sociabilidade são desenvolvidas neste espaço, como a troca de produtos alimentícios, comercialização ou troca de animais, dentre outras atividades.

> A gente sempre troca o que a gente produz, tem tempo que a gente planta, mais às vezes por um descuido ou outra coisa, aquilo que a gente plantou não dá. Aí na roça dos companheiros da gente, deu demais, a gente vai e troca por aquilo que o outro não tem. Aqui todo mundo é como uma família, um ajuda o outro no que pode. Não tem negócio de um precisar e outro não ajudar não, aqui todo mundo se ajuda. Por isso que é um lugar calmo, nunca houve briga e nem discussão pra ofender ninguém, o respeito é algo que sempre vai existir entre nós.[151]

[150] CRUZ, Tereza Alves. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.
[151] COSTA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

Em virtude dessa diversidade, foi sendo formado e reconstruído o assentamento Serafim, que vem buscando no dia a dia o fortalecimento das relações sociais das famílias que escolheram aquele espaço como o lugar de organização familiar. Os momentos de despejo da terra foram períodos em que as famílias viveram desencantos perante as necessidades de construção e reconstrução do projeto familiar; nem sempre é um caminho fácil, pois devem ser feitas escolhas que poderão dificultar ou facilitar a permanência na terra, onde se espera dessas famílias êxito, sucesso, principalmente por parte do Estado e pelos mediadores que contribuíram no processo da luta pela terra. São expectativas que se fazem presentes até o momento em que são atendidas.

O Estado não compreende esse espaço como um lugar social com uma temporalidade dinâmica em construção e nem sempre entende os projetos familiares como estruturas com várias subjetividades, representações sociais, disparidades que se redesenham na conquista do assentamento e apresentam uma visão linear de permanência na terra, estabelecendo ações que se chocam com múltiplos anseios das famílias que vivem naquele lugar. Ressalta-se que esses espaços sociais abrangem um contexto diferente do acampamento, pois são considerados um novo contexto onde se lançaram as representações sociais, principalmente aquela que desenvolveu na terra o sentido de mãe protetora que sempre está pronta para suprir as necessidades de quem precisa.

Nesta mesma perspectiva, entende-se esse lugar também como resultado de um processo de subjetivação, surgido a partir de componentes da experiência social, memória, do projeto familiar, de expressões que surgiram na luta pelo pedaço de terra, no momento de permanência no assentamento. É um processo constante, mas também de inconstância, em que são lançados todos os sonhos, desejos, anseios, risos e também momentos de desilusões, sofrimento, seja ao lembrar-se dos períodos de dificuldades ou dos companheiros que, de alguma forma, desligaram-se daquele espaço de luta, sendo, ao mesmo tempo, presença e ausência, conforme narratividade de Santos:

> Sempre me lembro daqueles que aqui no assentamento sofreram conosco, caminharam, muitos companheiros já partiram desta vida pra outra, mas deixaram aqui grandes lutas. Refiro-me a seu Bento, a dona Alzerina, dona Ana e tantos outros bravos companheiros que nos deixaram aqui, deixaram fisicamente, porque estão vivos em nossas lembranças, a partir da nossa luta coletiva. O Assentamento Serafim tem uma história, que primamos muito por ela e respeitamos, pois marcou nossa luta. Também nos marcou, alguns conflitos, danos que

> aconteceram, que vinheram exatamente para enriquecer a nossa discussão e contribuiu com o nosso crescimento. Crescemos nas adversidades e divergências. Quando elas são bem aplicadas, compreendidas e explicadas, servem como enriquecimento político e pessoal. Marcou-nos muito as nossas discussões coletivas, nossas roças coletivas que sempre pleiteamos, lutamos por isso e que fez grande diferença, pois nos ensinou a trabalhar como irmãos e a produzir de forma orgânica e organizada. Foram escolas e experiências valorosas, embora não se pratique mais, por diversas situações, mas foram lições boas que levaremos por toda nossa vida como coisas viáveis e coisas divinas que aconteceram conosco. [152]

Diante do exposto, a permanência nos assentamentos recoloca para as famílias um novo contexto em que os projetos têm possibilidade de acontecer, pois não deixaram de existir, são reconstruídos com o tempo, buscando elementos nas experiências passadas, de forma que definam o presente diante das condições de vida impostas pela sociedade. Na reconstrução dos projetos, as famílias também lançaram objetivos para além do momento presente, projetando um futuro espelhado em uma vida melhor, buscando novas referências que podem contribuir para os avanços naquele local. Em determinados momentos, apresentaram fragilidades diante de tantas andanças, até a chagada no local que formou o assentamento.

Desta maneira, ao refletir a organização da vida neste espaço social, foi importante considerar o próprio sentido da representação tida por eles como apropriação de valor social aceito na demarcação dos valores que organizam, caracterizam os projetos dessas famílias. Neste sentido, as representações estão no interior dessas práticas sociais, estruturadas nas relações feitas, sonhadas e imaginadas que possibilitam chegar ao local de possibilidades, de construção das relações entre homens/mulheres que se recusam a aceitar as que bloqueiam e contribuem para a dominação de variadas maneiras. As representações se incorporam à vida concreta, às práticas e simbologias, ao vivido do casal.

A conquista dos lotes melhorou em termos materiais a estrutura familiar, visto que não precisavam viver mudando de um local para outro, vivendo de expulsões do local onde viviam, como era antes da chegada ao acampamento. A conquista de um lugar tranquilo[153] para formar a família era um sonho partilhado por todos, compartilhado na memória coletiva constituída por meio da experiência vivida e revivida, não somente pelos homens e mulheres assentados, mas por várias gerações.

---

[152] SANTOS, Francisco Reginaldo. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

[153] Em relação às possibilidades de serem expulsos, é um lugar tranquilo.

No entanto, é uma permanente construção porque o tempo atual impõe outras demandas na vida dos sujeitos. Para os mais idosos, a preocupação é tentar viabilizar a permanência da juventude nos lotes, onde os jovens dariam continuidade aos projetos desenvolvidos pelos pais ou avós. Outro fator é impedir a chegada de empresas de grande porte que investem no plantio de eucalipto, nas mediações do assentamento.

Dentre as representações construídas no cotidiano dos sujeitos, são fortes, principalmente, as que devolvem a crença em dias melhores por meio do plantio, desenvolvem a ideia de que tudo que se planta realmente dá. Esta interpretação demonstra a importância da organização coletiva e o quanto é significativa, sendo que inspirou a organização de outras comunidades, reacendendo a discussão sobre a reforma agrária na região. A maneira como os acampamentos se constituíram se tornou uma mobilização social fundamental para a ocupação da Fazenda Serafim e os movimentos que lutavam pela posse da terra. Além disso, se, no primeiro momento de ocupação da fazenda, as famílias foram adentrando a área que a formava, após o processo de ameaças e expulsão, formaram o acampamento para fortalecerem a luta. Nesse contexto, é importante ressaltar que o processo de ocupação de terras é uma prática social histórica que foi utilizada por trabalhadores de diversos locais, no intuito de reproduzirem seus modos de trabalho e da vida cotidiana.

CAPÍTULO III

## AS RESSIGNIFICAÇÕES DA LUTA NO PRESENTE

O tempo presente coloca novas questões para permanência dos sujeitos na terra. De modo geral, pode-se dizer que a juventude tem estado presente de forma propícia e simboliza os dilemas da contemporaneidade. Ela é vista como categoria geracional que substitui a atual, aparecendo como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensam as angústias, os medos, assim como as esperanças em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura.[154]

Com o olhar voltado para a juventude que compõe o Serafim, percebi que a luta continua, mas nem sempre da mesma forma. Neste capítulo, parti da compreensão dos sentidos que os jovens atribuem à vivência no assentamento Serafim e as formas de trabalho desenvolvidas por eles naquele local. Analisei a permanência da minoria da juventude no espaço como aspecto importante da luta pela terra. Por isso, tornou-se necessário conhecer a trajetória de vida dos jovens assentados, suas perspectivas para o futuro e como reelaboram o processo da luta pela terra, no período do acampamento e após, com a constituição do assentamento.

Analisar o modo como essas memórias são narradas demonstra a maneira como esses sujeitos atribuem significados e interpretam o lugar social onde vivem. São informações importantes para que se tenha entendimento de como as transformações no espaço ocorreram. São relatos que mostram a forma como essas memórias podem ser rearticuladas, considerando o lugar social que ocupam no tempo presente. Pensar nestas narrativas é nos permitir compreender como os sujeitos se posicionam perante tais memórias e, principalmente, como ressignificam, por meio das experiências itinerantes de suas famílias, diversos sentidos ao processo de luta pela terra, considerando que nos assentamentos rurais o processo de construção da identidade dos jovens se faz na luta pela conquista da terra, ao mesmo tempo em que se luta pelos interesses coletivos.

Diante disso, foi enfatizada a noção de juventude para mostrar a diversidade de modos de ser jovem. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social, pois os jovens são protagonistas ativos dessas disputas em torno dos sentidos que emprestam ao tema, visto que, mesmo como atores, impõem

[154] CARRANO, Paulo. etal. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: Unesco, 2007. p.76.

significados que traduzem modos diversos de pensar a si mesmos e a seus pares, estabelecem projetos pessoais ou coletivos. Por essas razões, é preciso incorporar recortes históricos e socioculturais. [155]

Nesse contexto, deve-se assinalar que a juventude é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, na mesma sociedade e segundo os diversos efeitos globais dos fenômenos econômicos, sociais e culturais. A adoção do recorte etário de 15 a 29 anos, no âmbito das políticas públicas no Brasil, é muito recente. Trata-se de um período longo que implica o adiamento da vida adulta e se liga, em parte, a uma duração maior da escolaridade e a uma situação econômica de dependência, em razão da baixa empregabilidade, o que retarda o abandono do domicílio dos pais. Em certo sentido, a juventude é um momento do tempo suspenso, ou seja, um adiamento da vida verdadeira, que é a vida adulta, mas, ao mesmo tempo, é quando se vivenciam, de forma especial, os laços sociais e afetivos e se desenvolvem elementos da própria personalidade e da autoexpressão. Nas relações com a cultura e na construção das identidades sociais, esta contextualização é importante.[156]

### 3.1 Dinâmicas do vivido em tempos de transição

Analisar a realidade que envolve as diferentes gerações do assentamento Serafim é resgatar o processo histórico desse espaço, pois apresenta as relações que foram vivenciadas por esses sujeitos. O estudo das gerações que compõem o espaço foi essencial para conhecer as experiências vivenciadas em tempos de transição, principalmente dentre os sujeitos entrevistados, que eram crianças no momento da ocupação do Serafim. A luta pela terra começou por meio da família que, naquele momento, assegurou que era o melhor para todos e as expectativas eram de melhorias futuras, conforme relatou Elias Barros (32 anos), que vivenciou experiências da fase do acampamento no Serafim.

> Na época do acampamento a gente carregava água do poço que ficava muito longe, a mãe lavava roupa no rio, a luz era da lamparina. Era cansativo pra gente que naquele tempo era criança, ter que ajudar a carregar água e fazer outras coisas pesadas. Lembro que minha mãe sempre dizia que era por pouco tempo, que as coisas iam melhorar e

[155] CARRANO, op.cit.; p. 179
[156] ANDRADE, Carla Coelho.; AQUINO, Luseni Maria C.; CASTRO, Jorge Abrahão. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. p.229.

> nisso a gente às vezes ficava desacreditado que fosse acontecer. Hoje quando lembro de tudo isso, às vezes começo a sorrir... não foi que as coisas melhoraram! E eu tava aqui ajudando e fazendo parte disso.[157]

A narrativa demonstra que a condição de sobrevivência no acampamento era de muita dificuldade; quando reelaboradas no presente, são marcadas com mais intensidade. Aos jovens de hoje, na época crianças, só restava acreditar na chegada de um futuro promissor, que seria uma conquista de todos. Dessa maneira, as gerações do Serafim se reconhecem como lutadores desse processo social, tendo este espaço como lugar de esperança.

Para este capítulo, foram produzidas seis entrevistas orais com os assentados Cleane Guedes, Raimundo Nonato, Cristiano de Sousa, Regina Rodrigues, Vanessa Bezerra e Elias Barros. Ambas elencadas por terem vivenciado processos importantes da história do Serafim e formado suas perspectivas para o futuro, a partir das vivências no local. Para os sujeitos, o passado de lutas, por meio das trajetórias itinerantes, faz parte das heranças do grupo familiar.

Raimundo Nonato (38 anos) é filho de assentados que ocuparam a fazenda Serafim. Presenciou o processo de luta na terra desde a fase do acampamento, quando ainda tinha onze anos de idade. De acordo com ele, seus pais eram agregados em uma terra nas proximidades de Estreito antes da vinda para o Serafim. Ao recordar a itinerância migratória da família, destacou principalmente as experiências do trabalho realizado pelo pai na localidade:

> A coisa hoje é outra, completamente diferente daquela realidade de sofrimento que passamos quando chegamos. Ainda lembro o momento da ocupação, na época eu tinha onze anos, minha família estava vindo de uma fazenda chamada Tarancol, entre Carolina e Estreito. Meu pai era vaqueiro nesse local, fazia roça, ajudava em outros trabalhos que precisava lá, trabalhava sozinho, porque a gente era pequeno e não tinha como ajudar ele no trabalho. A gente morava nessa fazenda. Lembro que a gente vivia das crias do gado, de certa quantidade de animal que nascia, um animal era dado para meu pai como uma forma de pagamento pelo serviço realizado. Dessa localidade a gente veio pra cá, pois havia uma falação sobre o fazendeiro dessa terra, na época, de que era foragido da justiça, por ter assassinado a esposa dele, aí ele deserdou daqui. Então nos deslocamos pra cá em cima de um carro pau de arara. Lembro que enfrentamos uma chuva no caminho e fazia muito frio, por conta do clima naquele período, quando chegamos aqui, foi uma luta constante,

[157] SILVA, Elias Barros. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

> muito grande, fomos inclusive despejados, esse momento marcou a minha história aqui. Não gosto nem de pensar o que passamos nessa época. Mas, tudo isso foi importante pra nossa luta aqui e pra conseguir tudo que temos hoje: água encanada, energia, posto de saúde, escola, casa construída, já peguemos projetos e já paguemos resultado do nosso trabalho aqui.[158]

Tal narratividade relembrou o passado a partir do presente, demonstrando que tais fatores foram motivadores, pois impulsionaram várias gerações (filhos, netos...) a darem continuidade à permanência da luta por direitos coletivos e alcançar conquistas para a comunidade com a concretização de projetos. O que propõe recordar um pouco do que foi apontado por Sarlo, quando destacou que o tempo próprio da lembrança é o presente, isto é, o único tempo apropriado para lembrar e também o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio. [159] Ressalta-se ainda, dentro desta rede de informações cotidianas, que a participação das meninas no trabalho agrícola também ocorreu de forma efetiva e permaneceu até os dias atuais. De acordo com Cleane Guedes (24 anos),

> [...] sempre trabalhamos na roça pra manter a subsistência, que ficava a 500 m da nossa casa, nesse tempo íamos a pé, meus pais e os filhos. Lembro que auxiliávamos no plantio de arroz, os meninos também ajudavam no período da colheita quando o arroz tava grande, utilizando o facão, o meu pai fazia o trabalho de derruba. A gente também criava alguns animais, como galinha. Hoje em dia, como meu pai está bem estruturado, ele cria gado e cavalo.[160]

É importante para os sujeitos registrar como as condições de vida passaram por mudanças, demonstrando para a sociedade pontos viáveis do acesso à terra, ao mesmo tempo em que expõem uma qualidade de vida diferente da que possuíam em outros tempos, muitas vezes vivenciados em outros lugares. Para o assentado Cristiano de Sousa (29 anos), as chances de mudar para o setor urbano são mínimas, já que no campo são eles que administram o próprio negócio:

> Aqui é um local calmo, é o único assentamento das redondezas que não tem bar dentro é esse aqui. Isso mostra o quanto todo mundo se respeita e não faz nada pra chatear o outro. Na cidade não é assim. Outra coisa, aqui na hora que preciso de algo, vendo um gadinho, na cidade se for trabalhar ganhando salário o negócio vai ser diferente, porque tudo custa mais caro. Já saí daqui um tempo, mas depois voltei

---

[158] SOUSA, Raimundo Nonato. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

[159] SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2007, p. 10.

[160] SILVA, Cleane Guedes. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

> pra cá de novo e não tenho mais vontade de sair daqui, não mesmo. Pra quê vou bagunçar minha vida, se aqui tenho tudo que preciso.[161]

Para a jovem Vanessa Bezerra (18 anos), nascida em Imperatriz (MA), mas que desde criança mora com a avó no assentamento, é prazeroso ajudar nas atividades domésticas, na roça, na criação do gado e conviver no espaço onde mantém laços familiares:

> Amo viver aqui no assentamento, não consigo ficar longe daqui. Gosto do rio pra pescar, andar pelo pasto, ajudo a pegar feijão. Viver aqui no sertão é muito bom, o clima é bom, é onde nasci e tenho minhas raízes, diferente da cidade aqui não tem violência. A convivência aqui na comunidade com os vizinhos é boa, sempre que alguém precisa de algo os vizinhos ajudam a gente. Vivemos do que produzimos aqui e não falta nada pra gente.[162]

Nas redes de relações tecidas no cotidiano, observou-se que os sentimentos de solidariedade entre as famílias do assentamento renascem diariamente:

> Embora cada um trabalhe por conta própria, a gente sempre se solidariza uns com os outros; a união faz a força e não podemos fazer diferente. Às vezes acontece de trocar entre nós produtos que plantamos ou até mesmo negociar algum animal.[163]

As expectativas se direcionam para a valorização de um ambiente comunitário. De acordo com as lembranças de Elias, as idas para as roças coletivas, na fase inicial do acampamento, impulsionaram a reprodução do trabalho familiar no Serafim, uma vez que recolocaram uma questão histórica para os filhos desses trabalhadores: a de continuarem vivendo e trabalhando no campo:

> Nasci no Estreito. Somos três filhos, desde criança ajudava meu pai na plantação de alimentos, milho, mandioca e outras coisas. Lembro que era animada a ida pra roça, na época que todo mundo trabalhava de forma coletiva. A gente trabalhava, cantava e conversava sobre várias coisas. O tempo parecia que não passava. Com aquisição do assentamento, cada família passou a ter seu lote e passaram a produzir cada um nas suas terras. Foi quando passamos a trabalhar somente em família. Essa forma de produzir foi importante porque não tinha como dar problema, cada qual conhece os seus. Tanto que até hoje os que permaneceram aqui continuam trabalhando dessa forma.[164]

---

[161] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[162] RODRIGUES, Vanessa Bezerra. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[163] FRANÇA, Raimundo Nonato. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[164] BARBOSA, Elias Barros. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

Além dos jovens que auxiliavam os pais ou avós no trabalho agrícola, outros se tornaram pequenos produtores, em virtude do falecimento do pai ou da mãe ou devido à idade avançada daqueles que não têm resistência física para trabalhar com serviços de plantio. É o caso de Cristiano de Sousa (29 anos), que é pequeno produtor e ressaltou que, no acampamento, seus pais trabalhavam somente com roça:

> É interessante quando a gente lembra o passado ou ouve sobre ele. Na época do acampamento eu era criança, não recordo de muita coisa, mas cresci ouvindo meu pai falar do que enfrentaram para ficar aqui na terra. Meu pai dizia que houve tipo uma guerra pra tirar a gente daqui, nesse tempo eu e meus outros irmãos que eram criança fomos para casa de parentes que moravam na cidade, pois meu pai achava que a gente corria perigo caso permanecesse aqui. Hoje nós possuímos trinta cabeças de gado e também mexemos com plantio de frutas e verduras e isso influencia na maneira como somos tratados na cidade. Quando chegamos lá, temos o mesmo tratamento que é dado aos fazendeiros, porque hoje diferente daquele tempo que a área foi ocupada, levamos renda para os comércios e honramos com nossos compromissos feitos nos armazéns de lá. Aqui no assentamento o que mais gosto de fazer é cuidar da terra e dos animais.[165]

Entende-se que a palavra "guerra" foi utilizada no sentido de demonstrar que a violência sofrida pelos sujeitos teve uma grande dimensão representativa para eles, pois as ameaças são formas de violência, utilizadas no sentido de desestabilizar os trabalhadores e tornar o ambiente inseguro, o que possivelmente contribuiria para um processo de abandono da área. No entanto, o passado é colocado como uma experiência que proporcionou aprendizado, isso consequentemente contribuiu para os avanços na maneira como passaram a produzir. Justificam ainda que a relação com os moradores da cidade foi melhorando ao longo do tempo.

No assentamento Serafim, por meio das narratividades, ficam notórias as dimensões referentes à forma de cooperação baseada no trabalho coletivo familiar. Foi um modo de continuar os trabalhos coletivos que tiveram início no período do acampamento. Atualmente, os lotes são familiares e os jovens que permaneceram no assentamento trabalham e moram neles. Percebe-se que a escolha de permanência no campo uniu um pouco do que se conhece sobre a vida na cidade. Para Rodrigues,

> a tranquilidade do assentamento me fez retornar da cidade de Imperatriz para cá. Aqui não tem violência, as relações entre os moradores são boas, quando quero ir banhar no riacho e pescar vou

[165] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

> sem ter medo de algo de ruim possa acontecer. Na cidade é tudo diferente, a gente fica meio com medo das coisas, da violência que é grande. Mesmo assim, nós, jovens aqui do assentamento é que temos que continuar a luta que nossos pais e avós começaram e não deixar tudo isso acabar.[166]

Por meio das falas constituídas nas narratividades, percebo as dimensões da força do trabalho familiar, cujo objetivo é enfrentar as dificuldades e permanecer com o trabalho e a vida no campo. França conta

> [...] que embora as conquistas tenham sido grande, ainda almejamos melhorias como uma reforma das casas, asfaltamento das ruas ou cascalhos e um ensino superior pra gente não ter que sair daqui. Todos esses sonhos só podem ser concretizados se a gente permanecer aqui.[167]

Foi constatado também que a agricultura familiar é algo importante e que deve seguir adiante. Relacionado a isso, Ricardo Abramovay apontou-a como o setor da agricultura em que os sujeitos que o compõem pertencem ao campo, neste caso, os próprios trabalhadores rurais. Por isso, entende-se a importância desses trabalhadores para a cadeia produtiva do país.[168] Para os jovens, as experiências dos pais, em alguns casos dos avós, devem ser reproduzidas para que haja continuidade no futuro. A importância atribuída à família não pode ser medida, no entanto, pelo tempo passado em comum, ainda que isso contribua para solidificar ou debilitar seus laços. Mas a família se mantém, para a maioria, como lugar simbólico onde o trabalhador projeta seus valores.[169]

> Lembro que na época do coletivo a gente plantava de tudo, arroz, mandioca e muitas outras coisas. Com o passar do tempo, a partir do momento que cada um começou a trabalhar por si, as condições melhoraram. Passamos a trabalhar com lavouras e gado pra manter os projetos da gente e completar as despesas. Produzimos também queijo, requeijão e comercializamos nas redondezas. Só que tudo isso só foi possível por causa dos mais velhos, que mesmo em muitos momentos de insegurança continuaram na luta sem desistir. É por eles,

---

[166] RODRIGUES, Vanessa Bezerra. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[167] FRANÇA, Raimundo Nonato de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[168] ABRAMOVAY, Ricardo. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco,1998. p.14.
[169] SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.p103.

> que acredito que vale a pena lutar para que mais avanço seja conseguido.[170]

Para os entrevistados, a família exerce papel importante em suas vidas, principalmente pelo convívio familiar ser frequente, pois estão juntos desde o acordar ao dormir, conforme a narrativa de Rodrigues:

> Não tem coisa melhor que acordar sentindo o cheiro de pasto, ouvindo o canto do galo. Quando vou visitar algum parente na cidade sinto falta até disso. Melhor de tudo pra mim é ficar aqui com minha vó Ziza, acordar ajudando ela no que precisa. Não me imagino longe dela e nem daqui. Converso muito com ela, tomo conselho, porque a gente tem que saber sempre ouvir os mais velhos.[171]

A construção comunitária é resultado dos debates ocorridos no momento inicial da ocupação do Serafim, permanecendo posteriormente. Neste período, foi importante a função da associação de moradores frente aos conflitos e problemáticas que enfrentavam. A associação de moradores do Serafim surgiu da necessidade de se organizar o coletivo, para isso foi essencial a elaboração do regimento interno, que contou com a participação de todos os sujeitos no período do acampamento, permanecendo atualmente. A associação agregou formas representativas diante de problemas que envolviam os trabalhadores. A seguir, acompanharemos o posicionamento sobre as plenárias que ocorriam durante as reuniões, em que eram decididos problemas centrais do acampamento. Conforme destacou Raimundo:

> A gente sente falta das reuniões de assembleias lotadas. Naquele tempo, todos participavam das reuniões que decidia os rumos que deveriam ser seguidos. Alguma mudança só era feita no Serafim se tivesse votação máxima, pra isso todos tinham que votar e dar suas opiniões. Hoje quase ninguém participa, as pessoas se afastaram e ficaram mais em seus lotes. Muitos estão cansados, não tem mais força pra enfrentar as coisas como antigamente, nesse caso acho que é importante que haja uma mobilização dos jovens para começar a tocar as coisas aqui, principalmente na associação que é onde a gente busca informação sobre tudo referente ao assentamento. Esse é o momento que a gente sente falta do coletivo. Nas festas de final de ano é quando a gente se reúne mais, vem o padre da cidade pra fazer a missa com

[170] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[171] RODRIGUES, Vanessa Bezerra. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

> quem é católico e os que são evangélicos vão para os cultos que tem aqui.[172]

Conforme apontado, atualmente as atividades coletivas da associação de moradores não têm frequência mensal por parte dos moradores, sendo inclusive motivo de muitas reclamações. Este espaço é tido como local de discussões que abrangem questões relacionadas à vida de todos dentro do assentamento. Percebi, por meio da conversa com os assentados no decorrer da pesquisa, que cada vez mais as plenárias ficam vazias, o que reflete e muito na socialização coletiva do assentamento.

Observei ainda que o papel feminino é muito significativo dentro deste espaço, sendo a própria associação dirigida por uma mulher. Isso mostra que mulheres têm ocupado espaço no que envolve as discussões referentes às problemáticas da comunidade. No que tange à juventude, há também um engajamento tanto dos rapazes como das moças, que buscam alternativas no intuito de interagir nos debates sobre o assentamento.

Os primeiros a ocupar o Serafim tiveram uma função importante, naquele momento de embates e conflitos e isso é reconhecido pela juventude. No entanto, de acordo com os mais jovens, a luta no espaço deve ser encarada por uma nova geração. Isso evidencia o entendimento que eles têm da participação da juventude nos assuntos que dizem respeito à comunidade. Os jovens precisam ocupar um lugar de maior destaque no assentamento pela força e garra que têm, pois a falta de mobilização e escassez das pessoas durante as reuniões enfraquece a luta no espaço. Para Elias Barros, é evidente que, para enfrentar as problemáticas no local, é indispensável a mobilização dos mais jovens:

> Falta uma mobilização maior na associação de moradores, as assembleias serem mais frequentes, acho que tem que ter uma representação jovem que impulsione as coisas aqui. Acredito que agora a tendência é a juventude se unir, com a escola construída, os jovens não precisam mais ter que sair do assentamento para estudar fora daqui, acho que melhorias vão acontecer. Inclusive já tem uma ideia rolando a respeito da formação de um grupo de jovem pra discutir as problemáticas do Serafim a partir do que é percebido pelos mais novos. [173]

Destacou-se ainda na fala dos assentados uma relação entre assentamento e cidade e, porque não dizer, de expectativas quanto à urbanização naquele espaço. Os

[172] FRANÇA, Raimundo Nonato. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[173] SILVA, Elias Barros. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

sujeitos demonstram interesse em melhorar as condições estruturais do local onde moram. De acordo com Cleide,

> Ainda vejo que tem um fator negativo aqui, que é melhorar a estrutura daqui. Porque é o assentamento mais velho daqui da região. Tem assentamento mais novo que esse que tem praça, quadra de esporte, aqui no Serafim falta as pessoas se mobilizarem mais, pra quem sabe ver se consegue um asfalto para essas ruas, que no período do inverno fica complicado pra se deslocar devido as condições da estrada com as chuvas forte.[174]

Ana Caroline Trindade, ao se referir em sua pesquisa sobre a juventude rural e sua permanência no assentamento Flor do Murucui, em Sergipe, apontou que as fronteiras do mundo rural e urbano estão cada vez mais integradas. O mundo rural não pode mais ser visto como um símbolo de precariedade e atraso, as transformações ocorridas nas últimas décadas potencializam o espaço rural, não só como um lugar de vida e moradia, mas também o local onde as relações de trabalho são desenvolvidas. Essa dinâmica relaciona a casa, a vizinhança, a cidade e o campo. Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços que entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade.[175]

Raymond Willians, na obra *O campo e a cidade*, destacou que estes dois espaços não podem ser vistos de forma separada do ponto de vista social. Por outro lado, o deslocamento para a cidade, em alguns casos, é frustrante para os jovens do campo que saíram do assentamento, como é o caso de Elias Barros:

> Saí um tempo e fui pra Minas Gerais, mas não me acostumei lá, pensava na minha mãe aqui sozinha e voltei pra cá. Percebi que o meu lugar é aqui, dando continuidade a tudo que meus pais conquistaram com muito sacrifício. Embora a gente seja tratado bem em outros lugares, devido à condição que temos hoje, o sofrimento que passamos por não sair daqui na época da ocupação foi grande o suficiente pra gente não esquecer. Às vezes a gente pensa que chegar num lugar grande vai mudar a vida da gente da noite pro dia, mas só quando saímos de onde temos nossa origem é que percebemos que não é bem assim. É como se a gente tivesse que se transformar em outra pessoa e aqui no assentamento isso não acontece. Sem falar que o custo de vida assim que a gente chega na cidade grande, é muito pesado.[176]

---

[174] SILVA, Cleide Guedes. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[175] TRINDADE, Ana Caroline. **Perspectiva de futuro dos/das jovens de assentamento rurais na microrregião Guanambi**. Revista Retratos de Assentamentos, Bahia, v.19, n.1, p. 157 - 301, 2016. p.167
[176] SILVA, Elias Barros. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

A narrativa acima aponta elementos que nos permitem compreender que a saída do meio rural, na maioria das vezes, exige dos sujeitos o abandono não somente do lugar de origem, como também dos próprios laços culturais, tendo em vista que, ao ter que se adaptar a uma cultura diferente, isso logicamente impõe mudanças de hábitos e, até mesmo, de valores, motivo pelo qual muitos retornam para o local de origem.

Willians ainda enfatizou que, sempre que pensa nas relações entre campo e cidade, constata que se trata de uma história ativa e contínua, pois as relações não são apenas de ideias e experiências, mas também de aluguéis e juros, situação e poder, ou seja, fazem parte de um sistema mais amplo. [177]

Para a pesquisadora Elizabeth Maria da Silva, o assentamento é o espaço das relações humanas, isto é, das práticas e convivências cotidianas que adquirem significado e sentido, a partir da realidade material e ligação emocional aos objetos e está simultaneamente ligada aos laços territoriais, econômicos e culturais. A estudiosa na abordagem sobre a juventude ressalta que o jovem do campo, quando vai para a cidade, deixa a cultura herdada e encontra outra, em um espaço que não ajudou a criar, que não faz parte de sua memória, de sua história. No novo lugar, ele terá que recriar as relações, já que sua experiência de vida ficou para trás e novas experiências serão recriadas na nova residência.[178]

Ricardo Callegari, ao desenvolver estudo sobre a juventude rural e a organização social das formas de trabalho em um determinado assentamento, apontou que, por meio dos relatos, pôde inferir que a saída da juventude não está ligada a uma escolha individual e isolada, mas que é motivada pelas condições materiais, como a falta de renda suficiente e, em muitos casos, de trabalho. Essas escolhas não partem do mundo ideal e sim com base na vida prática, como a forma de organização do trabalho e da produção agrícola já existentes e que encontram limites. A partir destas condições e contradições é que buscam formas de trabalhar, transformando e recriando o modo de vida no campo e construindo também suas visões de mundo. Callegari ressaltou ainda que as práticas de luta também desempenham importante papel na construção da

[177] WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 21.
[178]SILVA, Elisabete Maria. **Expectativa dos jovens que habitam o meio rural e condições para o desenvolvimento sustentável**: um estudo de caso no município de São José do Povo-MT. Revista Perspectivas Sociais Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, p. 63-76, março. 2011, p. 67.

subjetividade da juventude rural, além de contribuir para a construção de uma identidade coletiva de classe por aproximar os interesses comuns.[179]

Referente aos avanços proporcionados ao meio rural, Rosa de Sousa Oliveira destacou que esse setor começou a receber atenção com a criação de programas fornecidos pelo governo ao espaço rural, como resposta à luta dos trabalhadores do campo, que reivindicavam uma política pública para a agricultura familiar. Os jovens contam atualmente com programas que melhoram em muitos aspectos a vida no campo, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado em 2004. Rosa de Souza Oliveira está inserida no Plano Nacional de Reforma Agrária e faz parte das políticas de desenvolvimento regional do Governo Federal como mecanismo de promoção do desenvolvimento rural, o PRONAF - Jovem Rural. [180]

Oliveira apontou ainda que o PRONAF-Jovem Rural possui um limite de investimento e inclui as linhas de crédito A, A/C, B, C, D e E. Esse crédito está voltado para jovens (homens e mulheres) de 16 a 25 anos que tenham concluído ou que estejam cursando o último ano em escolas técnicas agrícolas de nível médio, em centros familiares de formação por alternância ou feito curso de formação profissional de acordo com os requisitos definidos pela Secretaria de Agricultura Familiar - SAF/MDA.[181]

Os programas de crédito buscam facilitar a permanência dos sujeitos na área em que produzem e moram, além de fortalecerem os laços sociais, uma vez que trazem possibilidades de proporcionar o crescimento econômico dos serviços desempenhados no espaço social. Para Reginaldo Santana,

> [...] a questão da pequena agricultura familiar no Serafim ocorre hoje através do PRONAF, criação de bovinos, produção de milho, arroz e outras coisas, numa proporção menor do que antes. Foi graças a essas lutas com os parceiros, que conseguimos criar o assentamento. Isso foi fruto de muita luta. Hoje o assentamento é regulamentado, temos investimento do estado, uma escola, posto de saúde construído com recurso federal do governo Dilma, temos Luz Para Todos, temos poço artesiano, graças ao governo Lula, temos PRONAF também, todas essas lutas valeram a pena. Agora estamos cuidando para que essa melhora da vida não signifique afastamento uns dos outros.[182]

---

[179]CALLEGARI, Ricardo. **Entre lutas, valores e pressões**: Juventude Rural Sem Terra e a organização social do trabalho nos Assentamentos Missões e José Eduardo Raduan. 2015.165f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cândido Rondon, 2015, p.143.

[180]OLIVEIRA, Rosa de Souza. **Expectativas de jovens que vivem em assentamento**: um estudo sobre a tríade trabalho-educação-família.153f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) Universidade Federal do Pará, Pará, 2006, p. 114.

[181] OLIVEIRA, R.op.cit.; p.118.

[182] SANTOS, Reginaldo Santana. Entrevista citada.

A partir deste argumento, entende-se que as melhorias de condições de vida muitas vezes contribuem para um processo de individualismo entre as pessoas, conforme destacou Reginaldo:

> Depois que se cria o assentamento as coisas muda muito, porque os lotes são divididos, já volta as cercas, como nem todo mundo tem a mesma condição social, então a vivência muda, as produções são divididas, as partilhas do início não existem mais, as assembleias não são mais frequentes as vezes a gente já começa a entrar em conflito por coisas pequenas entre nós mesmos. Então quando cria o assentamento tem essa grande desvantagem que é a desmobilização solidária entre nós mesmos.[183]

A respeito disso, Fabiana Cristina Severi destacou que são os saberes, sujeitos, atores e ideais almejados - que necessariamente não estão em sintonia - que tornam o assentamento um lugar de tensões, que, na maioria das vezes, extrapolam até mesmo os limites geográficos, afetando uma rede de relações diversificadas.

Em razão disso tudo é que impactos significativos produzidos pelos assentamentos rurais não podem afastar a necessidade de se perceber o assentamento de forma mais complexa. Devem ser entendidos como processos sociais de recriação de experiências. Como tal, convivem com frustrações, recuos, dificuldades e demais valores típicos da sociedade atual. Vivem em meio a tensões, envolvendo diversidades materiais, objetivas e políticas.[184]

## 3.2 Memórias mergulhadas no presente: Desafios e Perspectivas

Partimos do entendimento de que a juventude é construída socialmente e que, em cada contexto sociocultural, político e econômico, há a produção de uma juventude que expressa expectativas diversificadas; atuam como protagonistas de seu tempo; faz parte também desse contexto construir um modo de vida que possa aliar saberes obtidos na família de origem com outros conhecimentos adquiridos, por meio de suas relações com o mundo em seu entorno. [185] As gerações que fazem parte deste estudo iniciaram a participação nas atividades da propriedade rural desde cedo; nesse período, ocorreu um estreitamento das relações dos sujeitos com a família, interação no que diz respeito aos

[183] SANTOS, Reginaldo Santana. Entrevista citada.
[184]SEVERI, Fabiana Cristina. **Experiência, memória e autonomia em um assentamento de reforma agrária na região de Ribeirão Preto-SP**. 312f. Tese (Doutorado em Filosofia), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, São Paulo. 2010, .110.
[185] OLIVEIRA, R. Op. cit.; p. 128.

fatores econômicos e produtivos, sendo que aumentou a participação das atividades realizadas por eles.

Nesse processo, também assumiram responsabilidades e criaram possibilidades de aperfeiçoamento da produção, que veio a melhorar e até mesmo resolver as problemáticas existentes neste espaço. Oliveira destacou que é de extrema importância envolver os atores sociais neste processo. As políticas destinadas aos jovens rurais devem ser construídas com a participação destes; é preciso que se conheçam bem quais são seus anseios, desejos e necessidades.[186].

Observei que os jovens que vivem em Serafim gostam da moradia do campo, principalmente por ser um local calmo, serem de certa forma livres, além de assumirem o compromisso de garantir o sustento da família. No entanto, outros pontos aparecem nos depoimentos, quando fazem referência aos jovens que saíram para a cidade, como a busca por educação e até mesmo qualificação profissional.

Muitas vezes, as dificuldades em conseguir emprego no setor urbano por parte dos jovens que saíram do assentamento se tornaram também um dos motivos que contribuíram para a permanência dos demais nas atividades do campo, em algumas situações. No Serafim, quanto à produção atual no assentamento, ainda se concentram às atividades do plantio e cultivo do milho, café, feijão, abóbora, abacaxi e demais produtos, utilizando a mão de obra de toda a família, demonstrando que o local reúne os elementos que compõem a agricultura familiar: terra, trabalho e família. Não foi percebido nas narrativas dos jovens que permanecem ainda no assentamento o desejo de morar no setor urbano e lá trabalhar, porém, entende-se que a baixa escolaridade dos jovens foi o que motivou a saída de alguns para a cidade.

Devido à proximidade com outros municípios, há uma relação entre rural e urbano, que é percebida por meio do deslocamento de alguns jovens para as cidades vizinhas, seja em busca de ensino superior ou promovendo uma interação com outros meios culturais e sociais. É importante ressaltar que as fronteiras entre esses dois espaços se perfazem no cotidiano, em que os jovens, mesmo morando no meio rural, acabam transitando pelo setor urbano, possibilitando o contato com diferentes práticas sociais.

---

[186] OLIVEIRA, Edmar Geraldo. **O Lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista –MG**. 11f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) Faculdade de Caratinga, Minas Gerais, 2006, p. 87.

No que diz respeito ao lazer neste espaço, não é muito diferente da realidade em outros municípios do estado. No Serafim, os jovens improvisam campo de futebol em terrenos que não possuem moradia construída, outros preferem pescar nos riachos ou córregos, frequentam festas nas proximidades do espaço e outras atividades de lazer que geralmente fazem parte do dia a dia e dos programas realizados por esses sujeitos. De acordo com Silva,

> [...] aqui também tem diversão, a garotada joga bola no campo, vai pescar no riacho, inventa de tudo pra diversão ser completa. Lembro que a maior diversão quando era criança era jogar bola no campo a gente aqui se vira com o que tem.[187]

No Serafim, os rios e riachos que passam nas mediações do assentamento são tidos pelos jovens como local de encontro para diversão. Nas redondezas dos lotes, existem banhos que se tornaram privativos, cujo objetivo é proporcionar diversão ao público de fora, geralmente nestes locais os proprietários investem bastante, através de piscinas naturais, local de jogos, como campo para futebol, sinuca, ambiente para churrasco, dentre outras atrações.

Na área educacional do assentamento, no dia 6 de março de 2017, foi inaugurado um prédio escolar onde passaram a funcionar as novas instalações da escola Pedro Gomes, que funcionava em uma fazenda nas proximidades do assentamento. Os estudantes, que anteriormente se deslocavam para a escola da fazenda em carro conhecido como pau de arara, atualmente disponibilizam de ônibus escolar para o deslocamento até a instituição de ensino.

**Foto 03:** Escola Municipal Pedro Gomes. Foto de SILVA, Ronísia. 2017.

[187] SILVA, Elias Barros. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

A escola, inaugurada no primeiro semestre do ano corrente, já recebe alunos tanto do assentamento Serafim como de outros assentamentos das proximidades, tendo um total de 274 alunos que estudam do 1° ao 9° ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino. Observei que, em termos estruturais, o espaço escolar atende à necessidade da comunidade; possui salas de aula amplas, piso em cerâmica, banheiros, espaço recreativo, secretaria climatizada, uma torre instalada que fornece internet para a escola, materiais educacionais atualizados, merenda de qualidade aos alunos, com cardápio variado acompanhado por um profissional. A imagem acima nos possibilita ter uma dimensão do espaço físico escolar. Os docentes que ministram aulas na escola, bem como os profissionais que realizam os serviços de limpeza do ambiente, são do próprio assentamento. Em relação ao pedagógico e à participação da comunidade no desenvolvimento escolar das crianças e jovens, ocorrem algumas insatisfações, expressas por meio da narratividade de Regina Rodrigues, moradora do Serafim desde a fase de ocupação da área. Ela deu continuidade aos estudos em municípios vizinhos, graduou-se e se especializou em gestão escolar, ao retornar para o assentamento, ocupa atualmente o cargo de gestora do espaço educacional. Conforme Regina:

> Pra mim, enquanto gestora falta melhorias no pedagógico, capacitação para professores necessita de acompanhamento psicológico para crianças que precisam. Falta a prefeitura assumir uma parceria maior nesse sentido. Ainda tem uma deficiência grande em relação ao Projeto Político Pedagógico. Na hora de fazer o Projeto Político Pedagógico, tem algumas pessoas que participam mais aí depois não acompanham, então na prática é ainda uma barreira a ser superada. Acredito que aos poucos as coisas vão melhorar.[188]

É importante ressaltar que a doutrina pedagógica escolar coloca como essencial a união dos assentados, como também a importância da participação efetiva no ambiente de ensino, de forma que contribua para o fortalecimento dos laços de solidariedade. Para esses jovens, a educação é tida como uma forma de acesso à condição de vida melhor, uma vez que proporcionou mudanças de vida para essas pessoas. Para Cleane,

> [...] a escola é uma grande conquista pra nós, como você pode vê, atende a demanda da comunidade. Nem na cidade de Estreito existe uma escola com estrutura dessas, é coisa de lugar grande, inclusive até trabalho como assistente administrativa lá. Isso é gratificante, porque traz o retorno pra comunidade, se é pra vim profissionais de fora do

[188] COSTA, Regina Rodrigues. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

> assentamento, com a construção da escola, essa mão de obra será oferecida pelos trabalhadores daqui. Além de diminuir a saída de jovens pra outros locais pra estudar. Espero que no futuro possamos ter mais coisas ainda mais.[189]

A narrativa aponta que a construção da escola irá contribuir para a diminuição do fluxo de jovens que saem do assentamento para a cidade, cuja migração ocorreu para estudar, mas, devido às condições de se manterem na cidade, tornou-se essencial a busca por emprego. Por outro lado, é recorrente nas falas dos jovens o descontentamento pela falta de estudos mais avançados, como curso técnico e superior. Conforme destacou Cristiano:

> Fiz meus estudos aqui, até oitava série e daí parei. Agora com a escola funcionando tá mais fácil de continuar. Pretendo no futuro retomar meus estudos, fazer um curso de informática, tirar habilitação, fazer um curso pra engenharia e aperfeiçoar pra trabalhar por conta própria e ajudar mais aqui. Espero que venha para o assentamento, essas oportunidades de cursos, que podem funcionar no próprio prédio da escola, isso ajudaria muito a comunidade daqui que carece de estudos mais avançados que possam formar profissionais.[190]

Oliveira apontou que essa subcategoria traz questões que giram em torno do conhecimento, uma vez que aprender a ler e escrever faz revelar mundos até então desconhecidos para jovens de ambos os gêneros. [191] Demonstrou que o conhecimento adquirido no processo ensino-aprendizado faz parte das expectativas recorrentes da juventude dos assentamentos. Portanto, é uma forma de ser capacitado para alcançar determinados objetivos, pois esses jovens têm expectativas de melhoria de vida, principalmente estando ligada ao avanço dos estudos.

No Serafim, desde o ano 2000, os assentados reivindicavam da Prefeitura de Estreito a implantação de um posto de saúde no assentamento, no sentido de tornar mais acessível o atendimento aos idosos que compõem a faixa etária das famílias do Serafim. Também porque diminuiria o sofrimento em relação às péssimas condições de deslocamento dessas pessoas até a cidade, em busca de atendimento médico.

Com relação ao atendimento de saúde no assentamento, é disponibilizado desde o período de regulamentação da área, quando os assentados contavam com esse serviço três vezes ao mês, que acontecia nas próprias mediações dos lotes. Quanto à

---

[189] SILVA, Cleane Guedes. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[190] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[191] OLIVEIRA, R. op.cit.;p.107.

visita de agentes sanitários, ocorria da mesma maneira, sempre de forma regular, permanecendo atualmente, este inclusive é um dos fatores que contribuíram para que doenças e epidemias não se disseminassem no espaço.

O trabalho realizado pelos agentes consiste em identificar possíveis doenças e orientar a procura de tratamento médico na cidade, em casos de saúde mais grave. Fazem parte da rotina de atendimento desde o agendamento de consultas, acompanhamento de pessoas com problemas relacionados à hipertensão, recebendo acompanhamento especial, principalmente os idosos, e também entrega de medicamentos.

Porém, durante o período de inverno, esses serviços de atendimento médico realizados no Serafim sofriam prejuízo devido às péssimas condições da estrada. Nesse período, os trabalhadores tinham de se deslocar para Estreito, caso alguém ficasse doente; geralmente aqueles vizinhos que possuíam algum transporte é que ajudavam no processo de locomoção.

Referente ao atendimento médico no assentamento, foi inaugurado, no primeiro semestre de 2017, um posto de saúde que realiza atendimento de toda a comunidade do Serafim, como também a outros assentamentos vizinhos que não possuem posto de saúde. Observei que a existência do espaço facilitou o acesso dos assentados, principalmente dos idosos, a consultas de rotina. O posto de saúde possui equipamentos novos, oferece um ambiente climatizado, não ocorre falta de material, possui salas para consultas, banheiro e outros equipamentos, que geralmente são encontrados em hospitais no meio urbano. A imagem abaixo oferece uma visão da parte externa do local.

**Foto 05:** Posto de saúde Alzerinda Gomes. Foto de SILVA, Ronísia. 2017.

No ambulatório médico, estão sendo realizadas consultas, exames, oferecendo aos assentados o mesmo aparato médico da cidade. Todos os entrevistados avaliaram de forma positiva a oferta de serviços feita pelos profissionais, conforme foi percebido no depoimento de Cleane:

> Hoje, com as modificações que teve aqui, estamos no paraíso, temos um posto que é como um mini hospital, tem dentista, pediatra, ginecologista e outros médicos que atendem a nossa necessidade. A gente nunca pensou que fosse ter um posto de saúde desse porte aqui. Pra que se deslocar para cidade, se temos os mesmos serviços aqui pertinho de nós. [192]

Foi possível constatar que, além do atendimento médico realizado hoje no posto de saúde, também são oferecidas aos assentados explicações de conscientização, relacionadas às problemáticas que afetam a saúde, causadas pelo uso do cigarro, bebidas alcoólicas, doenças sexualmente transmissíveis, sendo principalmente direcionadas ao público jovem.

> Eu ainda não precisei do atendimento do posto de saúde, mas meu irmão já utilizou os serviços relacionados aos dentes e consulta com o clínico geral. De acordo com ele, foi feita uma avaliação completa. Também tem muitos cartazes que alertam sobre algumas doenças, além das enfermeiras do posto que sempre explicam muita coisa pra gente. Desse jeito é bom, porque a gente fica sabendo de coisa que é pro bem da própria saúde da gente.[193]

Todas essas informações foram recebidas de forma positiva pelos sujeitos. Foi observado também que no local não existe bar e que a não existência está relacionada a uma das normas do estatuto para manter a boa convivência da comunidade, elaborado durante assembleia na época do acampamento, cujo objetivo era impedir o desenvolvimento de vícios alcoólicos no espaço por parte dos jovens e também pelo fato de a maioria dos moradores ser idosa e precisar de um ambiente calmo.

**

É preciso afirmar que qualquer política pública destinada à juventude necessita da ampliação do entendimento dos modos de ser jovem e uma escuta sensível para a

[192] SILVA, Cleide Guedes. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[193] RODRIGUES, Vanessa Bezerra. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

construção e participação juvenil, pois os impasses do presente não podem transformar o futuro em um tempo ausente. O futuro precisa ser construído de forma participativa, envolvendo de forma mais efetiva os jovens nos grandes debates e ações da sociedade brasileira.[194] Durante a produção das entrevistas, quando questionei os sujeitos sobre o futuro, as expectativas dos jovens assentados giram em torno de mais conquistas para o espaço, como apontou Cristiano:

> Esperamos que mais na frente a gente consiga uma escola de ensino médio. E também fazer com que os jovens participem mais ativamente da associação de moradores, porque a presidenta já está de idade e não tem mais resistência pra correr atrás de benfeitoria para o assentamento. Se os jovens passam a ocupar um papel maior aqui, acredito que vamos avançar em muitas coisas. Afinal, nós somos a continuidade do que começou lá atrás. Se não for a gente pra levar essa luta adiante, tudo isso corre o risco de acabar. [195]

O interesse dos jovens em dar continuidade aos estudos e realizar capacitação profissional é visto como uma possibilidade de ingressar em profissões no intuito de beneficiar a comunidade do espaço onde vivem, conforme Cleide destacou:

> Seria muito bom se a gente tivesse acesso a curso de ensino superior aqui no assentamento na modalidade à distância. Porque é cansativo ter que se deslocar para o Estreito que é o lugar mais perto que oferece essa oportunidade pra gente, principalmente quando a gente tem criança pequena. Estou quase concluindo o curso em Pedagogia, no polo que tem em Estreito. Pretendo depois de formada ajudar aqui no Serafim, agora com a escola construída as possibilidades de ficar aqui são maiores.[196]

A juventude do campo já não vive limitada, o jovem do campo, hoje, está integrado a redes de informações,[197] que ocorrem algumas vezes pela relação com o espaço urbano. Percebemos na fala de Cristiano as expectativas que o jovem tem para o futuro e o que espera em relação à administração pública do município de Estreito:

> Pra mim ainda falta asfaltamento da estrada, porque na época do inverno carro pequeno não entra no assentamento. Falta quadra de esporte, pra que as crianças e adolescentes possam treinar num local adequado, igual o pessoal da cidade tem. Isso é dever da prefeitura, afinal aqui tem eleitores, somos cidadão, então temos que ter os

[194] OLIVEIRA, E.op.cit;p.94.
[195] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[196] SILVA, Cleide Guedes. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[197] OLIVEIRA ,E.op.cit.; p. 96.

> mesmos direitos de quem mora fora daqui. Mas acredito que no futuro, teremos o que ainda falta. [198]

No esforço de analisar a forma como os filhos de assentados se afirmam como sujeito social, buscou-se ouvir cada um, no sentido de conhecer o que expõem sobre projetos e sonhos futuros relacionados à estrutura do local onde moram. Relacionado a isso, Raimundo contou:

> Claro que embora as conquistas tenham sido grande, ainda almejamos melhorias como uma reforma das casas, asfaltamento das ruas ou cascalhos e um ensino superior pra gente não ter que sair daqui. Conseguindo isso mais na frente, acredito que nossos filhos e netos estão com o futuro garantido.[199]

A partir das narrativas abaixo, entendo que fazem parte das aspirações das gerações do Serafim para o futuro dois elementos muito fortes no imaginário dessas pessoas. Primeiramente, a demonstração, ao expor que pretendem continuar os estudos e sonham em fazer universidade, como destacou Cristiano:

> Parei de estudar, porque na época não tinha a escola aqui e era tão dispendioso ter que ir se deslocar. Pretendo voltar a estudar no próximo ano de 2018. Gosto de eletricidade e de lidar com o gado, acho que me daria bem seguindo uma dessas profissões. Ainda mais porque mexo com isso aqui no Serafim. Acontece de um animal grande adoecer, a gente mesmo dá um jeito aqui, porque não dá pra esperar vim um profissional da cidade. Aí, se a gente estuda, especializa, a gente passa a ter mais conhecimento daquilo, pra ajudar na comunidade. Espero que até lá, já tenha essa oportunidade de estudo aqui no assentamento. Com o espaço que a escola que foi inaugurada tem, dá pra funcionar esses cursos a nível superior lá mesmo.[200]

Logo mais, foram observados aqueles que pensam em encerrar a escolaridade, referentes ao ensino médio, mas que ainda exprimem dúvidas quanto ao rumo a seguir, como foi apontado por Vanessa:

> Tenho vontade de voltar a estudar, quero fazer até o ensino médio, mas, não quero sair daqui. Tenho muita vontade de ser policial e como não precisa de faculdade, seria menos puxado pra mim. Mas não sei se

---

[198] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[199] FRANÇA, Raimundo Nonato de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.
[200] FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

> daria certo, o melhor mesmo é depois que terminar os estudos decidir o que dá pra gente seguir.[201]

Para Domingos Rodrigues Trindade, nota-se que é cada vez maior o número de jovens que expressam um sentimento de indecisão sobre quais profissões escolher. É como se lhes faltasse maturidade para decidir algo tão importante para suas vidas que lhes proporcionaria uma dimensão maior na perspectiva da inserção social. Nesse sentido, reafirmou que a juventude não pode ser compreendida apenas como uma breve passagem da infância para a maturidade ou uma transição para a vida adulta. A Juventude é um momento complexo da vida humana, carregado de significação social, de profundas definições de identidade na esfera pessoal, social, profissional, o que requer intensa experimentação, em diferentes esferas.[202]

Trindade ressaltou ainda que, frente a tantas questões que imprimem a diversidade e singularidade dos jovens pesquisados, compreende que as condições juvenis se desenvolvem em múltiplas dimensões, logo o tempo dos/das jovens é diferente e suas condições juvenis assumem contornos diferentes. Isso significa que, enquanto para uns é tempo de pensar, idealizar seus projetos de futuro, para outros, é tempo de indecisão.[203]

Foi percebido que faz parte do desejo dos jovens alcançar um curso superior ou técnico, mas que não prejudique a permanência no campo. Tais escolhas expressam os valores que mantêm em relação ao trabalho rural. São esses valores que permitem a idealização de um futuro profissional, desde que permaneçam no Serafim. Nas falas dos jovens, foi apontado que, enquanto uma parcela tem interesse em avançar com os estudos no sentido de deter conhecimento, em contrapartida, há aqueles jovens que aguardam concluir o ensino médio para decidirem o rumo a trilhar.

Em outro momento, foi ressaltado pelos jovens que uma das maiores preocupações hoje no assentamento é com o aumento do número de plantações de eucaliptos que se encontram nas proximidades, geralmente em propriedades particulares que cederam lugar a essa atividade pertencente a empresas de grande porte, por se tratar de uma vasta plantação. Atualmente, o Serafim é considerado o assentamento mais arborizado da região, pela preservação da área do cerrado que foi mantida pelos

---

[201] RODRIGUES, Vanessa Bezerra. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

[202]TRINDADE, Domingos Rodrigues. **Perspectiva de futuro dos/das jovens de assentamento rurais na microrregião Guanambi.** Revista Retratos de Assentamentos, Bahia, v.19, n.1, p. 157 - 301,2016. p.167.

[203] TRINDADE,op.cit.; p.196.

trabalhadores que vivem neste lugar. Dessa forma, Trindade ressaltou ser interessante levar em consideração as autorrepresentações do ser jovem e a forma como visualizam o meio rural. Esta é figurada como um ponto positivo em ser jovem no contexto do assentamento, onde todo mundo conhece todo mundo, todos estão juntos. O fato de as casas serem construídas próximas umas das outras e sem muro é uma forma de estarem juntos. Acordar, sair no quintal, dar um bom dia ao vizinho se traduz na visão dos jovens, como algo importante para a convivência nesses espaços.[204] Foram as relações de vizinhança que fortaleceram os laços de sociabilidade entre as pessoas que vivem no Serafim, sendo tido como fundamental para dada harmonia no ambiente, onde todos buscavam se respeitar e quando há uma reciprocidade dessas manifestações, inclusive com quem visita este espaço.

As fronteiras que antes isolavam o espaço rural do urbano estão mais interligadas. Já não se pode mais olhar o campo como local de retrocesso, sendo que as transformações ocorridas apontam o meio rural como local onde se desenvolvem as relações de trabalho, que são intensificadas, principalmente pela juventude. Importante entender que essa dinâmica interliga desde as famílias que vivem ali, como também a comunidade de forma geral e a cidade. Foram essas transformações que compuseram as experiências dos jovens assentados e dialogam com suas inserções nos espaços sociais que frequentam. A juventude rural se apresenta longe do isolamento, dialoga com o mundo globalizado na construção de sua identidade como trabalhador, agricultor familiar, acionado a diversas estratégias de disputa por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos. Assim, é compartilhado por estudiosos e pesquisadores que a juventude se constitui como peça estratégica na construção de uma nova ordem societária e que ainda persiste a necessidade de formulação de políticas específicas destinadas a ela.[205]

Portanto, o papel da juventude é decisivo nas transformações internas que acontecem neste espaço. Percebe-se que as mudanças e formas de recriar o trabalho neste local são alternativas construídas pelos jovens, sem que haja perda dos costumes passados por várias gerações. Os jovens do assentamento gostam de morar na zona rural, sendo seu desejo dar continuidade às atividades exercidas, avançar profissionalmente em áreas distintas, no entanto mantendo relações com o espaço, pois

[204] TRINDADE, op.cit.; p.252.
[205] SANTOS, Ana Caroline Trindade. **Juventude rural e permanência no campo**: um estudo de caso sobre juventude do Assentamento rural Flor do Mucuri/SE. 106f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009, p. 97.

o lugar que ajudaram a construir possibilita isso. Além do acesso à alimentação e morada, é lugar de novas lutas, sendo bastantes expressivos o sentimento de envolvimento existente e a identidade construída.

## Considerações Finais

As ocupações de terras são ações coletivas que buscam alcançar o reconhecimento, por parte do Estado, de que determinada terra já não cumpre mais sua função social, ou seja, por meio das desapropriações de propriedades tidas como improdutivas. São também instrumento de mobilização política e social, em que os conflitos ocorrem tanto pela apropriação como pela desapropriação. Nesse contexto, é importante entender como essas questões foram repercutidas na sociedade, como os noticiários e demais fontes de informação desemprenharam seu papel. Cabe destacar aqui as fontes jornalísticas, que expressam uma determinada visão da sociedade, na maioria das vezes aliada a interesses políticos e econômicos, portanto devem ser analisadas com cuidado. Entendemos que o seu uso possibilita compreender processos históricos, como também o posicionamento dos próprios veículos de informação. Nesse processo, a imprensa mostrou seu lado favorável e também contrário às ocupações, o que muitas vezes legitimou o discurso da classe dominante, principalmente dos grandes proprietários de terra.

Ressalta-se que o processo de luta pela terra é histórico e, ao longo do tempo, foi transformado em ação criminosa, principalmente com a morte de trabalhadores rurais que lutavam pela viabilidade desse projeto. Portanto, ainda destacamos Pereira, ao registrar as violências cometidas contra trabalhadores no estado Pará, não se diferenciando das práticas utilizadas no Sul maranhense:

> Homens e mulheres, foram assassinados e expostos como exemplos que deveriam ficar marcados na alma daqueles que quisessem tentar entrar e tomar como posse as propriedades consideradas alheias. Corpos de trabalhadores que até hoje não sabemos os seus nomes, não conhecemos os seus rostos, nem as suas idades, nem as suas naturalidades, foram encontrados esquartejados, destruídos, putrificados e devorados por urubus. Ali, muitas vezes, jogados à beira das estradas, dos rios, dos igarapés, as pessoas deveriam ver com seus próprios olhos o que poderia acontecer com elas, caso ousassem enfrentar o poder dos grandes proprietários de terra.[206]

[206] PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo. 2013. 278f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013, p.230.

Como vimos, em relação à mediação e conflitos que envolveram a luta no campo, a violência atingiu grande proporção, alcançando entidades que apoiaram a luta pela terra, lideranças religiosas e pessoas ligadas aos movimentos sociais que marcaram esse espaço em discussão. Em vários momentos, com a permissão do próprio Estado, pois policiais militares invadiam terras ocupadas pelos trabalhadores, prendiam-nos, agrediam; tudo isso com apoio do aparelho estatal. O judiciário teve pouca agilidade para tratar de todas essas questões, muitas vezes os magistrados recusavam evidências de crimes apontadas pela CPT, entidade que nesse processo teve muita importância, por reunir denúncias de trabalhadores, vítimas do poder excessivo dos representantes do Estado. Dessa forma, os conflitos e as práticas de violências físicas e simbólicas no Sul maranhense envolveram vários atores e ainda envolvem um conjunto de práticas e de interesses presentes ali. Para os grandes proprietários, as diversificadas formas de violência sempre foram um meio de inviabilizar as ocupações e desapropriações, tornando determinada área valorizada para que tivessem ganhos financeiros junto aos grupos políticos do Estado.

Essas ações nos fazem refletir sobre os valores ameaçados, remetemo-nos à fase do acampamento, quando as reuniões, festividades e demais atividades coletivas ocorriam em local improvisado pelos sujeitos. Esse período foi recordado pelos trabalhadores como a melhor época, mas também foram experiências que ficaram marcadas pela precariedade de tudo, ou seja, do básico de que se precisava em termos de subsistência para permanência no local. Foi o tempo das perseguições por parte de jagunços a serviço dos grandes proprietários de terra e da polícia, motivo pelo qual vários trabalhadores desistiram de lutar pela continuação ali; por outro lado, contribuiu para permanência de vários sujeitos que prosseguiram com seus projetos de conquista da terra.

Dessa forma, a busca pela concretização do projeto de vida, ao possuir um pedaço de terra, foi sendo moldada por muitos desses sujeitos, quando ainda eram crianças e participaram da fase inicial da ocupação. Por meio das intinerâncias, chegaram à fronteira que divide o Sul maranhense com a região do Bico do Papagaio e partiram para a localidade da fazenda Serafim, onde construíram suas relações de moradia e trabalho. No entanto, o estabelecimento na área não foi tranquilo e a possibilidade de acesso à terra perpassou por interesses dos que não mediram força para expulsar as famílias da terra. Desde a queima de plantação, casas, tentativa de envenenamento da água do riacho, todos estes e outros confrontos rememorados pelos

trabalhadores foram discutidos nesta pesquisa, sendo, portanto, significativas todas essas reflexões, para que possamos compreender como ocorreram os embates neste território de fronteiras. Dinâmicas com desfechos violentos e que não deixaram de ser constantes nas trajetórias de vida dos sujeitos. Relações de poder e formas de resistências que foram utilizadas frente aos limites e ações de disputa pela terra

Quanto às questões relacionadas à juventude, os sujeitos participaram e continuam participando do processo de produção e das questões sociais da comunidade. Encontramos jovens engajados nas atividades que exercem dentro deste espaço e a vontade de permanência no local como forma de dar continuidade aos projetos iniciados pelos pais ou avós, o que os coloca como protagonistas de uma nova luta neste processo.

A importância da família para esses jovens foi bastante visível, pois é tida como referencial de luta. Já para as famílias, os jovens são tidos como continuidade de valores e principalmente por reproduzir aquilo que foi aprendido com os mais "velhos". Eles participam da produção de queijo, colheita dos produtos, criação de animais, enfim são colaboradores de todas as atividades do assentamento. No entanto, ainda é desejo das gerações participar mais ativamente da associação de moradores, pois há um descontentamento com relação à atual presidenta da associação que, de acordo com as narratividades, tem limitações para administrar, principalmente pela idade avançada. As reclamações são principalmente pela falta de assembleia, apontada como um dos momentos de reuniões das famílias que vivem ali para executar planos e ações que venham beneficiar todos os moradores. Constata-se que, mesmo tendo acesso ao espaço urbano, os jovens optaram por ficar no assentamento, participando da construção social, da agricultura, enfrentando as dificuldades cotidianas.

Com relação às perspectivas para o futuro, os jovens expressam emoções, sentimentos, ambos ligados ao cotidiano e às relações estabelecidas, tanto internas como externas, pois os sujeitos dialogam com a fronteira do rural e urbano, almejam cursar o ensino superior e atuar no local onde moram; têm expectativas relacionadas às melhorias das condições em que vivem, principalmente na infraestrutura do assentamento; desejam continuar repassando os saberes adquiridos com pais e avós; contribuindo com o desenvolvimento do local. A interação desses elementos é constituída nos discursos das gerações do Serafim, demonstrando as dimensões que articulam e fazem parte do projeto dos sujeitos que vivem no assentamento. Ao longo

da pesquisa, esses elementos nos possibilitaram compreender que as gerações do Serafim vêm atuando como protagonistas de seu tempo.

É importante descrever, nesta parte do trabalho, a importância da pesquisa de campo, a partir da primeira visita ao Serafim, quando tive a oportunidade de manter relação direta com os sujeitos, podendo compreender com mais proximidade um pouco de suas experiências, histórias de vidas e a forma como se veem perante o contexto de luta pela terra em que estão inseridos. Antes da ida ao acampamento/assentamento, vários elementos passavam pelo meu imaginário, ao tentar refletir um pouco sobre esses trabalhadores, pois imaginava encontrar um espaço onde todos se reconheciam como militantes e que a ocupação tivesse sido organizada por lideranças de esquerda que, na década de 1980, tiveram destaque na região. Ao conhecer a realidade, a partir das narratividades, pude perceber que se tratava de um lugar com dinâmicas diferentes e com particularidades de cada sujeito, onde os que se reconhecem como militantes compõem minoria no espaço, e a ocupação ocorreu devido à atuação em sindicatos ou por terem militado em algum movimento. Outro elemento é que os trabalhadores se reconhecem como sujeitos que protagonizaram a luta neste espaço, isso não torna invisível o reconhecimento aos que ajudaram na caminhada, pois são vistos como referências por terem atuado na luta pelos direitos dos trabalhadores.

Procurei refletir sobre o conjunto de experiências dos trabalhadores rurais itinerantes e suas trajetórias pelo estado do Maranhão, até meados da década de 1980, quando ocuparam a Fazenda Serafim, lugar que foi palco de lutas, conflitos, esperanças, conquistas da terra, com a formação do Acampamento/Assentamento Serafim.

Desse conjunto de elementos, foi possível entender a maneira como esses sujeitos se reconhecem neste processo, reelaboram o passado e ressignificam suas vidas no presente. O que só foi possível por meio das histórias e memórias do ir e vir, que se fez por meio das partidas e chegadas, desvendando tramas itinerárias dos sujeitos que, até então, tinham suas identidades ocultas.

Por isso, buscamos apresentar as várias dimensões e significados dessas experiências e como foram importantes em relação às práticas culturais dos tempos vividos por esses sujeitos. As fontes orais foram imprescindíveis para esse estudo, como meio revelador de significados e por possibilitar o trajeto da produção das próprias fontes, criando condições para se pensar em valores, em disputa que transcende gerações, como também a própria relação entre entrevistador e entrevistado.

Nesse sentido, destacou-se a importância de conhecer o público das gerações (filhos, netos...) que permanecem no Assentamento Serafim, como também a forma como pensam a relação cidade e campo, ressaltando que a escolha de permanência no local se deu por aquilo que se conhecia de Estreito.

Foi percebido que há um grande interesse da juventude que permanece no assentamento em participar mais ativamente dos assuntos que envolvem a comunidade, principalmente quando fazem referência aos assentados mais idosos, que são apontados como pessoas que não têm mais estrutura física para participar mais intensamente dos debates no espaço.

Em relação às conquistas da escola e posto de saúde para o Serafim, percebemos que tais êxitos despertaram nos assentados a crença de que a luta realizada no espaço para permanecerem na terra realmente valeu a pena e que agora estão colhendo os frutos bons disso. Para compreender o tempo presente, analisamos a narratividades das gerações que viveram momentos importantes do acampamento/assentamento.

A pesquisa apresenta como as relações sociais neste espaço sofreram alterações ao longo do processo, em meio aos conflitos e diversos agentes envolvidos. Demonstrou a prática da itinerância como uma ação histórica e que, para muitos sujeitos, é uma possibilidade de alcançar melhores condições de vida. Buscou-se discutir, por meio do trabalho, os meandros sociais que resultaram na luta pela terra na Fazenda Serafim. Por isso, foi de suma importância refletir o fazer-se dos sujeitos neste espaço, como também suas práticas, ao lidar com as situações conflituosas que, hora ou outra, envolviam-nos, sendo fundamental a realização desse exercício sem perder de vista as trajetórias dos trabalhadores.

Pretendo com a pesquisa fomentar novas discussões sobre os conflitos pela posse da terra e as dimensões que tiveram no Sul do Maranhão, a partir dos valores da vida no espaço rural. Principalmente, a forma como as relações se constituem em lugares de fronteira, considerando, além da dimensão física, principalmente a simbólica.

## FONTES

## ARQUIVO

ARQUIVO DIGITAL. ALMEIDA, Valdinar; CUNHA, Valdeir; SOARES, Willians Muller Alves. **Conflitos Agrários na Região do Bico do Papagaio**: Levantamento histórico e novas perspectivas. 12 de janeiro de 2012.
Disponível em: http://reisdageografia.blogspot.com.br/2012/01/conflitos-agrarios-na-regiao-do-bico-do_12.html Acesso em 11 abr. 2017.

ARQUIVO DO INCRA. **Relatório da Fazenda Serafim. Imperatriz - Maranhão** (Documentação impressa com laudo técnico da terra, até 2004).

_____. **Relatório da Fazenda Serafim**: Memorial Técnico. Decreto Federal de 19 de março de 1999, docs. n. 04 e 05, publicado no DOU de 22 mar. 1999.

ARQUIVO DO MST. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Ano IX, n. 94, junho de 1990.
Disponível:http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=836&pesq Acesso em 11 fev. 2017.

ARQUIVO DO MST. Dossiê digital: "A violência da PM, UDR e Para-militares contra os Sem-Terra". São Paulo: 23 de Agosto de 1989.
Disponível:http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1989%20%E2%80%93%20Dossi%C3%AA%20resumido%20%E2%80%93%20A%20viol%C3%AAncia%20da%20PM,%20UDR%20e%20ParaMilitares%20contra%20os%20Sem%20Terra%20-%20MST.pdf Acesso em 02 out. 2017.

## DOCUMENTOS

Comissão Camponesa da Verdade. **Relatório Final**: Violação dos Direitos no Campo 1946 a 1988. Brasília. Dezembro de 2014.

SANTOS, Manoel Conceição. **Carta enviada à Comissão de Direitos Humanos**. 24/05/2012. Disponível em: http://fbes.org.br/2012/05/24/depoimento-de-manoel-conceicao-santos-na-comissao-de-direitos-humanos/ Acesso em 15 mar. 2017.

## ENTREVISTAS ORAIS

BEZERRA. Raimunda Ferreira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

COSTA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

COSTA, Regina Rodrigues. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

CRUZ, Teresa Alves. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

FERREIRA, Josimar Barros. **Entrevista** [fev 2010]. Imperatriz: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.

FRANÇA, Cristiano de Sousa. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

RODRIGUES, Vanessa Bezerra. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

SANTOS, Cleiva Silva. **Entrevista** [mar 2010]. Amarante: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010. gravador.

SANTOS, Francisco Reginaldo de Santana. **Entrevista** [nov 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SANTOS, José Carlos de Araújo. **Entrevista** [mar 2010]. Riachão: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010. gravador.

SANTOS, João Teixeira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SILVA, Antônio Pereira da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SILVA, Ana Maria. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SILVA, Cleane Guedes. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

SILVA, Elias Barros. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

SILVA, José Pereira. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SILVA, Maria dos Anjos Ribeiro da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SILVA, Raimundo Pereira da. **Entrevista** [mar 2016]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2016. gravador.

SOUSA, Raimundo Nonato. **Entrevista** [jun 2017]. Entrevistador: Ronísia Mara Moura Silva. Estreito: Assentamento Serafim, 2017. gravador.

SOUSA, Rosalves Pereira de. **Entrevista** [mar 2010]. Carolina: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2010.

**FIGURA**

FIGURA 1 - Área da Fazenda Serafim, contendo delimitações do local.

**FOTOS**

FOTO 1 - Raimunda Ferreira Bezerra (conhecida como “Ziza”), com sua criação de animais.

FOTO 2 - Moradia dos assentados, atualmente.

FOTO 3 - Escola Municipal Pedro Gomes.

FOTO 4 - Posto de Saúde Alzerinda Gomes.

**JORNAIS**

O IMPARCIAL. São Luís - Maranhão. Exemplares diversos de 09 de maio de 1988 a 2000.

O PROGRESSO. Imperatriz - Maranhão. Ano XVIII, n. 6.550, 28 de novembro de 1985.

O PROGRESSO. Imperatriz - Maranhão. maio de 1986.

O PROGRESSO. Imperatriz - Maranhão. n. 6.584,17 de abril de 1986

O PROGRESSO. Imperatriz - Maranhão. 09 de maio de 1988.

**MAPAS**

MAPA 1 - Localização do assentamento Serafim, no município de Estreito.

MAPA 2 - Municípios de Pindaré- Mirim, Santa Luzia, Santa Inês e demais municípios da região maranhense.

MAPA 3 - Malha viária de rodovias federais, estaduais e municipais.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, Ricardo. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco,1998

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: texto em história oral/o lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Valdinar; CUNHA, Valdeir; SOARES, Willians Muller Alves. **Conflitos Agrários na Região do Bico do Papagaio**: Levantamento histórico e novas perspectivas. Disponível em: http://reisdageografia.blogspot.com.br/2012/01/conflitos-agrarios-na-regiao-do-bico-do_12.html. Acesso em 20 de maio de 2017.

ALVES, Laci Maria Araújo. **Igreja Católica**: imaginário, ditadura e movimentos sociais. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 26, n. 2, jul/dez. 2013.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. São Paulo: UNESP, 1995.

ANDRADE, Carla Coelho; AQUINO, Luseni Maria C; CASTRO, Jorge Abrahão. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

ANTUNES, Wilkie Buzatti; SANTOS, Manoel da Conceição; SOARES, Paula Elise Ferreira. **Chão de minha utopia**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **A experiência humana e o ato de narrar**: Ricouer e o lugar da interpretação. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 17, n. 33, 1997.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

CALLEGARI, Ricardo. **Entre lutas, valores e pressões**: Juventude Rural Sem Terra e a organização social do trabalho nos Assentamentos Missões e José Eduardo Raduan. 2015.165f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cândido Rondon, 2015.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade/Pensar, Classificar**: memória e ordenação do Mundo. São Paulo: Contexto, 2011.

CARRANO, Paulo. etal. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, 2007.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CONCEIÇÃO, Manoel da. **Essa Terra é nossa**: depoimento sobre a vida e as lutas de camponeses no Estado do Maranhão. Petrópolis: Vozes, 1980.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa. Revista Projeto História. São Paulo, n. 35, p.253-270, dez. 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano. STÉDILE, João Pedro. **Brava Gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 3. ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

FILGUEIRAS, Otto. **Luta social**: "Minha perna é minha classe". Revista Espaço Acadêmico, n. 97, p. 1-10, jul. 2009.

GALVÃO, Pollyana da Silva. **O Discurso sobre a Questão Agrária no Jornal Católico Sinais dos Tempos** (MA). 2013. 104f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2013.

GOMES, Iria Zanoni. A construção de uma nova subjetividade. IN: **Tuiti Ciência e cultura**, n. 23, 2001, Curitiba. Artigo. Curitiba: Fchla,2001. p. 147-157, Curitiba, out. 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa**: delineamentos metodológicos. Rio Grande do Sul, 2015. p. 4. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view Acesso em 25 de maio de 2017.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná. Curitiba: Aos quatro ventos, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar**. 3. ed. São Paulo: Hucitec. 1982.

MARTINS, Rui Cunha. **Fronteira, Referencialidade e Visibilidade**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, Edição Especial, n. 1, p.7-19, 2000.

MENEZES, Marilda; MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **As ligas camponesas na Paraíba**: um relato a partir das memórias dos seus protagonistas. Revista Ruris, Paraíba, v. 5, n. 1, p.1-35, mar. 2011.

MINC, Carlos. **A Reconquista da terra**: estatuto da terra, lutas no campo e reforma agrária. Rio de Janeiro: Zahar,1985.

MOURA, Margarida Maria. **Os deserdados da terra**; a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia e os movimentos sociais. In: **Perspectiva Geográfica**. Artigo. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE,p. 7-28. 2007.

_____. **A agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Gerson Alves de. **Os posseiros e a luta pela terra na região do Bico do Papagaio de 1964-1985**: Modernização e Tradição. 2010. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Estadual Paulista. Marília, 2010.

OLIVEIRA, Rosa de Souza. **Expectativas de jovens que vivem em assentamento**: um estudo sobre a tríade trabalho-educação-família. 153f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) Universidade Federal do Pará. Pará, 2006

PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo. 2013. 278f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

PESSOA, Dirceu. **Política fundiária no Nordeste**: caminhos e descaminhos. Recife: Massangana, 1990.

PINSKY, Carla. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. Proj. História. São Paulo, PUC/SP, n.14, 1997.

_____. **O que faz a história oral diferente**. Proj. História, São Paulo, 1997.

REIS, Thays Assunção. **A cultura nos diários maranhenses**: uma análise editorial dos jornais O Estado do Maranhão, o imparcial, pequeno e o progresso. 2017. 143f. Dissertação (Mestrado em jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2017.

RIBEIRO, Veridiana Soares. **Territorialização camponesa**: O lugar de viver no assentamento 24 de Novembro - Capão do Leão-RS. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2012.

RIOS, Ana Lúcia Moreira. **Fronteiras Culturais e (Des) Territorialização no Discurso de Resistência em a Terra do Fogo**. Revista Revell.v. 2. N.13. agosto de 2016.

ROLIN, Francisco Cartaxo. **O que é pentecostalismo**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Ana Caroline Trindade. **Juventude rural e permanência no campo**: um estudo de caso sobre juventude do Assentamento rural Flor do Mucuri/SE. 106f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SANTOS, José Vicente Tavares. **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec,1999.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva/Crítica do testemunho: Sujeito e Experiência. Belo Horizonte: Companhia das letras, 2007.

SCHRENEIR, Davi F. **Entre a Exclusão e a Utopia**: Um Estudo Sobre os Processos de Organização da vida Cotidiana nos Assentamentos Rurais. 2002. 461f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SEVERI, Fabiana Cristina. **Experiência, memória e autonomia em um assentamento de reforma agrária na região de Ribeirão Preto-SP**.2010.312f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010. p. 92.

SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães. **"Um pé aqui e outro lá"**: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios. 106f. Dissertação (mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cândido Rodon, 2010. p.31

SILVA, Ronísia Mara Moura. **A luta Camponesa no Sul do Maranhão Através da liderança de Manoel da Conceição**. 2011, 82f .Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, Imperatriz, 2011.

SILVA, Tatiane Karine Matos. **Conflitos pela terra na gleba Ponte Queimada**: experiências de disputas por terra em narrativas (1960-1972). 2015.194f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015.

SOUZA, Mariana Jantsch. **Fronteiras Simbólicas** – Espaço de Hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoum. Artigo. ed. Letrônica, Porto Alegre, v. 7, n.1, 2014.

STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**: o debate na esquerda –1960-1980. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

_____. **Senhores e caçadores**: a origem da lei negra. tradução, Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WELCH, Clifford Andrew. **Lutas e Resistências**. Londrina: Midiograf, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura/tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ZANGELMI, Arnaldo José. **História, Identidade e Memória no Assentamento Aruega-MG**. 2007. 163f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2007.